ROMANCES NOVA CULTURAL 24

COUNTRY

Julia

Doces Tentações

Laura Anthony



SBD

Título original: *Honey of a husband*

Copyright © 1998 por Laura Anthony
Copyright da tradução © 1998 por Editora Nova Cultural.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Leda Moriya

revisão: Projeto Revisoras

preparo de originais: Projeto Revisoras

digitalização: Poly e Crysty

capa: Star Books Digital

adaptação para ebook: Star Books Digital

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ



Anthony, Laura

Doces Tentações [recurso eletrônico] / Laura Anthony [tradução de Editora Nova Cultural]; Rio de Janeiro: Editora Nova Cultural, 1998.

recurso digital (Julia Country; 24)

Tradução de: Honey of a husband

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-03-7319-322-6 (recurso eletrônico)

1.Romance de Banca. 2. Livros eletrônicos.

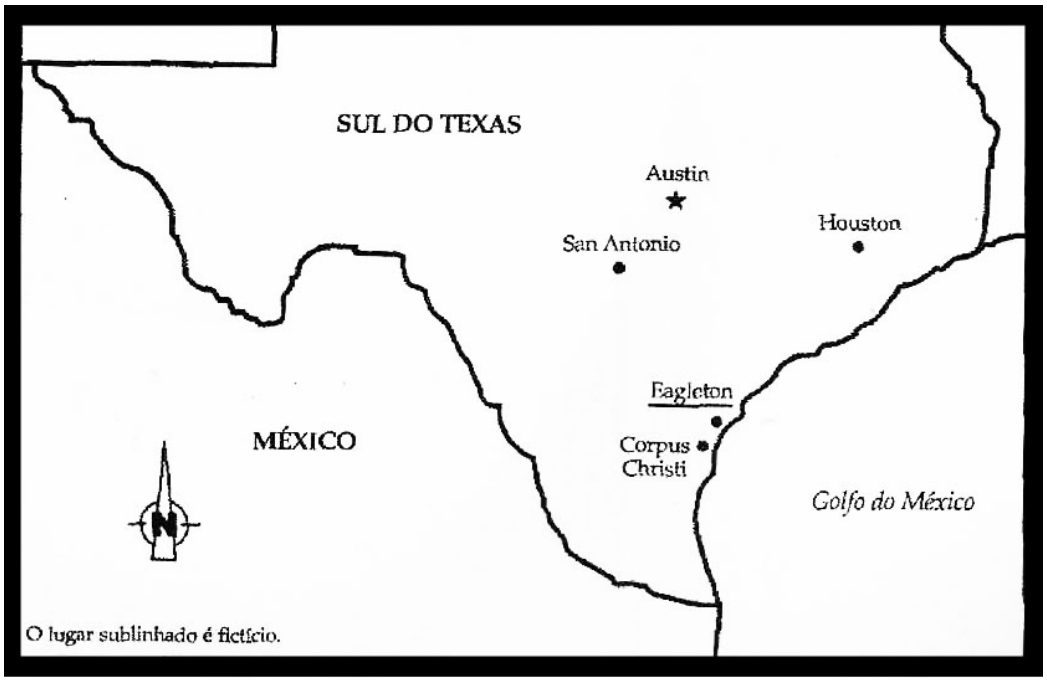
E-book distribuído sem fins lucrativos
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou qualquer uso comercial do presente conteúdo

Sinopse

Ele estava de volta… para reconquistar seu grande amor!

Com sua atitude arrogante e rebelde, Kael Carmody era para as mulheres o que o mel era para as abelhas: uma doce necessidade. Mas ele estava atrás de uma única

mulher. Queria Daisy de volta, mas tinha que baixar as defesas dela, como favos de mel ao sol… Com Kael Carmody de volta à cidade, Daisy Hightower teria dificuldade em levar a vida de sempre, cuidando de sua fazenda de mel e criando o filho de sete anos. O peão de rodeios impulsivo que despedaçara seu coração era um homem a quem não conseguia ignorar. E seu filho logo vê em Kael um pai… um que nem sabia que tinha!


SUL DO TEXAS
Austin
Houston
San Antonio
Eagleton
MÉXICO
Corpus Christi
Golfo do México
N
O lugar sublinhado é fictício.

Capítulo 1

Kael Carmody estava de volta a Eagleton. Todos souberam assim que ele pôs os pés na cidade. Nada mudara nos sete anos em que estivera fora. Ele ainda provocava fofoca entre as senhoras e suspiros entre as moças.

Menos em Daisy Hightower. Aos vinte e seis anos, ela continuava a mais teimosa das mulheres, guardando ressentimentos por mais tempo do que qualquer pessoa no sul do Texas. Kael Carmody descobrira isso da forma mais difícil.

Mas ele tinha outros assuntos em mente ao entrar no bar, louco por um refrigerante e uma dúzia de suas famosas ostras frescas.

— Não acredito no que estou vendo! — exclamou Mickey Standish ao vê-lo. — Kael Carmody!

— Oi, Mickey. — O sorriso que encantava milhares de mulheres iluminava o semblante de Kael. Cuidando para mancar o mínimo, ele sentou-se no banco alto, tirou o chapéu Stetson e apertou a mão do amigo.

— E a perna? — perguntou Mickey.

— Sarando.

Kael não estava pronto para conversar sobre o acidente ou sobre o diagnóstico sombrio. Quanto menos comentasse, melhor. Mas evitar o assunto em Eagleton seria um desafio e tanto. Felizmente, o bar estava vazio à uma e meia da tarde, exceto por dois rapazes jogando sinuca no canto, e Kael nem os conhecia.

— Vai dar para montar touros novamente?

— Claro. — Kael fez uma cara animada que era pura encenação. — Só vou ficar alguns meses

em casa, para me recuperar.

— Deve ser difícil…

— E. — Kael queria desesperadamente mudar de assunto. — Que tal uma “loira” gelada e uma porção daquelas ostras?

Mickey tirou uma cerveja do gelo, abriu-a e fez a garrafa deslizar pelo balcão até parar bem diante de Kael.

— Já volto com as ostras.

Kael ficou girando o banquinho enquanto sorvia a cerveja. Deu uma olhada pelo bar. Pouca coisa mudara naqueles sete anos. Ainda havia um rasgo na porta de tela. A brisa do golfo movimentava as cortinas, trazendo o aroma do mar, da areia e de lembranças havia muito enterradas.

Lembranças que preferia esquecer. Lembranças que o mantiveram longe de Eagleton por tanto tempo. Lembranças de Daisy Hightower.

Fechando os olhos, ainda podia ver a forma esguia e bronzeada no biquíni púrpura, sentir o perfume de coco do bronzeador e o gosto dos sorvetes italianos que partilharam na praia com os pés enterrados na areia.

Raios! Por que não parava de pensar naquela criatura cabeça-dura? Superara-a havia muito. Estava de volta para se recuperar de um acidente, não para rever Daisy. Conhecendo-a como conhecia, se a procurasse, ela o escorraçaria como um cachorro sarnento.

— Prontinho! — anunciou Mickey, pousando uma travessa com gelo e ostras na concha. — Aposto que não comeu ostras assim desde que saiu de Eagleton.

— Pode apostar! — Kael provou o petisco.

— Ei, vou dar uma churrascada em casa para completar o dia do rodeio em junho e quero você lá. Ora, vou fazê-lo convidado de honra! Sabe que é a única pessoa famosa que esta cidade já produziu.

— Mickey, eu não sou famoso…

— Claro que é! — desdenhou Mickey. — Quantas pessoas ganharam o título de peão de boiadeiro do campeonato nacional duas vezes seguidas?

E quantas pessoas se machucaram tão gravemente no desafio a ponto de interromper suas carreiras?

— Só aqueles que acompanham os resultados dos torneios já ouviram falar de mim — menosprezou Kael. — A fama e o dinheiro dão para um cafezinho…

— Como se você tivesse que se preocupar com dinheiro. — Mickey balançou a cabeça. — É filho único da família mais rica da cidade. Vai herdar uma fazenda de dois mil acres lotada de gado. Qual é o problema?

O problema era que Kael não sabia o que lhe aconteceria se não ficasse bom da perna. Consultara meia dúzia de médicos e todos chegaram à mesma conclusão. Pouca chance de ele montar novamente sem passar por uma cirurgia ainda experimental. Uma cirurgia sem promessa de cura. Seu agente, Randy Howard, insistia na operação, mas, se algo não corresse bem, poderia ficar definitivamente manco.

Kael franziu o cenho. O que fazer? Montar em touros era sua vida, sua identidade, desde que completara doze anos. Com certeza, poderia seguir os passos do pai e tornar-se fazendeiro, mas tinha uma natureza mais inquieta, possuía tal desejo de viajar que não conseguia imaginar-se estabelecido

num lugar fixo. Ainda mais numa cidade parada e sem futuro como Eagleton.

Fora essa característica nômade que destruíra seu relacionamento com Daisy Hightower.

Um dos rapazes que estava jogando sinuca colocou uma moeda na vitrola. A voz de Dolly Parton invadiu o ambiente. Agradecido pela distração, Kael acabou as ostras e afastou o prato vazio.

— Como vão as coisas em Eagleton?

— Bem, a estiagem prejudica todo mundo — comentou o amigo.

— Eu vi.

Na estrada, Kael notara as pastagens secas, o gado magro e o baixo nível da água nos lagos e açudes. A paisagem descolorida adiantara-lhe a história triste. Sem chuva, nada de colheita. Sem colheita, a economia parava. A falta de chuvas afetava também a fazenda de seus pais, embora os Carmody pudessem aguentar prejuízos por anos seguidos.

— Alguns fazendeiros já pediram falência.

— Isso é mau.

— O preço da arroba é o mais baixo dos últimos dezesseis anos.

— Foi o que meu pai me disse. — Kael estava ciente da estiagem prolongada e dos problemas dos fazendeiros. Mas queria mesmo saber sobre as pessoas da cidade, uma pessoa em particular.

— Adivinhe quem eu vi ontem? — animou-o Mickey, como se estivesse lendo seus pensamentos.

Kael balançou a cabeça e tomou mais um gole de cerveja. A garrafa estava molhada e a bebida já não estava tão gelada.

— Daisy Hightower — desembuchou o amigo.

— E?

— Continua bonita como na época de colégio. Talvez, melhor…

— Bom para ela. Sempre foi uma mulher bonita.

— Um desperdício, se me permite.

— Como assim? — Kael ergueu uma sobrancelha. Apesar da decisão, não podia negar que estava curioso. Adoraria ver Daisy novamente.

— A moça nunca sai. Fica em casa, trabalha com aquelas abelhas e toma conta do filho da irmã. Virou uma ermitã.

Kael franziu o cenho.

— Rose tem um filho?

— Tinha.

— Quer dizer, Rose morreu? Mickey confirmou, solene.

— Mas o que aconteceu? — quis saber Kael, aflito.

— Ela abandonou o menino logo após o nascimento, para Daisy criar. Há alguns anos, soubemos que ingeriu sonífero com uísque, num cortiço qualquer em Nova Orleans. Parece que foi um caso bem sórdido…

Kael sentiu um frio na espinha. Abalado, sentiu desconforto no estômago recheado de ostras.

— Você se lembra de como Rose era intempestiva, vivia em festas, tinha um namorado para cada dia da semana — prosseguia Mickey. — Raios, tenho que admitir. Eu mesmo saí com ela uma ou duas vezes. Afinal, quem não saiu?

Gostaria de poder dizer que não, refletiu Kael,

o sentimento de culpa retornando como uma vingança.

— Daisy passou um mau bocado.

— Posso imaginar, criar sozinha uma criança — avaliou Kael.

— E ela adotou Travis legalmente.

— Bem, ninguém jamais poderá acusar Daisy Hightower de fugir às responsabilidades. — Kael tirou o rótulo da garrafa de cerveja, evitando o olhar do amigo.

— Você não tem interesse em avivar velhas chamas, tem?

— Mickey pôs os cotovelos sobre o balcão e apoiou o queixo nas mãos.

— Com aquela ruiva brava? Só pode estar brincando. Prefiro enfiar a mão numa daquelas colméias. Seria bem menos doloroso — desdenhou Kael, mas, por dentro, os sentimentos indômitos permaneciam. Sentimentos que não queria examinar com cuidado.

— Quer outra cerveja?

— Não. — Kael balançou a cabeça. — É melhor ir para casa. Minha mãe está preparando um jantar e convidou todos os parentes. — A verdade era que já ouvira o bastante sobre Daisy Hightower para uma tarde.

— Apareça — incentivou Mickey. — Sempre que quiser público para ouvir as histórias dos rodeios, estou aqui.

— Obrigado.

Kael não precisava ser lembrado disso, tampouco. Por que se torturar? Até que tomasse uma decisão sobre submeter-se ou não à cirurgia, não queria mais falar sobre montar em touros. Podia se imaginar matando o tempo, passando no

bar de Mickey para tagarelar sobre como poderia ter sido…

Daisy Hightower e montar em touros. As duas coisas que mais amava na vida. As duas coisas que haviam lhe causado as maiores dores de cabeça também.

Pegou o chapéu Stetson, ajeitou a aba e pousou-o na cabeça. Tirou dinheiro do bolso, mas Mickey ergueu a mão em protesto.

— Esta é por minha conta, cara.

— Vamos, Mickey, pegue o dinheiro. — Kael ofereceu a nota de vinte.

— Está querendo me ofender?

— Tudo bem, como quiser.

Kael dobrou a nota e enfiou-a no bolso. Não deixaria por menos. Eram amigos desde o colegial e o amigo, embora levasse uma boa vida tocando o bar, tinha mulher e três filhos para sustentar. Mickey acordaria um dia e encontraria uma geladeira nova na varanda, pronta para substituir a velharia que tinha nos fundos do estabelecimento.

— Devia ir vê-la — aconselhou Mickey, enquanto Kael dirigia-se à porta.

Kael voltou-se.

— Quem?

— Daisy Hightower. Nunca se sabe. Ela pode ter mudado de ideia a seu respeito.

— Estamos falando da mesma Daisy Hightower? A orgulhosa, obstinada e *sexy* Daisy Hightower?

— A maternidade pode tê-la suavizado.

— Algo como mamãe-ursa mais gentil? — Kael ergueu os ombros.— Não, obrigado.

— E a sua oportunidade.

Kael saiu à rua fervente. Abelhas voavam junto à porta. Nem uma folha das árvores se mexia. Sem perceber, apalpou a perna dolorida antes de atravessar a rua de asfalto para chegar à caminhonete.

Aquelas abelhas trouxeram muitas lembranças. Lembranças de manhãs de primavera agradáveis, de mel doce. Lembranças de flores coloridas e colméias. Lembranças de um doce beijo roubado da rainha mais preciosa, Daisy Anne Hightower.

— Bolas! — resmungou Kael.

Fechou a porta da caminhonete e saiu da vaga de estacionamento do bar de Mickey. Estava tudo acabado. Daisy Hightower nunca mais seria sua.

De novo na estrada, mordeu o lábio inferior e tentou fugir da pior sensação de solidão que já experimentara em sete anos.

— Você viu Kael Carmody?

— Nossa, que preparo físico!

— E aqueles olhos, tão azuis que parecem cinza…

— Estava ocupada demais vendo o bumbum para prestar atenção nos olhos.

Ouvindo sem querer a conversa das funcionárias do supermercado, Daisy Hightower estacou, a mão no ar, pronta para largar o vidro de pimenta no carrinho. Sentiu a pulsação aumentar e as pernas fraquejarem. Respirou fundo para se controlar.

Por favor, senhor, rezou. *Diga que ouvi mal. Diga que Kael Carmody não está de volta a Eagleton.*

— Você acha que ele sairia comigo? — cogitou uma garota loirinha, roliça mas bonitinha, de

cabelos presos.

Não devia ter mais do que dezenove anos. A idade de Daisy quando ele lhe despedaçara o coração e destruíra seu mundo.

— Não seja tola, Deedee. Você é nova demais para ele. Além disso, Kael Carmody poderia ter qualquer mulher de Eagleton — retrucou a outra, morena e graciosa.

— Eu sei — suspirou a tal de Deedee. — Ele é lindo de morrer! Parece-se com o Brad Pitt…

— Qualquer um a faz lembrar-se de Brad Pitt — provocou a amiga.

— Quase não se percebe que ele manca.

— Dizem que a carreira de peão de rodeio está acabada.

— Acho que é por isso que ele voltou.

— Espero que ele apareça por aqui sempre. Com certeza, vai tornar o trabalho mais excitante.

A carreira de Kael, acabada? Daisy contraiu os lábios, assolada por emoções conflitantes. Adoraria poder dizer que esquecera Kael Carmody de forma definitiva, mas não podia mentir para si mesma. Ainda nutria sentimentos pelo homem, apesar do que acontecera entre eles, e censurava-se todos os dias por aquela fraqueza. *Concentre-se no seu negócio, Daisy Hightower, e chega de divagações,* censurou-se mentalmente. Terminou as compras e pegou a fila da caixa Deedee para pagar.

Enquanto aguardava, folheou uma revista feminina na tentativa de manter os pensamentos longe de Kael, mas falhou miseravelmente. Ficou imaginando, não pela primeira vez, por que ele não voltara a Eagleton a não ser agora.

Após pagar as compras, Daisy conduziu o

carrinho até o estacionamento e transferiu os pacotes para a velha perua da tia Peavy.

Tia Peavy fora morar na fazenda Hightower após a morte dos pais das gêmeas Daisy e Rose num acidente de carro. Com dezesseis anos então, Rose nunca aceitara a morte deles. Daisy acreditava que a incapacidade da irmã de levar a vida adiante fora a causa de seu comportamento intempestivo e inconsequente, levando-a ao fim trágico.

Daisy suspirou. Não adiantava se atormentar com algo que não tinha volta. O passado era passado e tinha que pensar no futuro, por Travis, se não por si mesma.

Ao pensar no filho adotivo, Daisy sentiu o coração inchar de orgulho. Ele sairia da escola dali a pouco e ela nunca se atrasava para pegá-lo. Sua única mágoa era não ter mais tempo para sair e se divertir. Se continuasse trancada na fazenda, como arranjaria um marido? E, se não encontrasse um marido, como teria mais filhos?

Sentiu tristeza. Queria tanto um filho seu! Não amaria mais Travis se ele tivesse nascido de seu ventre, mas queria passar pela experiência da maternidade. Queria engravidar, viver as alegrias e atribulações de trazer uma vida nova ao mundo.

Mas não sem o homem certo a seu lado. Um homem de caráter. Um homem que estaria a seu lado quando precisasse. Um homem responsável, que sempre colocaria a família em primeiro lugar. Um homem exatamente oposto a Kael Carmody.

Daisy conduziu o carro pela rua do mercado. Ao pai-ar no sinal vermelho, o motor morreu.

Não é nada, assegurou-se. Não podia ser nada. Não tinha condições financeiras para bancar o conserto do carro, se preciso. Uma caminhonete azul potente com várias partes cromadas parou

atrás dela, o motor ronronando macio. Daisy avistou a máquina pelo espelho retrovisor. Tinha uma carroceria larga, perfeita para transportar equipamentos e maquinário. Havia também luzes sobre a barra da cabine,

A caminhonete provavelmente pertencia a algum caubói de mentirinha que nunca tivera que pisar numa fazenda de verdade em sua vida.

Estreitou o olhar. O motorista usava um chapéu de palha e óculos escuros, mas o reflexo do sol no pára-brisa não a deixava ver mais nada.

O sinal abriu. Daisy tirou o pé do freio e acelerou. O motor pegou, mas a marcha recusava-se a engatar.

Oh, não! Daisy gemeu. *Não a caixa de câmbio!*

Tio Martin da mercearia vinha alertando-a sobre o ruído estranho havia um mês. Ela adiara a revisão simplesmente porque não tinha os seiscentos dólares que poderiam custar o reparo.

E agora?

Rezando por uma intervenção divina, Daisy tentou mais uma vez, mas a velha perua só rosnava e não ia em frente.

Suspirou, baixou o vidro, colocou a mão para fora e convidou a caminhonete a ultrapassar.

O motorista não se mexeu.

Daisy sinalizou mais uma vez.

A caminhonete permaneceu atrás dela.

— Como quiser — resmungou ela. Já tinha problemas o bastante para ainda se preocupar com o camarada. Por exemplo, pegar Travis na escola em cinco minutos.

As luzes de sinalização da caminhonete foram

acesas e o motorista desceu.

Ótimo. Um herói a caminho. Daisy revirou os olhos.

— Deixe-o ajudá-la — disse a si mesma em voz alta> lutando contra sua tendência natural.

Herdara a famosa teimosia dos Hightower e, com frequência, achava difícil aceitar a ajuda de outros, principalmente de estranhos. Mas, nesse caso, seria bom engolir o orgulho.

Pelo espelho retrovisor, viu uma perna com calça *jeans* aparecer e, depois, outra. Aquele camarada andava tão devagar quanto o Natal.

Passou a mão nos cabelos e forçou um sorriso. Saiu do carro e voltou-se para saudar o estranho.

A palavra congelou-se em seus lábios.

Lá, vindo direto em sua direção, estava Kael Carmody.

Um sorriso familiar transparecia no canto dos lábios dele. O chapéu Stetson erguido sobre a testa dava-lhe uma boa visão do cenho largo. Ele mantinha as mãos fortes pousadas sobre os quadris estreitos. Com óculos de lentes espelhadas e a enorme fivela de ouro no cinto, mantinha o visual "senhor de si."

Daisy sentiu emoções fortes e apaixonadas. Até reteve a respiração com a pressão que sentiu no peito. Por várias vezes, imaginara esse reencontro, ensaiando uma atitude calma, distante, indiferente. Praticara o que iria dizer, os movimentos que faria. Planejara vestir-se de forma muito atual, os cabelos arrumados, as unhas feitas.

Mas estava com a calça *jeans* de sempre, uma camiseta branca simples e sapatos mocassim. Amarrara os cabelos num rabo-de-cavalo com elástico e estava sem maquiagem. As unhas com cutículas crescidas não tinham nenhum polimento.

Mas o pior era aquela urgência de se atirar nos braços dele.

— Olá, Daisy. — As palavras suaves e tranquilas contrastavam com a expressão tensa dele.

— Kael — ela cumprimentou, esforçando-se para manter o autocontrole enquanto sentia os joelhos fraquejarem.

— Não mereço um abraço após. sete anos? — Ele estendeu os braços.

— Considerando as circunstâncias do nosso último encontro, não acho que mereça.

— Pensei que já tivesse me perdoado, a esta altura.

— Jamais.

Ele deixou pender os braços.

— A mesma velha Daisy…

Ela sentiu o coração disparar.

— Nada muda aqui em Eagleton. Lembro-me de você ter dito isso.

— Você não dá uma folga.

Seria imaginação ou a voz dele estava um pouco mais grossa?

— Está mais bonita do que nunca.

— Poupe-me, Kael. Não sou mais uma boboquinha de dezenove anos.

Sentindo o coração bater com força, Daisy temeu que Kael ouvisse as batidas a um metro de distância.

Ele franziu os lábios, mas não disse nada. O sol estava forte e começava a incomodar. Desconfortável, Daisy transferiu o peso de uma perna a outra e cruzou os braços.

— O monstro verde de tia Peavy está lhe dando trabalho? — brincou Kael, estudando a perua de modelo ultrapassado.

— E o câmbio.

Kael tirou os óculos e segurou-os pelas hastes. Daisy ergueu o queixo. Fitaram-se detidamente.

Ela sentiu algo surgir dentro do peito. A dor presente e fria da traição que enraizara-se em seu ser durante aqueles sete anos manifestava-se, trazendo consigo o amargor. Imaginara ter enterrado o ressentimento contra aquele homem havia muito. Obviamente, enganara-se.

Kael baixou o olhar. Inclinando-se, viu no banco traseiro do carro os pacotes de compras em meio aos suprimentos para a manutenção do apiário.

— Foi ao supermercado?

— Fui.

Um carro passou por eles, o motorista demonstrando sua irritação com buzinadas repetidas.

— Precisamos tirar o seu carro da via — disse Kael.

Guardou os óculos no bolso da camisa *jeans* que parecia nova, bem como a calça e as botas de caubói.

— Não se preocupe — dispensou ela, lutando contra as sensações eróticas que a assolavam sempre que olhava para ele. — Posso cuidar disto sozinha.

— Daisy, não seja ridícula. — Ele estendeu a mão, mas ela não se mexeu.

Queria mandá-lo ir tomar banho, ir se atirar no lago, mas Travis já devia estar esperando por ela na porta da escola.

— Está bem — concordou, infeliz.

Kael sorriu triunfante, como se tivesse conseguido permanecer oito segundos no lombo de um touro bravo.

— Vou empurrar o carro para fora da via e, então, chamar um guincho.

Ela assentiu. Não tinha dinheiro para o guincho, mas o que mais poderia fazer? Entrou no carro e aguardou que Kael voltasse para a caminhonete.

Ele tentava não mancar, reconheceu ela, surpresa com a onda de solidariedade que a atingiu. Não queria sentir pena de Kael Carmody. Ele escolhera aquela vida. Sabia das consequências quando montava naqueles touros.

Daisy lutou contra a dor e piscou para afastar as lágrimas que ameaçavam transbordar. Após tanto tempo, por que ainda sentia vontade de chorar quando pensava no que ambos haviam perdido?

Kael avançou com a caminhonete e ouviu-se o choque leve de metal contra metal. Daisy girou o volante para a direita e permitiu que o carro rolasse pelo acostamento até ficar completamente fora da via.

Fechou os punhos e lembrou-se de permanecer calma enquanto Kael aproximava-se novamente. Sem dizer nada, ele abriu a porta de trás e pegou seus pacotes de compras.

Um cheiro masculino invadiu a perua, uma mistura de colônia, palha e brilho de sol. O estímulo atingiu-a como uma invasão do passado.

Lembranças de longos dias de verão e noites frescas retornaram. Lembranças de beijos úmidos e abraços carinhosos. Lembranças de suas bocas unidas em êxtase enquanto trocavam carícias.

Kael alojou as compras na traseira da cabine dupla antes de dar a volta e abrir-lhe a porta do passageiro.

— Para onde? — perguntou.

— Tenho que pegar meu filho, Travis, na escola.

Daisy esperava que Kael se abalasse, imaginando com quem ela teria tido uma criança.

Mas, para sua surpresa, ele meramente assentiu e foi para trás do volante.

— Escola primária Clinton?

— É.

— Em que ano ele está?

— Está terminando o primeiro.

— É difícil acreditar que tenha um filho dessa idade.

Ele poderia ser seu filho, pensou Daisy, olhando para Kael. — O que quer fazer com a perua? — perguntou Kael, desacelerando a caminhonete ao entrar na área da escola.

— Não sei. — Daisy tentou aplacar a dor de cabeça levando a mão às têmporas.

— Precisa de dinheiro para o guincho? — indagou ele.

— Não! — exclamou Daisy. Preferia se arrastar na lama de gatinhas a aceitar dinheiro de Kael Carmody.

Kael desdenhou e balançou a cabeça.

— O que isso quer dizer? — questionou ela, contrariada.

— Você não mudou nada, não é? Ainda muito teimosa para aceitar ajuda dos outros.

— Não preciso de ajuda nenhuma.

— Como quiser.

Daisy ergueu as sobrancelhas, surpresa por ele não argumentar mais. Aquilo era diferente. Se fosse no passado, Kael insistiria até o bate-boca terminar em berros.

Ele estacionou junto à escola primária. Dezenas de crianças brincavam no pátio, felizes com o encerramento do dia escolar. Sentado sozinho, Travis olhava sonhador para o céu. Parecia tão pequeno e vulnerável. Muitas vezes, imaginara como uma mulher impetuosa e selvagem como Rose Hightower produzira uma criança tão quieta e introspectiva. O pai biológico de Travis seria também tão calmo? Nesse caso, poderia afugentar o medo de Kael Carmody ter tido participação na concepção. Ele não tinha nada de tímido ou retraído.

Daisy baixou o vidro, colocou a cabeça para fora e acenou.

— Travis, querido, aqui! O menino os avistou e sorriu.

— Mamãe! — Juntou os livros e correu para a caminhonete. Daisy abriu a porta e ajudou o filho adotivo a subir. Kael fitou a criança e a saudou.

— Oi!

Travis baixou a cabeça.

— Diga olá — incentivou Daisy.

— Olá — sussurrou Travis. — Eu gosto da sua caminhonete.

— Ora, obrigado, Travis. — Kael estendeu a mão e acidentalmente roçou no ombro de Daisy. O contato estimulou-o. Engolindo em seco, olhou para a criança e ficou imaginando se Daisy tivera a mesma reação. — Aliás, meu nome é Kael — informou.

Travis apertou a mão grande e sorriu tímido.

— Prazer em conhecê-lo, sr. Kael.

— O senhor está no céu, só Kael está bom. Daisy parecia estar educando bem o sobrinho… Kael conduziu a caminhonete pela rua. O silêncio pairava na cabine como uma acusação.

—Como vai o negócio de mel? — perguntou Kael, desesperado em encontrar um tema para conversar.

— Vai bem.

— Pensei que o inverno rigoroso tivesse lhe causado algum problema.

— Perdemos muitas abelhas — denunciou Travis, solene.

— Mesmo? — Kael franziu o cenho. — Lamento em saber.

— Mas estamos indo bem — insistiu Daisy, e Kael sabia que ela blefava. A fazenda Hightower estaria com sérios problemas financeiros?

— Se precisar de dinheiro… — Kael fez a oferta mesmo sabendo que se arriscava a inflamar Daisy.

De fato, Daisy lançou-lhe um olhar reprovador. *Não na frente de Travis.*

Houve uma época em que partilharam uma telepatia misteriosa, como se suas mentes funcionassem na mesma frequência. Aparentemente, ainda tinha essa capacidade.

Kael franziu os lábios e olhou pela janela.

— O que quer fazer com a perua? — perguntou novamente, e entrou na rua do mercado.

Daisy olhou para as mãos, e Kael entendeu que ela não tinha dinheiro para o guincho, nem para o conserto. Que mulher teimosa. Se ela permitisse,

ele cuidaria de tudo. Mas contando apenas consigo mesma desde os dezesseis anos, Daisy tinha dificuldade em aceitar ajuda dos outros, principalmente dele.

Travis ergueu a cabeça e olhou para o carro parado no acostamento.

— O que aconteceu com o monstro verde, mamãe?

— O câmbio quebrou — murmurou Daisy. — Mas não se preocupe com isso, filho.

Kael estacionou no acostamento, sem desligar o motor. -— Quer rebocá-lo para a oficina agora, ou vamos para a sua casa?

Ela esfregou a testa.

— Pode nos levar para casa? Preciso de tempo para pensar.

— Tudo bem.

Kael sabia o quanto custava-lhe fazer aquele simples pedido. Já decidira mandar rebocar o carro e fazer o conserto sem que ela soubesse, e não se apresentaria para levar a bronca.

Saiu da cidade e tomou a estrada 183 na direção de Spur 115. Quantas vezes passara por aquela estrada com Daisy a seu lado? Uma sensação melancólica surgiu no peito e ele arriscou espiá-la. Ela observava a paisagem, segurando Travis pelos ombros.

Estava mais bonita do que se lembrava, com os cabelos ruivos longos e brilhantes sob os raios de sol. A pele rosada perfeitamente bronzeada, os lábios cheios. Ora, tinha vontade de parar o carro, tirá-la do assento e beijá-la até ela implorar para que ele invadisse sua vida.

Mas sabia que isso nunca aconteceria. Daisy Hightower era uma mulher de convicções firmes.

Era uma das características que mais admirava nela. Quando tomava uma decisão sobre um determinado assunto, ela não se deixava influenciar. E, sete anos antes, ela tomara a decisão de encerrar o relacionamento entre eles.

Durante esse tempo, Kael aplacou a dor, concentrando-se nos rodeios. Vivera e respirara para os rodeios. Nenhuma outra moça roubou-lhe o coração após Daisy Hightower. Oh, sim, recebera a afeição de algumas mulheres, mas jamais permitira que alguma delas ameaçasse despertar o mesmo sentimento que nutria por Daisy.

Agora, perdera os rodeios. Perdera aquele amor também, assim como perdera o amor de Daisy.

Sentiu algo intenso no peito. Arrependimento, tristeza, lamentação. Enquanto guiava pela fazenda Hightower, que fazia limite com as terras de seu pai, desejou uma segunda chance.

Desligou o motor. Mais lembranças surgiram em sua mente ao contemplar os arredores.

A casa precisava de uma pintura e a cerca pedia reparos, observou. O mato estava na altura do joelho e as árvores careciam de poda. O local estava mesmo precisando da presença de um homem.

Pelo menos, ela não encontrara nenhum homem para substituí-lo. Atônito com o curso do raciocínio, balançou a cabeça.

Lembrava-se de uma tarde bem ali no balanço da varanda com Daisy. Haviam se beijado e acariciado até que tia Peavy surgira com limonada e biscoitos de chocolate.

Lembrava-se de ajudar Daisy e tia Peavy no apiário, reunindo colônias, limpando as bandejas, separando as rainhas. O som das abelhas e o aroma

de mel enriqueciam as recordações. Voltou-se e pegou um dos pacotes do supermercado.

— Ei, Travis, por que não leva esse pacote lá para dentro? O menino assentiu, pegou o pacote e pulou da caminhonete. Daisy ia fazer o mesmo, mas Kael deteve-a pelo ombro.

— Espere. Gostaria de conversar com você, a, sós. Daisy hesitou, desconfiada.

— O que você quer?

Kael engoliu em seco.

— A fazenda precisa de reparos, Daisy.

— Estou fazendo o melhor possível — irritou-se ela. — Acha que é fácil? Administrar um negócio e educar uma criança, tudo sozinha?

— Não foi isso o que eu disse. Eu sei que trabalha com afinco…

— Então, o que quis dizer? — Daisy parecia ofendida, os olhos verdes quase soltando faíscas.

— Devia ter um homem por aqui. Ela ergueu uma sobrancelha.

— Oh, não, Carmody, não está insinuando que pretende entrar na minha vida novamente, não é?

— Lá está você, tirando conclusões precipitadas. Estou vendo que continua a mesma velha Daisy Hightower. — Kael irritou-se também. Esquecera-se de como aquela ruiva podia ser cabeça-dura. — Não quero mais nada com você.

— Ha! — Ela cruzou os braços.

A irritação cresceu quando ele relembrou o motivo da separação de ambos. Engolindo as palavras amargas que ia dizer, encarou-a.

Daisy inclinou-se sobre o assento e começou a tirar os pacotes, deixando-os no chão ao lado da

caminhonete.

Ele abriu a porta e deu a volta no carro.

— Deixe-me ajudar…

— Eu posso descarregar as compras sozinha!

Ela era durona. Tinha que admitir. Mas mesmo a bolacha mais dura podia se esmigalhar sob certas condições.

— Eu só quero ajudar. Deixe-me pagar o conserto do monstro verde.

— De jeito nenhum. Não é problema seu.

— Daisy, eu quero… — Ele estendeu a mão para tocá-la, mas ela se afastou.

— Você não me deve nada, Kael Carmody.

— Eu esperava que pudéssemos ser amigos — declarou ele, suave, percebendo que era a verdade. Se não a pudesse ter como amante, então, aceitaria qualquer coisa para ficar por perto.

— Você e eu jamais poderemos ser amigos, Kael. — Ela bateu a porta da caminhonete e o som pareceu encerrar de vez a questão.

— Daisy…

— Por favor — interrompeu ela. — Faça um favor a nós dois e fique fora de minha vida!

Capítulo 2

Daisy sentiu uma dor no peito e lágrimas queimando os olhos. Agarrada a dois pacotes de compras, entrou correndo na casa.

— Mamãe? — Travis ergueu o olhar da mesa da cozinha, onde saboreava um sanduíche de manteiga de amendoim e geléia.

— Daisy? — Tia Peavy enxugou as mãos roliças no avental e ajustou os óculos.

— Estou ótima. — Daisy cerrou os dentes, pousou os pacotes sobre a mesa e saiu para pegar o resto das compras.

Felizmente, a caminhonete já estava no meio da estrada, levantando uma nuvem de pó. O sol poente incidia sobre as peças cromadas, anunciando em bom tom que Kael Carmody estava mesmo de volta a Eagleton.

Passou a mão no nariz, pegou os pacotes restantes e entrou na casa.

— Os meus velhos olhos estão me enganando ou eu vi mesmo Kael Carmody lá na estrada? — indagou tia Peavy.

— Era Kael — confirmou Daisy, com um suspiro. Não havia dúvida do motivo do sorriso da tia.

— Bem, por que não o convidou a entrar, querida?

— Tia, não quero que Kael comece a ter ideias.

— Águas passadas. Não há motivo para não serem amigos.

Oh, havia um bom motivo, sim. Já fora bastante doloroso sentar-se ao lado dele na caminhonete. Não suportaria vê-lo regularmente.

Começou a transferir os mantimentos para o armário.

— Acho que ele voltou para casa para se recuperar do ferimento no joelho — conjecturou tia Peavy.

— Acho que sim — murmurou Daisy.

— Ele tem uma fivela legal no cinto — observou Travis. — É de ouro, grande, e tem o desenho de um peão montando um touro.

— Kael é um peão de competição famoso nos rodeios — informou tia Peavy.

— Mesmo? — Travis arregalou os olhos.

Daisy não gostou da admiração no rosto do filho. Não queria que ele se encantasse com tipos como Kael Carmody.

— Sim, e ele se machucou seriamente ao montar num desses animais — observou, severa.

— Daisy, o que faremos com o monstro verde? — perguntou tia Peavy.

— Não sei.

Daisy esfregou a testa novamente. Sentia uma pressão pulsante dentro da cabeça. Suas responsabilidades nunca tinham fim. Sempre havia uma crise para administrar, finanças a acertar. No último inverno, lutara contra uma doença que atacara o apiário. Perdera milhares de abelhas. Agora, a estiagem prolongada prejudicara as plantas floríferas e isso afetava tremendamente a qualidade do mel. Na verdade, nunca tivera colônias tão fracas. Levaria um ano ou mais para recuperar a produção.

— Como Travis irá para a escola amanhã cedo? — indagou tia Peavy.

— Ele vai ter que ir de ônibus e eu vou ver se Jess Carpenter pode me dar uma carona até a

oficina de Willie — explicou Daisy.

— Eu tenho um pouco de dinheiro guardado — ofereceu tia Peavy. — Não é muito, mas vai ajudar a pagar pelo conserto.

— Mas é o seu dinheiro para o Natal — protestou Daisy.

— Ainda estamos em maio. Terei bastante tempo para juntar para o Natal.

Daisy avaliou a possibilidade. Detestava pedir dinheiro à tia, mas, naquele momento, não tinha escolha. Precisavam mandar consertar o carro e emprestar de tia Peavy era preferível a aceitar ajuda de Kael Carmody!

— No fundo do poço!

Isso dava a vaga noção de como Kael Carmody se sentia. Ver Daisy Hightower novamente na tarde do dia anterior não ajudara a aliviar sua tristeza. Na verdade, certificara-se de ter feito uma péssima escolha sete anos antes. Optara pela vida nos rodeios em vez do amor verdadeiro e agora só lhe restava uma perna imprestável.

Kael engoliu o último gole de cerveja. E daí que era apenas meio-dia? Seus pais davam uma festa em sua homenagem e só queria esquecer tudo, com a ajuda da bebida. Desde a partida para a fama, nunca voltara a Eagleton. As lembranças eram por demais dolorosas. Ao longo dos anos, encontrara-se com os pais sempre no condomínio em Corpus Christi, ou quando eles iam vê-lo nos rodeios. Até o acidente, não tivera vontade de voltar. Olhou por sobre o ombro e vislumbrou a casa de fazenda na qual crescera. Soltou um suspiro.

A música saía pelas janelas. Dezenas de carros estavam estacionados na estrada e ao redor da casa. O cheiro de churrasco impregnava o ar, mas

não sentia fome.

Ninguém sequer parecera notar que ele abandonara a própria festa de boas-vindas. Após responder a centenas de perguntas sobre seu ferimento e a carreira interrompida, sentiu claustrofobia. Tolerara a cota máxima de autógrafos e tapinhas nas costas e, então, dera uma fraca desculpa sobre tomar um pouco de ar, pegara uma cerveja e desaparecera na parte externa.

Fora até o celeiro e removera a capa protetora da motocicleta. Comprara a Harley com o dinheiro ganho em sua primeira vitória num rodeio. A máquina parecia tão impecável e nova quanto no primeiro dia. Um dos empregados da fazenda acionava-a periodicamente e mantinha as revisões em dia.

Raios! Como gostaria de dar uma volta naquela máquina, de sentir o metal entre as pernas, o vento nos cabelos e a vibração do motor no corpo todo.

Ali estava outra experiência que o acidente lhe roubara.

Exceto que não fora um acidente. Montara ansioso demais no touro. Caminhara até a cancela, aceitara os beijos das moças e a admiração dos rapazes.

Arriscara a saúde, o futuro, pela glória do momento. Na hora, não se lamentara. De volta a Eagleton, ao ver Daisy Hightower ainda cheia de rancor, tinha mais aquilo a lamentar.

Mas não podia mudar o passado e, naquele momento, só queria dar uma volta na Harley. Que mal faria? Um passeio de dez minutos pelo pasto.

Sentia a perna latejando, mas não se importava. O que tinha a perder? Kael manobrou a motocicleta, levou-a para fora do celeiro e acariciou a fria superfície metálica. Tomou

posição.

Podia machucar ainda mais a perna.

A ideia lhe ocorreu, mas colocou-a de lado. Como aquela situação ruim poderia piorar mais? Raios, devia viver a vida enquanto ainda tinha a chance. Descobrira da forma mais difícil que a vida era curta demais e que nada, nada mesmo, permanecia sempre igual.

O traço rebelde que sempre fora parte dele desde a infância prevaleceu. Aquela característica levara-o a seu destino. A mesma característica incentivara-o a fazer o próprio nome e provar ao mundo que era mais do que o filho mimado de Chet Carmody. Desesperado em aplacar a dor nascida com a rejeição de Daisy, Kael deu a partida e ignorou a pontada na perna.

Foi tomado por um arrepio familiar. Um arrepio que não sentia desde o ano-novo, quando montara no touro Texas Tornado. Acelerou e saiu pelos campos empoeirados. Embora ainda estivessem em maio, a estiagem prolongada já provocara um bom estrago nas pastagens, Não havia mancha verde nas terras, apenas o amarelo característico da seca. O sol pairava quente, inclemente. A brisa do golfo não ajudava a aliviar o calor, permeando o ar com uma umidade pesada. O suor escorria-lhe pelo pescoço. O mato alto batia contra suas coxas. O joelho esquerdo doía, mas ignorou o desconforto. Queria alcançar a velocidade máxima a fim de erradicar Daisy Hightower de seus pensamentos.

Acelerando, Kael acompanhou a cerca que dividia sua propriedade da de Daisy. O aroma de mel misturava-se ao de alfafa e trevos brancos.

Invadiu o campo de alfafa, afugentando as abelhas no processo. Seus pais haviam mandado regar o campo, pois, de outro modo, as abelhas de

Daisy teriam pouca coisa a colher.

As abelhas de Daisy. Kael fechou os olhos e foi como se a visse. Bem a sua frente, cercada de abelhas, com um sorriso no rosto, um favo de mel na mão. Ela com dezesseis anos, ele, com dezoito. Naquele momento, enamorara-se dela completamente.

Ela parecera tão forte, corajosa. Exatamente como ele quando montava no lombo de um touro. Só muito depois, ela lhe ensinara o segredo para se enfiar a mão na colméia sem levar ferroadas. Jamais conhecera uma mulher como ela. Não antes, não desde então. Daisy Hightower era única. Forte, corajosa, independente, voluntariosa, capaz e estonteantemente bela. Ela não aceitava desculpas, não fazia concessões nem para si, nem para ninguém. Quando os pais morreram, assumira a administração da fazenda sem pestanejar.

Exatamente o seu oposto. Responsabilidade sempre lhe parecera uma prisão. Lembrou-se das palavras de Daisy em sua última briga. Ela o chamara de covarde. Estaria certa?

Convencera-se de que estava buscando um sonho, tentando fazer o nome e realizando aquela vontade de viajar que o consumia. Estivera ele fugindo ao compromisso? Seu amor por Daisy teria sido forte a ponto de ele o temer e usar os rodeios como desculpa para escapar à intensidade daqueles sentimentos?

Pare de pensar no passado.

Kael acelerou, até que a alfafa ficasse para trás como um borrão amarelado.

O sol maltratava sua pele, o solo e o ar. Fagulhas voavam pelo escapamento. As’ abelhas abriam caminho, irritadas com a invasão. Kael conduziu a Harley num grande semicírculo e passou de novo pelo campo de alfafa. Sentia o

suor pelo corpo todo, mas não se importava. Estava mesmo gostando do esforço físico. Pó, suor, velocidade. Era a mesma sensação dos rodeios. Uma nuvem branca surgiu no campo de alfafa. Kael estreitou o olhar e franziu o cenho. *Que raios?* Fumaça.

Não havia engano quanto ao cheiro.

A nuvem de fumaça aumentou, espalhando-se pela vegetação seca e alta.

Kael sentiu pânico. Fagulhas do escapamento deviam ter dado início ao incêndio! Atônito, parou a motocicleta, desligou o motor e ficou olhando.

O local estava cheio de abelhas confusas, voando em todas as direções, desesperadas para fugir do fogo, mas ludibriadas pela fumaça.

As abelhas de Daisy! Não suportariam uma exposição prolongada ao calor. Kael sentiu o coração parar.

Chamas alaranjadas lambiam a alfafa, cada vez mais altas.

Kael observou, horrorizado, que as abelhas esforçavam-se para voar e então, pouco a pouco, sucumbiam das alturas.

Oh, o que ele fizera?

— Está sentindo um cheiro? — perguntou tia Peavy, inspirando profundamente junto ao varal em que pendurava roupas.

— Não. — Daisy estudava o livro contábil, sentada na varanda dos fundos, aproveitando a sombra de uma palmeira.

Tomou um gole de limonada e franziu o cenho. Infelizmente, os números não mentiam. A fazenda Hightower estava com sérios problemas financeiros. Se apertassem o cinto e não ocorresse mais nenhum imprevisto, poderiam sobreviver

àquela estação desastrosa. Mas apenas precariamente. No inverno, com sorte, poderia comprar novas colônias de abelhas.

— Sim, estou sentindo cheiro de fumaça — insistiu tia Peavy. — Posso ter uma visão fraca, mas o meu olfato é perfeito. Respire fundo, Daisy, e me diga que não estou imaginando coisas.

Para agradar à tia, Daisy baixou o livro contábil e respirou profundamente.

— Titia, eu não… — Calou-se. De fato, havia um pouco de fumaça no ar. Não seria surpresa se o mato pegasse fogo, considerando a estiagem prolongada e o calor contínuo. — Será que alguém está queimando lixo?

— Com certeza, não. As queimadas estão proibidas por três semanas.

Tia Peavy segurava uma roupinha de Travis.

— É perto — sussurrou. — Bem perto…

Daisy largou o livro e levantou-se. Sombreou os olhos com a mão e avaliou o horizonte.

Lá. Ao sul. Na direção da fazenda Carmody. Uma coluna de fumaça subia.

Tia Peavy tinha razão. O fogo estava perto. Bem no campo de alfafa dos Carmody, que ficava junto ao apiário. As abelhas adoravam polinizar aquele campo. A essa hora do dia, elas deviam estar trabalhando nos campos.

De repente, sentiu medo. Começou a suar frio. *As abelhas, não!*

Sentiu os joelhos fraquejarem. Não. Não podia se entregar ao pânico. Enrijeceu o maxilar e saiu pelo pátio, as pernas bambas na corrida.

Por favor, não deixe que as abelhas se machuquem.

Ouviu a sirene do carro de bombeiros ao longe. Sentiu a pulsação disparar, o olhar fixo no céu. Havia um enxame sobre o campo de alfafa.

Voem para casa, voem para casa, incentivou, em silêncio, mas no fundo do coração sabia que era tarde demais. As abelhas estavam muito próximas do calor.

Quanto mais perto chegava, mais densa a fumaça ficava. Sentia dor no baço e os olhos ardiam.

O enxame parecia atordoado. As abelhas davam voltas e mergulhavam como que desorientadas.

Daisy mordia os nós dos dedos de tanta ansiedade. Não podia estar acontecendo!

O carro de bombeiros aproximou-se, a sirene contínua acentuando a angústia de Daisy.

Junto à cerca que separava as propriedades, ela se agarrou ao poste com as duas mãos e ficou olhando o fogo a poucos metros dali. As chamas alastravam-se na direção norte, rumo a suas terras e suas preciosas abelhas.

Desanimada, viu as abelhas tentarem formar um enxame, só para serem pegas pelo calor. Elas voavam em círculos e depois desapareciam na nuvem de fumaça!

As abelhas estavam condenadas. Daisy gemeu e levou as mãos aos ouvidos, tentando negar a tragédia diante de seus olhos.

Sentiu o nariz arder. A garganta ficou áspera e inchada.

Daisy tossiu e piscou.

Uma figura se movimentava em meio à fumaça. Um homem. Ele batia nas chamas com um cobertor. Daisy estreitou o olhar e tossiu

novamente.

Kael.

Tateando pela cerca, inclinou a cabeça e aproximou-se do inferno de chamas. O ar quente lhe açoitava o rosto, carregada do cheiro de alfafa queimada.

— Daisy! — gritou Kael. Ela estreitou os olhos ardentes.

— Volte! — Ele acenou para que ela se afastasse. Tinha o rosto vermelho e coberto de fuligem.

— E inútil! — Ela se estendeu e agarrou-o pela camisa, fazendo-o afastar-se das chamas. — Pare antes que se machuque!

O belo rosto másculo foi tomado por uma expressão sombria e Daisy precisou controlar-se para não abraçar Kael. por que sentia essa necessidade de confortá-lo? Ele não iria perder nada além de um campo de alfafa, uma gota em seu mar de dinheiro, ao passo que ela perderia as abelhas e o trabalho de uma vida. Ele se desvencilhou.

— Tenho que apagar o fogo! Está matando as suas abelhas!

— E tarde demais!

Com o suor misturando-se à fuligem, o rosto dele estava todo manchado. Kael agarrou a manta que usara para abafar o fogo e olhou para a área destruída.

— Desculpe-me — sussurrou.

— Não foi culpa sua — amenizou ela.

— Kael! Daisy!

Ambos voltaram-se na direção do chamado. Várias pessoas, incluindo os pais de Kael, corriam

para o local. A meio quilômetro de distância, um carro do corpo de bombeiros avançava velozmente pela estrada da fazenda Carmody.

O vento mudou e a fumaça atingiu seus rostos. Daisy tossia quase que sem parar.

— Vamos voltar! — Kael tomou-a pelo cotovelo e conduziu-a até onde os demais haviam se posicionado.

Daisy apoiou-se nele, sentindo as mãos fortes em seus cabelos.

As abelhas estavam mortas. Daisy suspirou. Mortas como sua mãe, seu pai e Rose.

Caiu de joelhos na relva, completamente exausta. Alguém pousou a mão em seu ombro, mas não se sentiu melhor.

Caminhões com água cruzaram os campos. Bombeiros voluntários movimentavam-se como formigas, combatendo o fogo.

Kael e seu pai juntaram-se à força de combate.

A mãe de Kael agachou-se ao lado de Daisy.

— Tome um pouco de água…

Ela aceitou o copo e sorveu a água avidamente.

Neela Carmody sorriu, simpática. A mulher parecia saída de um catálogo de butique. Vestia blusa branca, calça de linho branca e sandálias italianas caras. A mãe de Kael estava sempre na última moda e nunca deixava um fio de cabelo fora do lugar. Era chique, glamourosa, sofisticada. Tudo o que Daisy não era.

— O que aconteceu? — perguntou a mulher mais velha. Daisy passou a manga da blusa na testa e afastou a franja dos olhos.

— Eu não sei. Tia Peavy sentiu cheiro de fumaça. Eu avistei fogo no campo de alfafa.

Quando cheguei aqui, Kael estava tentando controlar o fogo com um cobertor.

— Atingiu as suas abelhas? Daisy confirmou, desolada.

— Oh, querida. Eu lamento tanto. Sei o quanto as abelhas são importantes para você.

— Obrigada — murmurou Daisy, rouca.

Mas as abelhas não eram só importantes. Eram vitais, essenciais, à sobrevivência da fazenda Hightower.

— Se houver alguma coisa que eu e Chet possamos fazer, por favor, não hesite em pedir.

— Certo — concordou Daisy, sabendo muito bem que jamais pediria nada à família de Kael.

— Quero dizer, com Kael em casa e tudo mais… — Neela deixou a frase morrer, como que arrependida de ter dito uma bobagem.

— Acabou-se tudo entre mim e Kael. Há muito tempo,

— Eu sei. Eu só pensei, bem… para dizer-lhe a verdade, Daisy, estou preocupada com a saúde mental dele. Sabe, ele não é o mesmo desde o acidente. Anda amuado e irritadiço. Nunca foi assim…

Pelo que Daisy vira no dia anterior, Kael parecera perfeitamente bem. Mais que isso. Controlado. Soberbo. Magnífico.

— Achei que seria bom se Kael pudesse contar com velhas amizades para dar-lhe apoio.

Daisy balançou a cabeça.

— Não foi uma boa ideia. Tenho certeza de que Kael tem muitos outros amigos em Eagleton.

— Acho que sim. — Neela Carmody suspirou, levantou-se e olhou para os bombeiros através dos

óculos de sol requintados.

Daisy sentiu-se estranha, ali sentada conversando com a mãe de Kael. Embora fossem vizinhos, raramente via os Carmody. Eles passavam boa parte do ano numa casa em condomínio fechado em Corpus Chrísti e deixavam a fazenda aos cuidados de um capataz. Além disso, tinham outro círculo de amigos, e era improvável que se encontrassem socialmente.

Não fora difícil evitar os pais de Kael, já que ela trabalhava muito na fazenda e também não era do tipo sociável. No máximo, cumprimentavam-se brevemente quando se encontravam na cidade, ou trocavam um aceno quando se cruzavam na estrada. Os Carmody eram ótimas pessoas, mas abrira-se uma brecha entre as duas famílias e não queria mais intimidade com eles. Daisy ficou observando os homens debelarem o fogo. Pelo menos, as chamas não haviam avançado para a sua propriedade. Pouca vantagem. Suas abelhas tinham sido aniquiladas, O que faria agora?

Daisy olhou para o chão e viu uma abelha morta. Com lábios trêmulos, apanhou o inseto e aninhou-o na palma.

Engoliu em seco e ficou olhando para a criatura que trabalhara com tanto afinco para produzir mel para ela.

— Você está bem? — perguntou Neela.

— Estou — mentiu Daisy.

Parecia que a vida estava sempre presenteando-a com um balde de fertilizante. Queria ir embora, mas não tinha forças para levantar-se e caminhar até a casa. Contar sobre as abelhas a tia Peavy exigiria mais força do que possuía naquele momento.

O chefe dos bombeiros, Kael e Chet Carmody

aproximaram-se. Daisy notou que Kael mancava visivelmente e sentiu uma dor no coração.

— Acho que o fogo está sob controle, sra. Carmody. — O bombeiro ruborizado limpou o rosto com um pano.

— Obrigada, Jim. Ficamos muito satisfeitos com o seu rápido atendimento.

— Fazemos o possível. — Ele assentiu com o chapéu. Kael apertou a mão do homem.

— Obrigado.

— Sabe como o incêndio começou? — Jim olhou para Kael, para Chet e depois, novamente, para Kael. — Vocês sabem que há uma proibição quanto a fazer fogueira, não?

— Não sabemos como o fogo começou. — O sr. Carmody balançou a cabeça. — Estávamos recebendo convidados…

— Eu sei. — Kael remexeu o maxilar. — Eu o provoquei. A pequena multidão reunida emitiu um som de espanto.

Daisy apenas encarou-o. Ouvira corretamente? Kael provocara o incêndio que matara suas abelhas?

— Eu estava pilotando a motocicleta pelo campo. Parece que as fagulhas do escapamento incendiaram o mato seco…

Daisy sentiu o ódio tomando-lhe o corpo. Devia ter adivinhado! Ali estava ela, sentindo pena dele, preocupando-se com seu ferimento na perna, com sua saúde mental, enquanto ele estivera estupidamente passeando de motocicleta perto de suas colméias! Era evidente que o acidente com o touro não alterara nada em sua vida. Ele continuava um irresponsável!

— Daisy… — Ele aproximou-se, o olhar

implorando perdão. Ela se afastou, colocando uma boa distância entre eles.

— Não.

— Você precisa entender que eu não tive a intenção…

Ela pressionou os lábios e lançou-lhe o olhar mais rancoroso que conseguiu expressar.

— Encare os fatos, Kael Carmody; você nunca vai crescer. Dizendo isso, voltou-se e atravessou o campo de alfafa queimado, a abelha morta esmigalhada entre os dedos.

Capítulo 3

Nem caído na arena, sangrando com o joelho estraçalhado pelo touro Texas Tornado, Kael sentira tanta dor. Tendo fugido ao compromisso e à responsabilidade por sete anos, voltara para casa a fim de retomar a vida e acabara cometendo os mesmos erros do passado. Permitira que sua natureza rebelde comandasse seu raciocínio.

Esquecer a expressão de Daisy era impossível. O desgosto, a decepção e o desespero transpareceram claramente em seu semblante. O olhar sombrio censurava seus pecados. A acusação indicava que não haveria perdão.

Kael sentou-se na cerca e contemplou o cenário de desolação, o ar impregnado do cheiro de alfafa queimada. Podia sentir o gosto amargo. A pastagem exibia a coloração negra característica das queimadas. Horas após o controle do incêndio, nuvens de fumaça ainda emanavam do campo.

Daisy tinha todo o direito de desprezá-lo. Ele merecia seu desdém. Assim como merecera sete anos atrás.

E se houvesse abdicado dos torneios para ficar com a única mulher que amara? *Mas você não abdicou.*

Não. Ao invés disso, permitira que a melhor coisa que já lhe acontecera na vida lhe escapasse pelos dedos enquanto seguia a carreira. Uma carreira sem estabilidade, sem duração, sem garantias. Uma carreira que lhe rendera uma perna destroçada e muita dor.

Se tivesse ficado, ele e Daisy estariam casados. Com dois ou três filhos. Daisy não teria que se preocupar com dinheiro. Suas vidas seriam cheias de amor e alegria, ao invés de tristeza e solidão.

Por que, por que escolhera outro caminho?

Kael dobrou os dedos e lembrou-se do rapaz convencido que fora um dia, tão seguro de si. Crente em que a fama e a fortuna eram as chaves da felicidade. Certo de que o compromisso e o casamento levavam ao isolamento e ao tédio. Convencido de que fazer o próprio nome provaria ao bem-sucedido pai, de uma vez por todas, que era um homem de valor.

Sua displicência custara aos pais um campo de alfafa, mas aquilo não era nada. Eles tinham muito dinheiro e havia seguro sobre a propriedade. Seu comportamento lamentável prejudicara muito mais Daisy Hightower e sua pequena família.

Precisava corrigir essa situação. Se ao menos conseguisse descobrir como se aproximar de Daisy…

— Ah, Daisy — sussurrou. — Nunca desejei magoá-la.

Kael olhou para a motocicleta ainda estacionada junto à cerca. Daisy tinha razão. Era hora de crescer e assumir a responsabilidade sobre seus atos. Se ela permitisse…

Determinado, Kael pulou da cerca e preparou-se mentalmente para a batalha.

— Estamos arruinados — sussurrou Daisy.

Pela primeira vez, tia Peavy não sabia o que dizer. Sentou-se à mesa da cozinha e parecia tão chocada quanto Daisy, os cabelos grisalhos, normalmente bem arrumados, meio desgrenhados.

Daisy tinha o rosto coberto de lágrimas. O cheiro do pãozinho de canela que preparara naquela manhã, ao invés de animá-la, só a deprimiu ainda mais. Cerrou os dentes. Se fosse só por si mesma, poderia tolerar a dor. Mas era terrível ver como os eventos afetavam a tia.

— A fazenda Hightower está no condado de Refugio há três gerações — comentou tia Peavy, e enxugou o rosto no avental. — Lamento estar viva para ver esse dia.

— Ouça, titia. — Daisy levantou-se e abraçou-a. — Não fique preocupada. Vou pensar numa forma de salvar nossas terras.

— Como? Sem abelhas não há mel.

— Terei que arranjar mais abelhas.

— Com o quê? Não temos dinheiro. — Tia Peavy agarrou-lhe as mãos. — Vamos acabar na rua!

— Desculpe-me por afligi-la — murmurou Daisy, e sentiu o nó na garganta aumentar.

— Só eu sei o quanto você se esforçou, querida. — Tia Peavy acariciou-lhe a mão. — Não estou acusando-a de nada. Se há um culpado nessa história, é o malandro do Kael Carmody.

Daisy concordava completamente. O homem era uma ameaça. A si mesmo e aos outros.

— Não adianta ficar chorando sobre leite derramado. O que está feito, está feito. As abelhas estão mortas e nós precisamos recomeçar.

— O que vamos dizer a Travis? — choramingou tia Peavy.

— A verdade.

— Pobre criança…

— Travis é forte. Ele vai superar, assim como nós.

Daisy mostrava-se otimista, mas, por dentro, estava tão assustada quanto a tia. O que fazer? Onde conseguiria dinheiro para pagar as contas e comprar novas abelhas?

Naquele momento, a campainha tocou.

— Eu atendo — adiantou-se Daisy. — A senhora trate de se recompor.

Daisy deixou a velha senhora sozinha na cozinha e, tentando dissipar a perspectiva sombria, abriu a porta da sala.

Kael Carmody estava na varanda. De cabeça baixa, olhava para as próprias botas.

A visão deixou Daisy sem fôlego. Não importava o que o homem fizera, não importava a dor que ele trazia, ainda não tinha controle sobre o coração quando o via.

— Vá embora! — ordenou, e empurrou a porta.

Ágil, Kael segurou a porta com o pé. Daisy não conseguiria fechá-la sem machucá-lo. Apesar da raiva, o lado racional dela prevaleceu.

— Tire o pé daí, Carmody!

— Pode me deixar falar?

— Por que deveria?

— Porque me sinto mal pelo que aconteceu.

— Oh, vá dar uma volta de motocicleta! — desdenhou ela. — Não sou eu que vou aliviar a sua culpa.

— Bolas, Daisy! Precisa me dar uma chance para corrigir o mal que causei!

— Desde quando o grande Kael Carmody assume a responsabilidade por seus atos?

— Desde agora.

Ele pousou a mão contra o batente. Sob o olhar intenso, ela sentiu como se ele sugasse a essência de seu ser.

— Vai me ouvir? — indagou ele, aflito. — Por favor?

— Está bem. — O que tinha a perder apenas ouvindo? — Entre, mas não posso garantir que tia Peavy não vai enxotá-lo daqui.

Kael entrou e Daisy fechou a porta, notando que ele mancava ao cruzar a sala de estar.

Acomodaram-se no sofá, a uma boa distância um do outro.

— Falei com o nosso corretor de seguros — começou Kael. Daisy cruzou os braços.

— E?

—A apólice vai cobrir a perda das suas abelhas.

Ela sentiu a esperança brotar no coração, mas o orgulho ainda imperava. Detestava ter que aceitar qualquer coisa daquele homem. Desejava dizer a Kael Carmody exatamente onde ele podia colocar a apólice. Mas precisava pensar em tia Peavy e em Travis, sem falar na longa tradição da família no negócio de mel de abelha.

— É um começo — replicou, de má vontade.

— Eu sei, Daisy. Devo-lhe muito mais do que isso. O dinheiro pode comprar novas abelhas, mas sei que há muito trabalho envolvido para começar novas colônias.

— Pode apostar.

— Eu pretendo ajudá-la.

— Oh, de jeito nenhum. Não quero você por aqui causando mais problemas.

— E o mínimo que posso fazer — insistiu Kael, aproximando-se dela.

Daisy recostou-se. Que brilho estranho era aquele nos olhos dele?

— Não, de forma alguma.

— Seja razoável. Você mal dá conta de tudo o que tem a fazer, a fazenda, a educação de uma criança, cuidar de uma idosa…

— Não sou tão velha, meu jovem! — protestou tia Peavy, adentrando a sala de estar. — E ele tem razão, Daisy. Você precisa de ajuda. Já acorda às cinco da manhã e não vai dormir antes da meia-noite.

— Titia — censurou Daisy, áspera. — Eu cuido disso.

— O homem quer se redimir. Quem é você para negar-lhe isso?

— Ouça, se não vai me deixar ajudar, vou acabar enlouquecendo. A verdade é que estará me fazendo um favor — completou Kael.

— Por que eu deveria fazer-lhe um favor?

— Piedade? — Ele deu um sorriso que faria qualquer mulher num raio de cem quilômetros derreter de desejo. — Não tenho nada para fazer. Fico na casa de meus pais, esperando a perna sarar, assistindo à televisão e engordando.

— Não se esqueça de que provoca incêndio nas horas livres… Daisy estava louca para dizer “sim”. Mas se atreveria? Conseguiria manter o coração imune?

Kael acompanhou Daisy pela pastagem atrás da casa até as colméias. Mal acreditava que ela concordara em aceitar sua ajuda. Devia estar com mais problemas financeiros do que ele imaginara. Sabia, por experiência própria, que aquela mulher teimosa raramente mudava de ideia.

— Não verifiquei o apiário desde o incêndio. Venha comigo. Vai ver o estrago que causou.

As palavras só acentuavam a culpa que ele já sentia. O ar estava denso e carregado. Kael já se esquecera de como era úmido ali no condado de

Refugio. Trinta e dois graus centígrados pareciam esquentar mais do que quarenta e quatro em Las Vegas.

Até a brisa que agitava os cabelos parecia mais quente. Após percorrerem a curta distância até o apiário, ele já tinha a camisa encharcada de suor e a perna, inchada, doía bastante, mas recusava-se a fraquejar.

Daisy parou e levou as mãos aos quadris. Olhou para as colméias desanimada.

Não havia mais o barulho característico. Umas poucas abelhas voavam em círculos. Pareciam nervosas e inquietas. As outras abelhas mantinham-se junto às telas da caixa.

Daisy entrou na casinha de ferramentas e voltou com dois véus e uma veste completa.

— Tome — ofereceu ela. — Vista isso. As abelhas estão preocupadas e mais propícias a atacar.

Nervosamente, Kael vestiu o macacão por cima das roupas. Ficou imaginando quem vestiria aquele traje, grande demais para a figura delicada de Daisy.

A ideia de um homem na vida dela deixou-o enciumado. Mickey contara-lhe que Daisy nunca saía, mas Mickey Standish não sabia de tudo em Eagleton. Talvez ela tivesse um namorado secreto…

— De quem é esse macacão? — indagou.

— De tia Peavy. Mas ela raramente ajuda com as abelhas. A vista dela já não dá mais.

— Ah. — Kael não saberia explicar por que sentiu-se mais aliviado com aquela informação.

Daisy retirou mais equipamento da casinha, algo parecido com um fole e uma outra

ferramenta. Ela colocou o chapéu com véu na cabeça e acendeu o defumador com um isqueiro. Passando por Kael, foi até a colméia, aproximando-se pela lateral para evitar a linha de zangões.

Fascinado, ele observava os movimentos práticos dela. O sol da tarde incidia sobre seus cabelos ruivos, fazendo-os brilhar, como se ela usasse uma coroa gloriosa. Ele sentiu uma dor no coração. O corpo de adolescente magricela dera lugar a curvas muito femininas. As sardas tinham suavizado e o rosto agora era proporcional aos enormes olhos verdes.

— Preste atenção — criticou Daisy, cenho franzido. — Se pretende mesmo me ajudar a reconstruir o apiário, tem que entender o que estou fazendo! Vou verificar as abelhas-rainhas para calcular quantas abelhas perdi.

— Certo.

Abelhas juntaram-se à abertura, zunindo zangadas. Kael franziu o cenho e enrijeceu-se.

Com o defumador na mão direita e a pá na esquerda, Daisy acionou o fole duas vezes para limpar a entrada.

A fumaça acalmou as abelhas.

Daisy retirou a cobertura e acionou o fole mais uma vez, levando a pá até a parte mais interna da colméia.

Kael percebeu que estava segurando a respiração e forçou-se a inalar o ar impregnado de fumaça.

Ela trabalhava devagar, com calma, removendo cada camada para examinar a atividade das operárias. Ele continuava observando-a, fascinado com Daisy, com as abelhas.

Suspirando, Daisy recolocou as camadas, e

então, a cobri um. Quando ela o encarou, percebeu suas lágrimas.

— Daisy?

— Esta colméia está quase exterminada. A rainha está bem. Mas perdi pelo menos dez mil operárias.

— Eu lamento — sussurrou Kael.

— Sei que eram apenas abelhas. — O lábio inferior dela tremeu. — Mas significavam muito para mim, sabe?

— Eu… eu.. — Ele não sabia o que dizer. As lágrimas dela doíam mais do que um soco no queixo. E ele causara isso, a angústia, a dor e o desespero.

— Não posso olhar o resto… Não agora. Talvez mais tarde. — Ela afastou-se das colméias, retirou o chapéu e enxugou as lágrimas com as costas da mão.

Kael retirou o chapéu também, e foi atrás dela. — Daisy, não sei o que dizer para expressar o quanto lamento o que fiz.

Ela ergueu a cabeça e esse movimento fez com que a imaginação dele corresse solta. Como desejava ter uma máquina do tempo para voltar no passado e fazer tudo diferente. Se lhe fosse permitido ter uma segunda chance, não faria mais trapalhadas. Os raios de sol atingiram o rosto dela, destacando as sardas sobre o nariz. Os lábios, adoravelmente rosados, estavam a poucos centímetros de distância. A pele mantinha o frescor. Ela não parecia nem um dia mais velha do que sete anos antes. Ainda o deixava sem fôlego.

Antes que pudesse pensar, considerar seu ato, foi tomado por um impulso irresistível. Agarrou Daisy pelos ombros e juntou seus lábios aos dela ternamente.

Daisy ficou ofegante. O corpo tenso. Os lábios não retribuíam a carícia.

— O que pensa que está fazendo? — protestou ela, afastando-se.

— Eu… eu só queria confortá-la.

— Pois sim! — desdenhou ela. — Tire as mãos de mim, Carmody! Não se atreva a me tocar novamente. Estou permitindo que me ajude porque não tenho escolha, mas este relacionamento restringe-se ao nível comercial. Entendeu?

— Daisy, por favor. Deixe-me explicar… Não sou o mesmo Kael Carmody que conheceu há sete anos.

Ela franziu o lábio.

— A quem está querendo convencer? A mim ou a si mesmo?

— Ando pensando muito desde o acidente e…

— Ora, então descobriu que você não é deus?

— O quê?

— Um touro acaba com a sua perna e isso muda toda a sua vida. Você só está se sentindo mortal, Carmody. Mas continua o mesmo mulherengo arrogante de sempre.

— Eu nunca fui mulherengo! — protestou Kael.

— Cite uma mulher em Eagleton com menos de trinta e cinco com a qual você não tenha dormido! — Ela levou as mãos aos quadris.

— Andou ouvindo muita fofoca, Daisy. Posso ter má reputação, mas não significa que seja relaxado.

— Certo. E isso explica por que dormiu com Rose!

Kael gelou. Sabia que mais cedo ou mais tarde teriam que lidar com aquele episódio, só esperara que não fosse tão cedo.

— Eu tentei explicar o que aconteceu naquela noite, mas você não quis me ouvir.

Daisy ergueu o queixo.

— Esperava que eu acreditasse que tomou minha irmã por mim!

— Era a verdade.

Kael sentiu uma dor intensa ao lembrar-se do acontecido. Ao longo dos anos, tentara apagar aquelas imagens da lembrança, mas nunca obtivera sucesso.

Ainda naquele momento, sentia um amargo na boca, um nó no estômago ao lembrar-se da noite em que sua vida sofrerá uma reviravolta geral.

Era um sábado e ele ganhara o primeiro rodeio do campeonato profissional em Corpus Christi. O próximo evento aconteceria em Oklahoma e ele hão sabia falar de outra coisa.

Lembrava-se da volta de Corpus Christi com Daisy na caminhonete a seu lado. Estava orgulhoso e excitado com a vitória, não parava de falar da carreira, até que finalmente percebeu que Daisy estava muito quieta.

— Qual é o problema, doçura? — perguntara, e estendeu-se para tomar-lhe a mão. — Você está tão calada.

— Você vai me deixar, não vai? — concluíra ela, chorosa. Kael tentara mudar de assunto, mas ela não se deixara enganar.

— Os rodeios significam mais para você do que eu.

— Não, não é verdade.

— Como podemos nos casar com você acompanhando o circuito de rodeios?

Daisy cruzara os braços daquela forma condescendente dela Ele sentira amargor.

— Eu te amo, Daisy Hightower, mas somos jovens demais para nos casarmos.

— Não me venha com essa! Você simplesmente é irresponsável demais para se estabelecer! Você gosta das festas, da bajulação e das moças se oferecendo.

— E isso? Você está com medo de que uma outra me roube de você? Doçura, eu te amo e a mais ninguém. Por que não vem comigo? Podemos acompanhar o circuito juntos…

Ele acariciara a mão dela, mas isso não a acalmara.

— Kael, tenho que administrar uma fazenda de mel, não posso ir com você. Rose e tia Peavy dependem de mim.

— Bem, se elas são mais importantes para você do que eu… — Ele deixara a sentença morrer.

Com isso, tiveram uma discussão violenta. Daisy apresentara um ultimato. Ele recusara-se terminantemente a desistir dos rodeios por ela.

No fundo do coração, Kael sabia que ela não falara sério ao afirmar que nunca mais queria vê-lo. Seu plano era deixá-la acalmar-se e procurá-la no dia seguinte. Ele a faria entender que um dia sua carreira de peão acabaria e, então, ambos poderiam se casar.

Apesar da briga, ele ainda tivera ânimo para comemorar a vitória no bar, após deixá-la em casa.

Não orgulhava-se do fato de ter tomado mais de meia dúzia de cervejas. Mas estava zangado

com Daisy por ela ter estragado a sua noite e fora fácil entregar-se à bebida.

O que acontecera em seguida era indesculpável. Sua única defesa era que quisera tanto fazer amor com Daisy que deixara-se enganar.

Estava bêbado. Admitira. Quando a porta do bar abriu-se e Rose entrou usando um vestido de Daisy, com o cabelo arrumado como o de Daisy, com o batom de Daisy nos lábios, acreditara que a irmã gêmea *era* Daisy.

Rose, fazendo-se passar pela irmã, pedira desculpa por terem brigado. Beijara-o com paixão, acariciara-o e incentivara-o a levá-la a algum lugar mais reservado. Kael ficara excitado com sua boa sorte. Por meses, sonhara em fazer amor com Daisy, mas ela estava se guardando para o casamento. Ele respeitara sua decisão, mas ali estava ela, oferecendo-lhe seu presente mais precioso: a virgindade. E implorava seu perdão. Ele ficara cego de amor e tomado pela ação dos hormônios.

Se estivesse sóbrio, nunca teria tomado Rose por Daisy. Por um motivo: a demonstração pública de afeto não era do feitio de Daisy. Mas estava tão desesperado para fazer as pazes, tão necessitado de sua aprovação, tão ansioso para acertar as coisas que seguira Rose como um cachorrinho.

Mesmo naquele momento, Kael ruborizava com a lembrança.

Ele e Rose foram para a fazenda. Entraram no barracão. Ele não se lembrava de muito mais. Exceto que ficara chamando pelo nome de Daisy.

Então, de repente, Daisy surgira à porta, chocada e magoada ao ver a irmã fazendo amor com seu namorado.

Kael franzira o cenho. A cena seguinte fora triste e cheia de recriminações. Rose contara a Daisy que Kael a seduzira. Kael tentara fazer Daisy entender que confundira Rose com ela.

Mas Daisy não aceitara nada daquilo, e como podia culpá-la? Ele a atingira da forma mais profunda imaginável.

— Lamento muito mesmo o que aconteceu — afirmou Kael, rouco, tentando dissipar as lembranças. — Aquilo mudou o curso de minha vida.

Daisy olhava-o acusadora.

— Da minha também.

— Não sabe quantas vezes me censurei pelo que aconteceu.

— Ah, coitadinho… — ironizou ela.

— Foi muito difícil viver sem você. Por isso nunca voltei. Era muito doloroso.

— Acha que foi fácil para mim? — O olhar dela estava cheio de ódio. — Assumir a responsabilidade pelo erro de Rose, criar Travis sozinha, sabendo que havia uma forte possibilidade de ele ser seu filho!

— O quê? — Kael encarou-a ao entender a gravidade daquela afirmação. — O que quer dizer? Travis não pode ser meu filho.

— Rose descobriu que estava grávida poucas semanas depois de terem… feito amor. Você se incomodou em usar camisinha, Kael Carmody, ou estava bêbado demais?

Kael ficou boquiaberto e olhava fixo para Daisy. Sentiu uma onda de choque, mais violenta do que um terremoto, percorrer-lhe o corpo. Se tivesse levado um tiro não estaria mais espantado. Seria verdade? Poderia aquela união lamentável

com Rose ter produzido uma criança?

— Eu… eu… eu… — gaguejou.

— Sim?

— Por que não me disse isso antes? — Kael fechou os punhos. Sentia-se quente e frio ao mesmo tempo, como se atacado por alguma doença viral.

Daisy olhou para as mãos.

— Não tinha certeza de que você era o pai. Rose tinha muitos namorados. Eu ainda não sei ao certo.

— Bem, acabo de resolver uma coisa: vou descobrir se Travis é meu filho. Segunda-feira de manhã vamos a Corpus Christi para fazer um exame de sangue, e não ouse se opor!

Capítulo 4

— O… o que está sugerindo? — Não estou sugerindo nada, estou notificando-a. Vou descobrir a verdade sobre Travis.

— E se eu me recusar?

— Então, vou contratar um advogado. Você não vai poder brigar comigo nesse assunto, Daisy.

Ela sentiu um aperto no peito. Por sete anos, temera aquele momento. Agora, ele se realizava e a expressão de Kael indicava-lhe que ele não iria se intimidar. Se ele tomasse aquele assunto da mesma forma com que enfrentava os touros na arena, ela teria sérios problemas. Precisava tomar uma atitude.

— Você está sendo egoísta — acusou, tentando agarrar-se a migalhas, na tentativa de fazê-lo pensar duas vezes.

— Espere um pouco! — Kael ergueu a voz. — Você está *me* chamando de egoísta, após ter mantido meu filho longe de mim por sete anos.

— Não sabemos ainda se ele é seu filho, sabemos? — rebateu ela.

— E de quem é a culpa?

— Sua. — Ela manteve o mesmo tom hostil. — Foi você que fugiu sem olhar para trás, fosse por mim ou por Rose.

— Eu nunca teria partido se tivesse sabido sobre o bebê.

— Ha! — Ela sentiu as lágrimas brotando. Como sempre fizera, tentou fortalecer o coração mentalmente. — E fácil para você dizer isso agora.

— E por isso que quero um teste de paternidade. Para corrigir um equívoco.

— Está vendo. Você é egoísta.

— Por que isso é egoísmo?

— Porque você só está pensando no que quer, no que deseja. Na sua reabilitação e não no que é melhor para Travis.

— Espere um pouco. Minha única preocupação é com o bem-estar de meu filho.

— Então por que submeter aquela pobre criança a um teste de sangue?

— Para descobrir a verdade. Daisy balançou a cabeça e cruzou os braços.

— Não. Não permitirei. Ele *é* criança demais para passar por esse trauma.

— Tirar uma amostra de sangue não *é* agradável, mas ele vai superar a dor. Mas vai superar o fato de não conhecer o pai?

— Não *é* apenas a dor física que me preocupa. Kael ergueu uma sobrancelha.

— Sim?

— Vai explicar a ele a complexidade de sua concepção? Porque eu com certeza não vou contar a ele que a mãe era uma mulher estabanada e o pai, um pilantra.

De repente, o silêncio, mais ensurdecedor que o som mais agudo, estabeleceu-se entre eles. Kael lançava fogo pelo olhar e cerrou os punhos ao lado do corpo. As veias da- testa palpitavam visivelmente. Ela nunca o vira tão zangado e sentiu algum prazer com aquela raiva. Um prazer próximo ao que causava a atração sexual.

— Daisy Anne Hightower — disse ele, afinal. — Essa colocação foi inadequada.

— Mas verdadeira.

— Pensa mesmo assim?

Devagar, ela assentiu, lembrando-se da dor que sentira ao flagrar o homem que adorava fazendo amor com sua irmã gêmea idêntica.

— Então, acho que nunca nos conhecemos de fato, não é? Ele parecia triste, melancólico, como se a resposta tivesse drenado sua energia.

— Suponho que não.

Kael respirou fundo e olhou para o sul, para onde ficava o campo de alfafa queimado.

— Não vou recuar nesse assunto, Daisy. Preciso saber se Travis *é* mesmo meu filho e não posso esperar até que ele complete dezoito anos. Já perdi sete anos da vida dele. Faz ideia de como me sinto?

— Por que não pára para pensar em Travis por um minuto? O que acha que vai acontecer na cabecinha dele quando lhe contar que pode ser seu pai? Ele vai querer saber onde esteve todo esse tempo e por que o abandonou. Já pensou nisso?

Kael passou a mão pelo rosto.

— Daisy, você acaba de me lançar essa bomba. Não tive tempo de absorver nada disso. Estou fazendo o que o instinto me diz. Eu digo que devemos fazer o teste e não contar a Travis por enquanto até termos certeza de que sou seu pai.

— Não vou mentir para ele.

— Não estou lhe pedindo que minta. — Kael soltou um suspiro de cansaço. — Só lhe diga que o médico quer que faça alguns exames.

— Ele é esperto, vai querer saber para quê.

— Ganhe tempo, Daisy. Você é boa nisso. Só eu sei quanto tempo ganhou comigo.

Ela ruborizou.

— Suponho que foi por isso que dormiu com

Rose. Deixou que seus hormônios tomassem o controle.

Ele a encarou.

— Nem vou responder. — Ele tirou o macacão e largou-o sobre a cerca. — Estarei aqui às sete da manhã na segunda-feira. E melhor estar pronta com Travis aqui ou, prometo-lhe, vai haver escândalo.

Kael tinha a sensação de ter engolido um cofre de chumbo. Durante o sábado e o domingo, vacilara entre raiva, mágoa, tristeza e melancolia. Pensava em como Daisy o enganara e cerrava os dentes; depois, ponderava que ela apenas tentara proteger-se e ao filho. Por mais que detestasse admitir, provavelmente não teria sido um bom pai aos vinte e um anos.

Mas, raios, ela o privara da oportunidade de tentar. E agora? Que tipo de pai seria?

Apesar de tudo, já sentia um quê de amor inesperado pelo menino ruivo que se parecia tanto com Daisy.

Calma lá, Carmody, alertara-se mais de uma vez. *Não fique sentimental demais até que saiba ao certo.* Mas aquela nota de alerta não chegava ao coração toda vez que olhava para a divisa entre as fazendas e via o menino brincando no quintal.

— Meu filho…

Kael tentou dizer essas palavras em voz alta. Parecia estranho, mas soara bem.

Escondido no mato, observou Travis pendurar-se de cabeça para baixo em um galho de carvalho e sentiu-se culpado.

Abandonara Rose num momento de necessidade? Isso a levara ao suicídio?

A culpa aumentou. Kael franziu o cenho.

Nunca tencionara magoar ninguém. Nem Rose. Nem Daisy e, com certeza, não um menino inocente. Mas, se Travis fosse mesmo seu filho, devia aceitar a culpa.

Raios. Cometera tantos erros. Como poderia redimir-se de tudo isso?

Kael continuou observando enquanto Travis assobiava sem melodia. A pobre criança parecia tão solitária. Era muito quieto. Sério e solitário. Deveria estar brincando com outras crianças, jogando basquete, brincando de esconde-esconde ou de mocinho e bandido. Kael quis ir até ele, quis mostrar-lhe coisas que os meninos aprendem com seus pais.

Travis precisava de uma presença masculina. Poderia dar o exemplo de que o filho precisava? Daisy esforçava-se, mas nada substituía a influência de um homem. Além disso, ela trabalhava demais. Não importava o quanto tentasse, simplesmente não passava tempo suficiente com o menino. Enquanto ele tinha todo o tempo do mundo. Estava tomando a decisão acertada ao exigir o teste de paternidade? E se fosse mesmo o pai de Travis? O que o menino pensaria dele? Como poderia explicar a ausência sem comprometer Daisy e Rose?

Kael soltou um suspiro. Que trapalhada! Um menino solitário sem pai. Uma mulher esforçada tentando pagar as contas. Um homem rico, sem meta e infeliz, sem objetivo na vida. Era triste que estivessem todos tão isolados quando deveriam estar unidos.

Kael vislumbrou a ideia. Eles podiam ser um grupo, uma unidade, uma família.

Sim. Claro. Como se Daisy o perdoasse o bastante para sequer considerar pensar no assunto. Aquela mulher teimosa se isolava, abraçava-se à

solidão como se fosse sua tábua de salvação.

E era culpa dele. Tudo culpa dele.

Não, raios, revoltou-se Kael. Embora ele não fosse totalmente inocente, Daisy também tinha sua parcela de culpa. Se ela tivesse sido honesta com ele, em vez de manter segredo, ele poderia ter estado ali para ajudá-la nos tempos difíceis. Ficou imaginando qual era o problema dela para negar-se a aceitar ajuda e contar somente consigo mesma para cuidar da tia e do filho adotivo.

Seria o fato de ter perdido os pais muito cedo? Seria a responsabilidade de tocar a fazenda de mel? Ela não tivera infância de verdade, fora lançada à vida adulta antecipadamente. Mesmo antes da morte dos pais, Daisy e Rose já ajudavam na fazenda. Daisy não conhecera outra vida senão a do trabalho. A mulher não sabia como se divertir.

Era espantoso, conjecturou Kael, que ele e Daisy tivessem chegado a namorar. Eram tão diferentes um do outro. Ela, estável, sólida, dependente. Ele, flexível, desapegado, genioso. Ela, tranquila. Ele, selvagem. Daisy era controlada, satisfazia-se sem ter contato social, enquanto ele sempre buscava atenção e bajulação.

Claro, ela era aquela que não caíra a seus pés e ele a respeitava por isso. Na verdade, recordou Kael com um sorriso torto, ele tivera que insistir muito para que ela aceitasse sair com ele.

Morara vizinho a Daisy Hightower durante a vida toda, mas nunca pensara’ nela como mulher até o verão em que ela completara dezesseis anos, pouco antes do acidente fatal com seus pais.

Kael umedeceu os lábios com a lembrança. Estivera verificando o gado para o pai quando avistou Daisy trabalhando no apiário. Os longos cabelos ruivos, envoltos pelo véu do chapéu, brilhavam contra a luz da manhã. Ela parecia uma

fada, delicada, deliciosa. A forma sedutora estava coberta pelo macacão branco, mas ainda assim era visível.

Ele passou uma perna pela cerca e pulou na propriedade dos Hightower.

— Está invadindo propriedade particular, sr. Carmody — alertou ela, sem erguer o olhar.

Abelhas voavam a seu redor como se ela fosse a rainha. Kael não as culpava por sua devoção. Ela era a criatura mais próxima à realeza que já vira. Alheia, despojada, altiva e serena.

— E o que vai fazer quanto a isso, srta. Hightower? — desafiara, aproximando-se.

— Não está interessado em se atracar com minhas abelhas, está, sr. Carmody?

— Está brincando, certo?

Ela não moveu um músculo.

— Estou?

— Não faria as suas abelhas atacarem o maior peão de rodeios já nascido, faria?

— Poderia. Se tal pessoa estivesse nas proximidades.

— *Eu* sou o maior peão de rodeios já nascido. — Ele inflou o peito num gesto vaidoso.

Ela manteve-se indiferente.

— Já ouviu falar em humildade?

— Já ouviu falar de tocar a própria trombeta?

Daisy revirou os olhos e deu-lhe as costas. Rapidamente, ele deu a volta para voltar a obter a sua atenção.

— Ei, você pode mesmo fazer as abelhas atacarem alguém?

— Tente.

Ele não fora suficientemente corajoso para aceitar o desafio, mas, daquele momento em diante, não fora mais capaz de apagar Daisy Hightower dos pensamentos.

Ele a assediava sem parar, convidando-a para sair duas ou três vezes por semana.

Ela oferecia um monte de desculpas. A maioria legítima: estava ocupada demais ajudando na fazenda nas horas vagas, era uma estudante aplicada e precisava manter a média alta se quisesse uma vaga na faculdade escolhida, os pais eram antiquados e não permitiriam que saísse antes dos dezessete anos.

Mas Kael continuou atrás dela até conseguir a verdade: que ela não estava interessada em alguém estúpido o suficiente para arriscar o pescoço no lombo de um touro.

Pela primeira vez na vida, Kael Carmody fora desprezado e recusara-se a aceitar a rejeição.

Daisy era distante, controlada, nunca dava-lhe nenhum incentivo. Sempre que ia à arena ver Rose participar da corrida entre barris, Kael punha-se a flertar com ela. Na defensiva, Daisy pegava um livro e punha-se a ler.

— Você é tímida? — perguntara, certa vez. — Ou apenas rude?

— Rude — respondera ela.

— Todas as garotas me acham o máximo, por que você não acha o mesmo?

— O termo *pilantra arrogante* significa algo pára você?

— Ah, vamos, Daisy, me dê uma chance. Eu não sou tão ruim.

— Sei…

— Um encontro comigo e você vai mudar de

opinião.

— Poupe o seu fôlego, Kael Carmody.

Ele fez a expressão de “cachorro sem dono”.

— Por favor…

— Por que não desiste de me aborrecer e sai com Rose? Por algum motivo maluco, ela acha que você é atraente.

— Não quero sair com Rose. Quero sair com você. Ela lançara-lhe um olhar desconfiado.

— Todo mundo quer sair com Rose.

— Eu não.

— Por que não? Nós somos igualzinhas. Finja que ela sou eu.

— Não quero sair com você por causa de sua beleza. Daisy erguera as sobrancelhas.

— Oh, dá para acreditar.

— Não posso evitar. Você me intriga.

— Só porque não quero sair com você. Kael encolheu os ombros.

— Preciso confessar que adoro um desafio.

— Está bem. — Daisy suspirou. — Se eu concordar em tomar um refrigerante com você, promete que me deixa em paz depois?

Kael ficara tão feliz que lançara o chapéu para o alto e gritara:

— Iahuuuuu!

A felicidade, entretanto, durara pouco.

Antes que pudessem tomar aquele refrigerante na mercearia, os pais de Daisy morreram num acidente de automóvel.

Nas primeiras semanas, mantivera-se afastado, dando-lhe tempo para absorver a dor da perda.

Então, aparecera na casa, oferecendo ajuda com a fazenda de mel.

Daisy, como previra, recusara seu gesto. Mas Rose e tia Peavy agarraram a oferta de ajuda e passaram-lhe tarefas, recompensando-o com refeições caseiras. Eventualmente, Daisy apoiara-se nele também, embora jamais admitisse.

Kael afastou as lembranças e sorriu triste, agachado junto à cerca. Avistou a pastagem e estudou a criança que poderia ser seu filho subir nos galhos de um velho carvalho.

Poucos minutos depois, Daisy chegou e chamou-o para jantar. Kael sentiu um nó na garganta ao vê-la.

Como ela era bonita! O cabelo ruivo preso no tradicional rabo-de-cavalo, o corpo esbelto na calça *jeans* e a camisa desbotada ao estilo do Oeste davam-lhe um charme especial. Ela não usava maquiagem, nem jóias, mas não precisava desses artifícios. Seu encanto estava no tipo natural que eclipsava qualquer modelo profissional ou atriz sofisticada. Daisy Hightower era uma mulher de verdade. De temperamento difícil. Ela não se importava em sujar as mãos, quebrar uma unha ou transpirar. Ela trabalhava. Com afinco. Trabalhara a vida toda. Era estranho como ela e a irmã gêmea, Rose, tinham tido a mesma formação e acabado de forma tão oposta.

Ele engoliu em seco. Daisy pousou as mãos sobre os quadris, olhou para a fazenda antes de voltar a atenção ao apiário. Ele notou a expressão em seu rosto. Parecia preocupada, os lábios unidos. Como gostaria de fazê-la sorrir! Mas parecia que ele só acrescentava mais dor ao seu sofrimento.

O que ele não daria para ouvi-la rindo novamente! Ela fazia surgir nele um espírito

combativo. Uma sensação que ele só experimentara no lombo de um touro.

Na verdade, a srta. Daisy Hightower era muito mais perigosa do que um touro de arena. O animal podia ter dilacerado sua perna, mas Daisy destroçava seu coração.

Kael ainda sentia a dor. A dor profunda e constante que, temia, jamais seria superada. Que vergonhoso. Eles tinham tanto potencial. Poderiam um dia vencer a distância que os separava?

Com as mãos nos quadris, Daisy chamou Travis mais uma vez.

Daisy adiou a conversa com Travis a respeito do exame de sangue o máximo possível. No domingo à tarde, após o jantar e a arrumação da cozinha, chamou a criança.

Tia Peavy cochilava no sofá, diante da televisão que exibia a reprise de um filme policial. Contas vencidas empilhavam-se na escrivaninha e o relógio de parede marcava os segundos como uma contagem regressiva.

— Sente-se, filho. — Daisy indicou a cadeira.

— O que foi que eu fiz? — indagou o menino, assustado. Infelizmente, a criança se parecia com ela. Daisy gostaria que ele não fosse tão preocupado.

— Não, querido, só preciso ter uma conversa com você.

— E sobre dinheiro?

Daisy respirou fundo.

— Querido, você não precisa se preocupar com dinheiro. Eu cuido desse assunto.

Travis não disse nada, apenas relaxou na cadeira e ficou olhando para as próprias mãos.

Limpando a garganta, Daisy imaginou como iria começar.

— Você não vai para a escola amanhã — informou, afinal. O menino ergueu a cabeça.

— Como assim?

— Vou levá-lo ao médico em Corpus Christi.

Travis empalideceu.

— Por quê?

— Você precisa fazer um exame de sangue.

— Não estou doente.

Daisy identificou pânico no olhar do filho e entendeu que tomara a direção errada. Travis era inteligente demais para ser enganado, mas era jovem demais para entender o que estava acontecendo.

— Não, você não está doente — remendou, rápido. — E um exame diferente.

Travis franziu o cenho.

— Eu tenho que fazer?

Daisy engoliu em seco. *Maldito Kael Carmody,* praguejou, em silêncio. Seu único objetivo na vida era cuidar de Travis. Colocá-lo nessa situação só para satisfazer a curiosidade de Kael não estava certo.

— Acho que seria uma boa ideia.

— Mas por quê?

— Bem — disfarçou Daisy, retomando uma desculpa que formulara previamente. — A sua professora está um pouco preocupada com você. — Isso era verdade. Mais de uma vez a professora de Travis expressara preocupação com a disposição do menino.

Ele franziu o cenho.

— Preocupada comigo? Como assim?

— Você anda tão triste ultimamente e quase não brinca com as outras crianças. Achei que seria bom ir ao médico para ver se está tudo bem com você.

Travis ficou olhando para os pés.

— Quer saber por que estou triste?

Ela sentiu uma dor no coração.

— Sim, querido. Eu quero saber tudo o que está sentindo.

— Estou triste porque não tenho um papai como todo mundo. Até os garotos que têm pais divorciados têm pais, mas eu não.

— Oh, meu bem, venha cá. — Daisy abraçou-o. O desconsolo dele partiu-a ao meio. Havia quanto tempo isso vinha aborrecendo Travis? Pobre criança. A falta de um pai estava preocupando-o. Talvez não fosse tão mau se Kael fosse mesmo seu pai.

— Talvez você tenha um pai algum dia. Travis ficou animado.

— Acha mesmo?

— Quem sabe, talvez eu me case um dia.

— Mesmo? Daisy sorriu.

— Fatos estranhos andam acontecendo. Enquanto isso, acho que devemos ir ao médico para ter certeza de que não é nenhum problema de saúde. Certo?

O garoto concordou.

— Certo.

— Vamos, então. Hora de dormir.

Ela conduziu o menino pela cozinha, ainda pensando nas implicações da revelação. Travis

merecia conhecer o pai. Mas temia a atitude de Kael se descobrisse que Travis era mesmo seu filho. Ele era um homem rico, acostumado a ter tudo a seu modo. Tentaria obter o controle da educação do menino? Ou pior, tentaria tirar-lhe a custódia? Cerrou os punhos à ideia e foi tomada pela ansiedade.

Com certeza, Kael não seria capaz de uma atitude tão vil. Novamente, lembrou-se de que também não o achara capaz de traí-la com sua irmã. Enganara-se daquela vez. Mas não via o homem havia sete anos. Quem saberia do que ele era capaz? Travis alojou a mãozinha junto à sua e ela apertou-a. Subiram a escada juntos. Mãe e filho. Sozinhos. Como faziam havia sete anos. E, até recentemente, tinham se saído bem. Ou talvez, quisesse acreditar que estavam indo bem. Não sabia que Travis estava sofrendo por não ter um pai. Mordeu o lábio. Errara ao manter Travis longe de Kael por todo esse tempo? *E quanto a Kael?*, indagou uma vozinha interna. *Como ele entra nessa história?*

Verdade, e Kael? O relacionamento entre eles acabara havia muito. O homem não podia ainda nutrir sentimentos por ela. Ele nunca tentara entrar em contato.

Por que não? Você ainda tem sentimentos por ele.

Não tenho, não!, negou Daisy, veemente. Mas, apesar dos protestos, sentiu um alívio no peito. Mesmo que tivesse um mínimo de sentimento por ele, jamais poderia perdoá-lo. Seus pecados contra ela, contra Rose e Travis tinham sido graves demais para os ignorar.

Então por quê, quando Kael beijou-a no apiário na sexta-feira à tarde, vira-se transportada para o passado? O que havia naqueles lábios que a deixavam aérea e levemente insana? Por que

aquele homem tinha a habilidade de tirar-lhe a razão com um simples olhar?

Desde o momento do beijo, sentia-se novamente com dezenove anos e na iminência de se apaixonar de forma desmedida.

A reação ao beijo de Kael alertou-a do quanto fora idiota ao perder a cabeça por um homem imaturo com um olhar sedutor. Somente sua natureza orgulhosa evitara que o procurasse para declarar seu amor e pedir-lhe que ficasse, sete anos antes. Agora, estava contente por não ter implorado. Dessa forma, Kael jamais saberia com certeza quais foram seus sentimentos. E era exatamente assim que ela o queria, inseguro.

Pois, se Travis fosse seu filho, ele a teria nas mãos. Ela teria que permitir que ele visitasse o menino. Embora detestasse admitir, Travis precisava da influência paterna. E, com Kael de volta à sua vida, seria estúpida o bastante para voltar a se apaixonar?

Não! Não poderia cair nessa armadilha duas vezes. Uma experiência com aquele homem bastava.

Raios. Estava dividida, ansiosa. Queria que Travis conhecesse o pai e, mesmo assim, não queria dividir o filho com ninguém. Muito menos com alguém tão temperamental e decidido quanto Kael Carmody.

Daisy abriu a torneira da banheira e experimentou a temperatura da água com o cotovelo enquanto Travis tirava a calça *jeans* e a camiseta. Despejou o sabonete em flocos e o perfume tomou conta do ambiente. Bolhas de sabão preencheram a superfície da banheira.

A essa altura, só havia uma atitude a tomar. Rezar para que Kael não fosse o pai de seu filho.

Capítulo 5

Pela primeira vez, a notória atitude distanciada de Kael falhou. Ele podia montar em um touro sem pensar duas vezes, mas a ideia de tornar-se pai de uma hora para outra abalou-o. Em questão de horas, o curso de sua vida poderia mudar radicalmente, de forma inimaginável. Ainda havia orvalho nas folhas quando Kael tomou a estrada que levava à casa de Daisy. Sentia um nó no estômago e nem tomara o café da manhã. Também estava meio calado. Quanto Daisy adiantara ao menino sobre a viagem a Corpus Christi? Daisy e Travis acenaram-lhe da varanda. Estavam sérios e vestidos de maneira formal, como se fossem a um funeral.

Travis estava de calça *jeans* bem passada e camisa branca. Daisy usava um vestido escuro de comprimento até os joelhos. Os cabelos ruivos estavas presos em coque e ela calçava sapatilhas baixas. Kael reteve a respiração ante a visão. Mesmo vestida simplesmente, Daisy Hightower era uma beleza.

Saltou da caminhonete ao mesmo tempo que eles se aproximavam para encontrá-lo.

— Bom dia — saudou Kael, desajeitado.

— Bom dia — respondeu Daisy, educada. Travis balbuciou alguma coisa. Os três fingiram olhar para os próprios pés.

— Obrigada por nos levar ao consultório — adiantou Daisy. — Nós realmente apreciamos a carona, sr. Carmody, já que o monstro verde está pifado.

Kael olhou-a de lado. *Sr. Carmody?* Seria uma dica de como se portar perto de Travis? O que ela *contara* a respeito da visita ao médico?

— Isso não é nada.

Travis ergueu a cabeça, estreitou o olhar para filtrar a claridade e olhou para Kael.

— Eu vou fazer um exame de sangue.

— Sei. — Kael assentiu. Olhou para Daisy procurando respostas, mas ela o evitava.

— É para ter certeza de que não estou doente ou algo assim — completou o menino.

— Parece uma boa ideia. — Nervoso, Kael juntou as mãos, percebendo a gravidade de toda a situação pela primeira vez. Estava para confirmar se tinha ou não um filho de sete anos.

— Estão prontos para pegar a estrada? — indagou Kael.

Sem esperar pela resposta, abriu a porta de passageiros e ajudou-os a entrar. Raios, os cinquenta quilômetros até Corpus Christi pareciam querer se transformar em cinco mil.

Kael entrou na caminhonete e procurou algum tema para conversa.

Daisy mantinha o olhar à frente. Mantinha-se bem junto à porta, como que pronta para saltar a qualquer momento. Com o braço esquerdo, segurava o filho com firmeza. A linguagem corporal era bem clara: “não me toque”.

Então, mais uma vez, que mais deveria esperar dela? Kael acreditava que ela só concordara com o teste para ser justa com Travis e porque ele a ameaçara com um processo. Mas não devia estar sendo nada fácil para ela.

Kael sentia a culpa a todo momento. O mundo de Daisy estava desabando e era tudo culpa dele. Após dizimar suas abelhas, forçava-a a enfrentar algo que ela evitara a todo custo. Não surpreendia ela manter aquela atitude.

Aninhado ao lado de Daisy, Travis adormeceu já nos primeiros quilômetros da viagem.

— O garoto dormiu — comentou Kael.

— Ainda bem que ele dormiu. Vai ser difícil para ele.

— Precisa ser feito, Daisy.

— Por quê? Para satisfazer a sua curiosidade?

— Nós dois temos o direito de saber — retrucou ele.

— Que bem fará saber a verdade? — indagou Daisy. — Pelo seu histórico, sabemos que não ficará aqui com ele.

Kael reprimiu uma censura. Não adiantava discutir naquele momento. Parou para controlar-se e então respondeu:

— Eu mudei, Daisy.

Ela voltou a cabeça e desdenhou.

— Desde quando?

Kael remexeu o maxilar e olhou para o capo da caminhonete.

— Acho que desde o meu acidente. Não há nada como ter o joelho esmagado para se ganhar outra percepção da vida.

— E atear fogo num campo de alfafa foi uma atitude de homem maduro?

— Aquilo não foi proposital.

— Como não foi proposital levar Rose para o barracão naquela noite?

— Daisy — advertiu ele, sentindo a raiva crescer. — Poupe-me, sim?

— O que espera de mim, Kael Carmody? Eu não estendi o tapete vermelho para você e com certeza não vou deixar que invada a vida do meu

filho. Não deu notícias nesses sete anos e espera que eu permita que banque o papai agora?

O olhar dela era de raiva. Quantas vezes teimara e enfrentara-o daquele jeito? E quantas vezes aquela atitude só o excitara ainda mais? Os hormônios já se manifestavam. Raios, mas Daisy Hightower nem percebia o poder que tinha sobre ele.

— Você me disse que nunca mais queria me ver. Lembra-se? Ele falava suave, pois a dor da separação ainda o atingia. Sim, sete anos antes, ele fora egoísta e imaturo. Quisera montar touros profissionalmente e provar ao pai que era digno de ostentar o nome da família. Além disso, queria saciar a vontade de viajar antes de se estabelecer e constituir família. Mas sempre soubera que Daisy era a mulher com quem queria se casar. Ela deveria ser sua esposa e mãe de seus filhos. Nunca quisera Rose, nem mesmo ao possuí-la.

— O que eu deveria fazer?

Daisy encolheu os ombros. O lábio tremeu. Ia chorar? A durona Daisy?

— Você está bem? — Estendeu a mão para tocá-la, mas ela se encolheu e ele mudou de ideia. — Sei que isso deve ser difícil para você…

— Não me proteja. Kael suspirou. Não podia derrotá-la ali.

— Prometo que não vou tentar tirar Travis de você, se é isso que a preocupa. Só quero conhecer o meu filho.

— Vamos deixar essa discussão de lado até termos certeza.

Ele assentiu. Daisy tinha razão. Pisou no freio ao entrarem em Corpus Christi. Ao longe, via-se o oceano verde-azulado sob o sol.

— Lembra-se daquela vez que fomos para

North Beach? — indagou Kael.

— Não — respondeu Daisy, sucinta.

— Claro que se lembra. Foi logo após…

— Prefiro não relembrar o passado. Tenho muitas lembranças dolorosas e não há nada que possa fazer para mudar isso.

— Daisy, lamento por tudo o que fiz.

— Desculpas saem fácil de você, Kael. Você não parece perceber as consequências de seus atos. — Ela olhou para o filho adotivo.

Kael estudou a criança. Os cabelos eram mais escuros que os da mãe, cor de ferrugem, em vez de ruivos. Havia sardas sobre o nariz, parecidas com as de Daisy. E, como os dela, os cílios eram longos e clarinhos. Travis respirava tranquilo, o peito franzino subindo e descendo em seu sono. Parecia tão pequeno, frágil, aninhado sob o braço protetor de Daisy. Kael ficou comovido com a cena.

— Nem acredito que guardou suas suspeitas sobre Travis de mim por tanto tempo. — Desde que soubera da possibilidade, Kael sentia aquela amargura no coração.

O menino se mexeu e Daisy levou o indicador ao lábio.

— Psiu!

Kael calou-se. No fundo, alimentava a esperança de retomar seu relacionamento com Daisy. Não queria admitir, nem a si mesmo, mas, desde que voltara a Eagleton, as lembranças o assolavam.

Então, ao reencontrá-la e descobrir que o filho podia ser seu, começara a ter visões. Visões de uma família. Ele, Daisy e Travis. Morando juntos, tocando a fazenda de mel, se amando do jeito como deveria ser.

E os rodeios?, indagou uma voz interna. Onde entram eles nessa vidinha familiar?

Raios, ele já tinha vinte e oito anos, era adulto o bastante para largar esse sonho de juventude. Já conquistara o prêmio máximo duas vezes. Que mais queria?

Duas perguntas permaneciam sem resposta. Cada uma levava-o a uma direção oposta. Seu joelho ficaria bom? E Travis Hightower seria mesmo seu filho?

Dois dias se passaram. Cada momento parecia uma eternidade para Daisy, aguardando o resultado do teste. Passava na maior parte do tempo com as abelhas, reorganizando as colméias e planejando como implantaria as novas colônias.

Apesar da promessa de Kael de que não tentaria tomar Travis, Daisy não tinha certeza de que podia confiar em sua palavra. Kael era rico. Podia contratar os melhores advogados. Se ele se decidisse a brigar com ela pela criança…

Sentiu um aperto no coração. Não. Tinha que convencê-lo a não fazer algo tão idiota. Não importava o que tivesse que fazer.

— Daisy!

Ela ergueu a cabeça e viu tia Peavy acenando-lhe do quintal. Ergueu o véu e afastou-se do apiário.

Passou a mão pelos cabelos e umedeceu os lábios. As abelhas voavam confusas ao redor das colméias, ainda sob efeito do incêndio.

— Telefone! — informou tia Peavy e fingiu a atividade para reforçar as palavras. — É do laboratório!

Ali estava. O momento que temia desde o nascimento de Travis. No fundo do coração, sempre soubera a verdade. Que Kael e Rose

tinham de fato produzido aquela criança.

Tia Peavy aproximou-se e acariciou-a no braço.

— Aconteça o que acontecer, Daisy, vai ficar tudo bem.

— Gostaria de ter essa certeza.

— Você é a pessoa mais forte que conheço. Vai sair dessa mais radiante.

Daisy assentiu e endireitou os ombros. Que escolha tinha? Limpou os sapatos no capacho, entrou na casa e agarrou o aparelho com mãos trêmulas.

— Alô? — saudou, a voz rouca, a mão segurando o aparelho com mais firmeza do que o necessário. De repente, sentiu-se tonta e a visão ficou um pouco embaçada.

— É a sra. Daisy Hightower?

— Sim, sou eu. — Daisy piscou, limpou a garganta e apoiou-se na mesinha.

— Aqui é Gina, do Laboratório Kelon em Corpus Christi.

— Pois não?

— Estamos com os resultados do teste de paternidade de Travis.

— Prossiga. — Daisy precisou de todas as forças para pronunciar as palavras que determinariam seu destino.

— O teste indica noventa e oito por cento de probabilidade de Kael Carmody ser pai de seu filho.

Só havia uma atitude a tomar. Kael desligou o telefone e pegou o chapéu Stetson. Pediria Daisy em casamento e não aceitaria um não como resposta.

Era o pai de Travis e a criança precisava de um homem na casa. Daisy estava enfrentando problemas financeiros e ele tinha dinheiro para emprestar-lhe. Por fim, ainda amava Daisy. Não importava que ela não o amasse mais ou que não pudesse perdoá-lo por ter dormido com Rose, pois tinha dois bons motivos para se casar com ele. Não desistiria até convencê-la.

Kael desconhecia os sentimentos que o assolavam. Era algo como orgulho paternal instantaneamente seguido pela convicção de que era incapaz da tarefa. Não sabia nada sobre ser pai. Pela primeira vez na vida, alguém estaria dependendo dele, e isso assustava-o mais do que todos os touros que já montara.

Era uma noção humilde e, ao mesmo tempo, inspiradora.

Era pai.

Um pai.

E já perdera tanto tempo.

O medo do próprio desempenho como pai dissipou-se quando uma onda de raiva invadiu seus pensamentos. Seu filho já tinha sete anos!

Fora tapeado. Privado dos momentos preciosos da infância do filho. Nunca acordaria no meio da noite e embalaria o filho recém-nascido. Nunca veria os primeiros passos de Travis, não ouviria suas primeiras palavras, nem daria a primeira mamadeira.

Sentiu um pesar no coração, como se uma espada afiada tivesse atingido o órgão vital.

Quanto mais pensava no assunto, mais zangado ficava. Daisy e Rose erraram ao não entrar em contato com ele para contar-lhe que poderia ser o pai.

Saiu da casa da fazenda com os dentes

cerrados. Entrou na caminhonete e ligou o motor.

A ira era tão grande que suas mãos tremiam ao volante. Acelerou e deixou o motor morrer.

A lista de “primeiras” atividades de Travis não parava de surgir à sua mente. Deu a partida novamente e acelerou bastante. Conduziu a caminhonete pela estrada arranhando as marchas e lançando cascalho para todo lado.

O primeiro sorriso, o primeiro dentinho, o primeiro bolo de aniversário. O primeiro Natal, o primeiro machucado no joelho, o primeiro dia na escola.

Kael golpeou o volante e buzinou acidentalmente. Um fazendeiro conduzindo um trator moroso foi para o acostamento. Kael estava tão absorto em pensamentos que nem percebeu que tirara o homem da estrada.

Estava concentrado numa única missão: confrontar-se com Daisy Hightower.

Enquanto havia dúvida sobre sua paternidade, Kael permanecera calmo, mas assim que a atendente do laboratório informou que havia apenas dois por cento de chance de ele não ser o pai, o instinto era o de vingança.

Freou diante da casa de Daisy, cantando os pneus da caminhonete. Saltou do veículo, subiu até a varanda, ignorando a dor na perna, e bateu na porta.

Tia Peavy surgiu com o cenho franzido.

— Onde está Daisy? — indagou ele, sem preâmbulo.

— Olhe aqui, Kael Carmody — censurou a senhora, agitando o indicador em seu rosto. — Acalme-se já. Daisy está tão perturbada quanto você.

— Onde ela está? — repetiu Kael. Não estava com paciência para aquele tipo de intimidação.

Tia Peavy devia ter lido sua intenção, pois abriu a porta e ficou de lado:

— Ela está lá em cima, no quarto. Mas juro que, se a magoar, subo lá e acerto você com a vassoura.

— Eu? Magoá-la? Como acha que me sinto, tia Peavy, sabendo de repente que tenho um filho de sete anos?

Tia Peavy assoou o nariz e encarou-o através dos óculos de lentes grossas.

— Se tivesse voltado para casa pelo menos uma vez nos últimos sete anos, talvez ela tivesse lhe contado.

Kael enfiou as mãos nos bolsos.

— Ela deveria ter me contado de qualquer forma.

— Depois de você tê-la magoado tanto? Estou surpresa por ela ainda dirigir-lhe a palavra.

As palavras da mulher atingiram-no e um pouco da raiva se dissipou. Kael respirou fundo. Como sua vida ficara tão complicada? Tudo costumava ser tão simples. Montar touros. Permanecer montado por oito segundos. Nada penoso.

Exceto que, bem antes do acidente, já se enjoara do processo todo. Já conquistara o campeonato. O que mais havia?

Voltar às arenas após um ferimento grave? Por outro lado, se desistisse dos rodeios, o que iria fazer? Seria pai. Kael retraiu-se. Estava enfrentando escolhas bem difíceis.

— Se me dá licença, tia Peavy, Daisy e eu temos muitas coisas a discutir.

— Apenas veja como fala com ela — alertou tia Peavy. — Sou velha e ela e Travis são tudo o que tenho.

Assentindo, Kael tomou a escada.

Daisy e Rose dividiam o primeiro quarto à esquerda. Kael pousou a mão na maçaneta.

De repente, ficou difícil respirar. Estava na iminência de cruzar a fronteira para o mundo adulto de responsabilidades. Um mundo ao qual resistira por muito tempo. Com a proposta que estava a ponto de fazer a Daisy Hightower, o mundo, tal como o conhecia, cessaria de existir.

Girou a maçaneta e abriu a porta.

O ambiente estava mudado desde a última vez em que estivera ali. Outrora, havia duas camas idênticas e um conjunto de som ligado no último volume. Havia também uma televisão e poltronas tipo almofadão, flâmulas coloridas, potes de maquiagem largados sobre a penteadeira.

Hoje, o quarto refletia a personalidade solitária de Daisy. Não havia mais pôsteres de artistas e cantores. O estéreo desaparecera, bem como os móveis antigos.

Tudo era simples, direto e funcional. Não havia babados, lacinhos, nenhuma extravagância de espécie alguma. As paredes eram brancas e adornadas apenas com retratos de Travis, Rose, tia Peavy e dos pais de Daisy. A pequena estante alojava vários volumes de livros contábeis e material relacionado à fazenda. Nenhum romance ou biografia, nenhuma leitura de lazer de nenhum tipo.

Mas era Daisy que chamava a sua atenção.

Sentada de pernas cruzadas no meio da cama enorme, ela tinha o rosto enterrado nas mãos. O cabelo estava preso em rabo-de-cavalo e ela

trajava uma camiseta vermelha e *shorts jeans* que expunham as longas pernas esguias. Uma caixa vazia de lenço de papel jazia ao lado.

— Daisy?

Sua raiva se evaporou assim que percebeu que ela estivera chorando. Nunca a vira chorando, nem quando seus pais morreram. Pego de surpresa, simplesmente ficou ali parado.

Daisy assoou o nariz e ergueu a cabeça. Os olhos estavam úmidos, o nariz vermelho, mas os ombros permaneciam firmes e fortes.

— Kael?

— O laboratório ligou para mim. — Ele hesitou junto à porta, a mão ainda na maçaneta.

— Eu sei. Eles se encararam.

Daisy sentiu o coração palpitar no peito. O momento da verdade chegara. Seus piores temores se confirmaram. O homem que amara por tanto tempo era mesmo o pai do filho de sua irmã gêmea. Aquela noite terrível de sete anos atrás voltara para assombrá-los com um gosto de vingança.

— Posso entrar? — perguntou ele, surpreendendo-a. Ela ouvira a conversa dele com tia Peavy, notara sua voz alterada de raiva. Sabia que Kael não era o tipo de homem que gostava de ser contrariado e esperava que ele invadisse seu quarto como um touro de arena, exigindo a custódia do filho. Em vez disso, ele mesmo parecia um menino perdido.

Antes que pudesse se preparar para o massacre, viu-se tomada por uma onda de emoções. Engolindo em seco, tentou se libertar dos sentimentos. Negar a dor no coração fora sempre sua estratégia para sobreviver durante todos aqueles anos. Agora não era hora de baixar a

guarda e morrer na areia, com medo e tristeza.

— Entre — permitiu ela. Kael fechou a porta.

O quarto pequeno parecia menor com a presença dele. Daisy tateou nervosa um lenço de papel já usado.

— Precisamos conversar.

Ela assentiu para a cadeira de balanço, conformada com o inevitável.

Kael ignorou a cadeira e aproximou-se da cama. Estava mancando um pouco e a evidência do ferimento deixou Daisy compadecida.

Por muito tempo, recusara-se a sair com ele por ser um peão de rodeio. Não via sentido em se envolver com um homem que se arriscava em atividades tão perigosas. Esse tipo de homem com certeza seria atrevido, presunçoso e aquela combinação significava perigo. Por que se envolver com um homem complicado quando a vida já oferecia tanta dor? E acertara em relação a ele, também. Saber disso não aliviava sua dor.

Embora o bom senso a alertasse, sentira-se atraída por ele. Exatamente como se sentia naquele instante. Havia algo de irresistível em Kael Carmody. Do sorriso largo e sedutor ao andar despreocupado, ele fazia qualquer garota desejar ser beijada.

O jeito com que olhava para ela também não ajudava em nada. Ele afastou os travesseiros e sentou-se a seu lado na cama. O cheiro agradável de masculinidade, de sol, sabonete e couro, envolveu-a, trazendo não apenas lembranças passadas, mas também despertando um desejo sexual proibido.

Daisy enxugou as lágrimas e esforçou-se para controlar a pulsação. Nenhum homem despertava seus sentidos como Kael Carmody, e detestava

esse controle que ele tinha. Por sete anos, lutara contra aquele poder e estupidamente acreditara que havia superado Kael. Enganara-se.

— Desculpe-me — murmurou ele. — Por toda a dor que causei a você, a Rose e a Travis.

Daisy contraiu os lábios, permanecendo em silêncio. Previra uma explosão de raiva e, em vez disso, ele estava pedindo desculpas.

— Não sei como começar a consertar o dano que causei — admitiu Kael.

— Precisamos fazer o que é melhor para Travis — declarou Daisy.

— Concordo. — Ele estendeu-se e tomou-lhe a mão.

O toque, como a atmosfera da terra em relação a um meteoro, deixou-a quente e despedaçada.

Daisy reteve a respiração e retirou a mão.

Mas já era tarde demais. Já ganhara a marca, estava rotulada^ irremediavelmente como mulher de Kael Carmody.

— E por isso que vai se casar comigo — disparou ele.

— Como? — Daisy recuou para vê-lo por inteiro. Ouvira corretamente? Kael estava *comunicando-lhe* que iam se casar?

Inflexível, ele a encarou. Os olhos cor de amêndoa, tão parecidos com os de Travis, refletiam um brilho límpido e irredutível.

Sim, aquele era o arrogante e convencido Kael Carmody que conhecia. Desde a primeira vez em que a convidara para sair, Kael tentara forçá-la a submeter-se à sua vontade. Bem, pois ela não ia permitir. Daisy Anne Hightower tinha vontade própria! Não precisava de um homem, muito menos de um tão autoritário quanto Kael

Carmody, dizendo-lhe o que fazer. Sobrevivera à morte trágica dos pais e mantivera a fazenda em atividade. Superara o trauma da traição de Kael e da chegada inesperada de Travis. Conseguira forças para continuar vivendo, apesar do suicídio de Rose e do câncer de tia Peavy no ano anterior.

— E o melhor a fazer — argumentou ele.

— Do seu ponto de vista!

— Você precisa de mim.

— Preciso nada!

— Está quase perdendo a fazenda.

— Só porque *você* matou as minhas abelhas!

— Deixe-me corrigir essa situação com você. Deixe-me ser um pai para meu filho. Deixe-me ajudá-la a reconstruir a fazenda.

— Por que devo prover os meios de sua redenção? Você não estava aqui quando realmente precisei.

Kael golpeou a cabeceira da cama.

— Eu estou aqui agora! Isso não conta nada?

— Não! Você só está aqui porque perdeu outra coisa. — Ela indicou a perna machucada.

Kael soltou um suspiro e passou as mãos sobre as coxas.

— Eu deveria saber que você seria assim tão teimosa.

— E eu deveria saber que você tentaria controlar a minha vida depois de ter me largado, há sete anos.

— Eu não a larguei — insistiu ele, as narinas infladas. Daisy impulsionou-se contra a cama e levantou-se. Com as mãos nos quadris, estreitou o olhar sobre ele.

— A quem está tentando enganar? A mim ou a si mesmo?

— Eu tinha a intenção de voltar para você quando a minha carreira de peão de rodeio acabasse — informou ele.

— Isso foi antes ou depois de dormir com minha irmã?

— Raios, Daisy! — Kael levantou-se e baixou o rosto para encará-la. — Eu juro que pensei que Rose era você.

— É muito conveniente, agora que Rose não está aqui para se defender.

— Sua irmã me seduziu de propósito. Não percebeu isso? De que outra forma ela saberia que eu estava no bar do Mickey?

— Onde mais estaria comemorando outra vitória?

Daisy precisava culpar Kael. Precisava condená-lo para não encarar a verdade dolorosa. Que sua própria irmã seduzira seu namorado só para magoá-la. Porque ambas haviam conversado naquela noite. Contara a Rose sobre a briga e *o* rompimento. Devia ter sido fácil para Rose fingir ser ela. Quando crianças, frequentemente trocavam de papéis e quase nunca tinham sido flagradas.

— Explique por que Rose estava com suas roupas e usando o cabelo do seu jeito? Ela sabia exatamente o que estava fazendo, Daisy.

— Tudo bem, vá em frente, jogue a culpa em uma mulher morta.

— Você sabe que Rose estava atrás de mim. Bem antes de nós começarmos a sair.

Daisy não tinha resposta. Sempre suspeitara da verdade. Que a irmã gêmea seduzira Kael intencionalmente num momento em que ele estava

vulnerável.

Mas, mesmo que a irmã o tivesse seduzido, isso de forma alguma o redimia. E se ele tivesse feito amor com ela e não com Rose, e ela tivesse engravidado? Ele teria voltado e se casado com ela? Daisy duvidava. Além disso, não queria um homem que se casaria com ela só por estar grávida. Queria um homem que a amasse por ela mesma.

— Daisy, você é que emitiu ultimatos, exigindo casamento ou nada. Bem, eu quero me casar com você agora.

— Você não quer se casar comigo. Você quer dominar a minha vida. Você acha que pode chegar e tomar conta do lugar, acha que pode se tornar um bom pai. Não funciona assim, meu caro. Ser pai. não é fácil e vai levar tempo até você ganhar a confiança de Travis!

— Eu sei disso tudo! — berrou Kael, em resposta, ofegante. Daisy percebeu que sua respiração também estava alterada.

Ele inclinou-se de tal forma que estavam quase com os rostos colados, mas Daisy não recuou, embora aquela proximidade a deixasse excitada. Como podia se sentir zangada e excitada ao mesmo tempo? Parecia que a atração física não tinha ritmo, nem motivação. Ver aqueles olhos cor de amêndoa bastava para sentir o corpo respondendo, traidor.

Kael devia estar sentindo o mesmo, pois, no momento seguinte, ele a envolveu com os braços.

Chocada, Daisy congelou ao sentir as mãos na cintura e os lábios exigindo um beijo, atrevidos, rudes.

Ele nunca a beijara dessa forma antes.

No passado, os beijos eram ternos, carinhosos,

divertidos. Eram beijos de um rapaz novo.

Aquele beijo era de um homem completo, amadurecido.

Daisy ficou assustada. E teve a impressão de que era isso mesmo que Kael tencionara.

Trêmula, tentou se afastar, mas suas mãos no tórax duro mostravam-se ineficazes, enquanto ele continuava provocando-lhe a boca com a língua atrevida.

Ele estava zangado. Ela podia sentir no beijo. Bem, raios, ela também estava zangada!

Estranhamente, a raiva mútua excitava-a e assustava-a ao mesmo tempo. Daisy lançou a cabeça para trás e gemeu, tentando alertá-lo. Em vez disso, abafado pelo beijo, o gemido pareceu mais como um apelo ao desejo.

Ele a devorava. Passava a mão pelos cabelos ruivos. Ela sentia seus corações muito próximos. Ele introduzia a língua em sua boca, possessivo.

Daisy, atônita com as sensações, fechou os olhos e deixou de resistir.

Sentiu a pressão do braço dele em seus ombros, deliciando-se com o toque, com o cheiro másculo. Quando finalmente sentiu coragem suficiente, abriu os olhos.

— Pare! — protestou, e afastou-se dele finalmente. — O que pensa que está fazendo?

— Dando-lhe uma amostra de como o nosso casamento vai ser. — Ele tinha os cabelos desgrenhados, a respiração, ofegante, e o olhar, embaçado de paixão.

— Pode esquecer. Nunca me casarei com você.

— Nem mesmo por causa de nosso filho?

Aquilo a deteve. Daisy franziu o cenho e

apalpou a testa.

— Mesmo que eu concorde em me casar com você, será só de fachada. Um casamento de conveniência, assim ambos podemos ter o que queremos.

— Por quê? Por que está com medo da paixão que está aí armazenada dentro de você? Porque está com medo de experimentar o gosto doce do amor, de se tornar tão selvagem quanto sua irmã Rose?

— É mentira! — negou Daisy, mas ele aproximara-se demais da verdade.

—Você é a mulher mais sexualmente reprimida que já conheci.

A declaração feria. Se ela *era* sexualmente reprimida, a culpa cabia a ele, por tê-la traumatizado para qualquer outro homem. Antes que pudesse controlar a reação, impulsionou-se e deu-lhe um tapa no rosto.

O olhar de Kael brilhou, advertindo-a. Ele passou a mão pelo maxilar.

— Acho que mereci isso, Daisy Hightower, mas, guarde bem, você *vai* ser minha esposa, nem que eu tenha que mover céus e mares para isso. Você, eu e Travis formaremos uma família de verdade.

Capítulo 6

Jamais se casaria com Kael Carmody! Engasgada, Daisy ficou olhando para o homem tenaz que se projetava sobre ela.

Ele era arrogante, presunçoso além da conta e ela não confiava nele. Nem por um minuto. A simples ideia de se atrelar àquele homem para a eternidade deixou-a em pânico. Ser queimada viva produziria menos ansiedade.

— E eu quis dizer exatamente isso — alertou ele, pousando a mão no batente, barrando-lhe a saída. — Nós vamos nos casar, portanto, vá se acostumando com a ideia.

Daisy permanecia imóvel, os punhos cerrados ao lado do corpo, raciocinando freneticamente. Se se recusasse a deixá-lo ver Travis, ele a levaria aos tribunais e venceria. Embora duvidasse de que algum juiz lhe tirasse a criança, Kael poderia conseguir uma custódia conjunta. Sobretudo se a situação financeira da fazenda de mel viesse à tona.

— O que me diz? Ela ergueu o queixo.

— Nem que você fosse o último homem da face da Terra!

— Não seja estúpida, Daisy Anne, o casamento é o curso mais lógico a tomar. — A expressão no rosto dele era tensa, obstinada.

Ela engoliu em seco. Exatamente como suspeitava, Kael queria se casar porque era a atitude lógica, não porque a amava.

A velha dor familiar, tão intensa apesar dos anos, ressurgiu no peito. Como poderia concordar com tal situação quando sabia que só sofreria ainda mais? Passara a vida apaixonada por um

homem preocupado demais com a própria carreira para dar-lhe o tipo de amor de que precisava.

Kael Carmody não fazia papéis secundários. Nem na arena, nem no casamento. Se se casasse com ele, perderia o controle de sua vida, da fazenda, do filho, de tudo.

E nada assustava mais Daisy Anne Hightower do que perder. o controle.

Assim que soube da morte dos pais, assumiu o controle da casa. Rápida, sem lamentações, abandonara as próprias aspirações para fazer *o* que era certo. Aos dezesseis anos, providenciara os funerais em meio a decisões urgentes sobre o dia-a-dia da fazenda. Fora à justiça e declarara-se emancipada, baseada em determinação inabalável e firmeza de caráter. Completara o segundo grau como a primeira da turma, sem nunca ter negligenciado a família. Tinha muito de que se orgulhar.

Fora difícil, mas Daisy atingira um nível de independência emocional raramente alcançado por alguém tão jovem. Ainda mais por uma mulher. Estava acostumada a fazer tudo do seu jeito, e gostava disso assim. Na verdade, dentre todas as suas empreitadas, só saíra contrariada uma vez: quando Kael Carmody escolhera a vida nos rodeios.

Daisy nunca fora capaz de manipulá-lo, como fazia com Rose e tia Peavy. No fim, aquele era o ponto de discórdia entre eles. Não importava que, em certa ocasião, ela poderia ter dado tudo para se tornar sua esposa. Essa época ficara para trás, Não estava mais disposta a correr para ele de braços abertos, não importava o quanto a velha chama incomodasse. Morreria antes de deixar Kael Carmody saber como se sentia realmente. E Travis?

A noção permanecia em sua mente. Era verdade, o que deveriam fazer em relação ao filho? O menino merecia conhecer o pai, e Kael, apesar de todos os seus defeitos, merecia uma chance de provar que podia ser pai. Não para ela, mas para o filho.

— Não precisamos nos casar para que possa ser pai — informou Daisy. — Você mora na fazenda vizinha. Isso deve bastar.

Kael estendeu a mão e pegou uma mecha de seus cabelos. Gentilmente, acariciou os fios ruivos.

— Talvez eu queira algo mais do que ser um pai… Daisy respirou fundo e recuou.

— O que quer dizer?

— Senti a sua falta, Daisy. — A voz dele estava rouca, grave, como se tivesse gritado muito e por muito tempo.

— Não vai me dizer que não tinha mocinhas atrás de você nos rodeios, porque eu sei como é, Kael Carmody.

Disparara a primeira coisa que lhe veio à mente, qualquer coisa que a mantivesse zangada. Não conseguia dominar os sentimentos que surgiam quando ele ficava carinhoso.

— Você nunca vai se esquecer de meus erros, não é?

— É meio difícil, quando a consequência mais grave tem sete anos.

— Bem, é óbvio que você não vai me perdoar.

— Isso mesmo —- afirmou ela, e enrijeceu o coração, recusando-se a ficar comovida com a expressão arrependida dele.

— Por que deveria?

— Por causa de Travis. Por minha causa. — Ele hesitou um segundo. — Por sua causa também.

— Está se esquecendo de uma coisa — desafiou Daisy, irônica.

— Do quê?

— O casamento deve se basear no amor.

— Nós costumávamos nos amar em certa época. Lembra-se?

— Ele tateou-lhe o ombro, provocando arrepios. — Podíamos tentar novamente…

Daisy balançou a cabeça. Não queria ressuscitar aquelas velhas lembranças. Abriu a boca e disse a maior mentira de sua vida. Uma artimanha para proteger seu coração e afastá-lo.

— É aí que se engana, Kael Carmody. Eu nunca o amei.

Daisy Anne não era uma boa mentirosa. A ponta do nariz ficava vermelha quando ela contava uma lorota e, naquele instante, seu nariz arrebitado estava para lá de rosado. Kael controlou-se para não rir. Não importava o que ela dissesse, ainda se importava com ele. Agora, como poderia fazê-la entender que eram, sempre foram, feitos um para o outro?

Aquela altura, a melhor estratégia era retirar-se e deixar que ela se apoquentasse com sua situação por algum tempo. Era uma atitude desprezível e sorrateira, mas a única forma de suplantar o orgulho e teimosia de Daisy.

— Quando me ofereci para ajudá-la a reconstruir a fazenda, não sabia ainda sobre Travis — esclareceu Kael, jogando seu trunfo.

Daisy parecia atônita.

— O que está sugerindo?

— Gostaria de acrescentar uma condição àquela oferta. Case-se comigo ou o negócio está acabado. Nada de dinheiro do seguro. Nada de ajuda com o trabalho de verdade. Nenhuma ajuda de espécie alguma.

— Eu não acredito. — Daisy levou a palma da mão à testa.

— Isso é chantagem.

— Está vendo como é receber um ultimato, Daisy? Não é engraçado, é?

Kael tinha que admitir que virar a mesa sobre a srta. Toda-toda Hightower tinha seu lado divertido. Não gostava de vê-la embaraçada, mas já era hora de ela experimentar tal sensação.

— Você é desprezível!

— Pode ser, mas está nas suas mãos, Daisy. Case-se comigo ou coloque a fazenda de sua família em perigo.

— Por que quer se casar com alguém que não o quer? — desdenhou ela, furiosa.

— Porque esse alguém é a mãe adotiva de meu filho.

— Faria Travis sofrer só para me reaver? Se a fazenda falir, nós perderemos tudo.

— Oh, não, Travis não vai sentir nada. Eu cuidarei dele, comprarei brinquedos. Só não vou salvar a sua fazenda.

— Raios, Kael Carmody! — desabafou ela. — Lamento o dia em que pousei os olhos em você.

— Eu sei — respondeu ele, friamente. — Mas vai se acostumar à ideia. Eu lhe digo uma coisa, Daisy, vou lhe dar uma semana para pensar. Enquanto isso, estou pronto para me apresentar ao meu filho.

Daisy levou a mão à boca.

— Não podemos esperar mais um pouco? Habituar Travis à ideia?

— Acho que não. Já me deixou esperando por sete anos. Já está mais do que na hora.

— Não se atreva a me contrariar nesse assunto, Kael Carmody! — Ela apontou-lhe o dedo. — Se contar a Travis sem o meu conhecimento, eu farei da sua vida uma miséria.

Kael cerrou os dentes. O jeito superior dela provocava-o de forma adversa. Ficou tentado a aplacar a arrogância colocando-a sobre os joelhos e dando-lhe umas boas palmadas. Em vez disso, abaixou-se e pegou o chapéu que caíra durante o beijo.

— Tudo bem, Vamos fazer como você quer, por enquanto. Tem uma semana para pensar na minha proposta.

Kael inflou o peito com mais audácia do que sentia. Daisy era teimosa o suficiente para aceitar o desafio. Se a ameaça não desse certo e ela ainda se recusasse a casar com ele, não teria coragem de vê-la perder a coisa que mais amava além de Travis. Não lhe daria chance e não aceitaria acordos.

— Você mudou — concluiu Daisy. — Eu estava enganada. Infelizmente, não foi uma mudança para melhor.

Kael encolheu os ombros.

— Um homem tem que fazer o que é preciso. — Dizendo isso, voltou-se e deixou o quarto, lutando contra a dor na perna e tentando não mancar.

— Más notícias? — Tia Peavy olhou por sobre o ombro para Daisy através das lentes grossas, junto à pia da cozinha.

Três dias haviam se passado desde o ultimato de Kael. Três dias de preocupação, de resmungos, de caminhadas sem rumo pela sala, carregadas de nervosismo. Três dias sentindo-se como um animal preso numa armadilha sem possibilidade de escapar.

Daisy desligou o telefone e sentou-se à mesa da cozinha.

— Pior. O monstro verde morreu oficialmente. Willie disse que o conserto ficaria em três mil dólares, e o carro não vale nem cinco mil.

— Oh, não! — Tia Peavy suspirou e levou a mão dramaticamente ao peito. — Mais problemas! O que vamos fazer?

Pela primeira vez, Daisy quis juntar-se à tia em sua reação desproporcional às más notícias. Suprimiu o desejo de pousar a cabeça na mesa e fechar os olhos. Sempre fora tão forte que nem sabia como baixar a guarda e simplesmente chorar para aliviar a tristeza.

— Talvez seja melhor ligar para Kael e avisar que vai se casar com ele.

— Tia Peavy!

— Bem — defendeu-se a tia. — Tem uma ideia melhor?

— Vou arranjar um emprego.

— Para fazer o quê? Eagleton não tem tantas vagas assim.

— Eu sei. — Daisy passou a mão pelos cabelos. — Estava pensando em procurar em Corpus Christi.

— Quem vai tomar conta da fazenda enquanto você estiver fora o dia todo?

— Não sei! — exclamou Daisy.

Tia Peavy ficou quieta.

Daisy levantou-se, foi até a pia e acariciou a senhora no braço.

— Ouça, desculpe-me por gritar. Esse assunto com Kael está me deixando louca.

— Tudo bem. Eu só estou preocupada.

— Sei que está. — Daisy abraçou-a. — Não se atormente, eu vou cuidar de tudo, como sempre faço.

Como sempre faço.

A frase ecoou em sua mente. Pela primeira vez, gostaria de jogar esse fardo nos ombros de outra pessoa. Como seria bom aparecer alguém que tomasse as rédeas e o controle. Alguém como Kael Carmody.

Não! O que estava pensando? Não podia permitir que aquele homem irresponsável assumisse o controle de seu destino. De jeito nenhum. De forma alguma. Sob nenhuma condição.

Mesmo assim, uma ínfima porção sua continuava a ousar. Ousar' sonhar sobre como poderia ter sido ou ainda poderia ser. O que teria acontecido se Kael tivesse desistido dos rodeios e se casado com ela? Teria se tornado uma esposa feliz e mãe satisfeita em vez de uma solteirona amarga, que direcionava todo o afeto ao filho da irmã?

Idiota! Não aprendera a lição ainda? Aquele homem não a tinha magoado o bastante? Era uma masoquista apenas por brincar com a noção de se casar com ele para resolver seus problemas. De forma alguma, os problemas financeiros se comparavam às dificuldades inerentes a se tornar a esposa de Kael Carmody.

A porta dos fundos se fechou, tirando Daisy de

seu devaneio. Ela ergueu o olhar e viu Travis parado à porta, com lágrimas no rosto.

Ela saiu da cadeira e ajoelhou-se junto ao filho.

— Querido, o que aconteceu?

— Eles di… dí… — Travis soluçava tanto que não conseguia falar. — Disseram que não posso ir ao piquenique dos escoteiros porque não tenho pai!

Daisy abraçou-o. Vê-lo tão transtornado cortava-lhe o coração.

— Calma… — Ela acariciou-lhe as costas. — Respire fundo. Travis obedeceu, o corpinho todo trêmulo, e enxugou as lágrimas com as costas da mão.

— Melhor?

Ele assentiu, mas a expressão infeliz estampada no rosto informou a Daisy que não era verdade.

— Quem lhe disse que não poderia ir ao piquenique?

Travis enrolou a ponta da camiseta no dedo e ficou olhando para os pés.

— Scott Standish e’ Tommy Martin. Eles disseram que só meninos com pais poderiam ir.

Daisy cerrou os dentes, aplacando a raiva. Não seria a primeira vez que crianças amolariam outra por causa de suas diferenças.

— Como todo mundo tem pai e eu não? — Travis ergueu o olhar cor de amêndoa e encarou-a. Tinha o mesmo jeito de Kael.

Mas você tem um papai, você tem, tem, sim. As palavras ecoaram na mente de Daisy. Estava errada, afinal, em esperar mais para contar a verdade a Travis?

— Que tal se eu fosse com você? — sugeriu Daisy, evitando a pergunta do menino.

Travis balançou a cabeça.

— Não! — insistiu. — Tem que ser um pai!

Daisy balançou o corpo. Piquenique de pais e filhos, ora essa. As pessoas que organizavam essas atividades não percebiam o que estavam fazendo com as crianças sem pai?

— Talvez Kael possa levá-lo…

Travis lançou-lhe um olhar desconfiado.

— Ele não é meu pai.

Daisy sentiu um peso no coração. Era evidente que Travis precisava de um pai- Já vinha percebendo isso havia algum tempo.

— Ele seria, se a sua mãe se casasse com ele — esclareceu tia Peavy, interferindo na hora errada.

Travis ficou animado.

— Vai se casar com Kael?

Daisy lançou um olhar fulminante a tia Peavy antes de voltar a atenção ao filho.

— Querido…

— Oh, mãe, por favor, por favor! — Ele juntou as mãozinhas como se estivesse rezando. — Kael é legal e eu preciso muito de um pai de verdade!

O pedido cheio de esperança atingiu-a com mais força do que uma onda gigante do Pacífico. Como pudera pensar em negar-lhe o pai?

Sentiu vergonha. Ela acusara Kael de ser egoísta quando, na verdade, egoísta era ela. Permitira que seus sentimentos negativos em relação a Kael interferissem no que era melhor para Travis.

Toda criança merecia um pai e uma mãe.

Mas não mereceria, acima de tudo, um pai e uma mãe que se amassem de verdade? Não mereceria mais do que pais atrelados a um casamento de conveniência? Embora ainda amasse Kael com a mesma paixão, ele não mencionara amor em nenhum momento quando a pedira em casamento. Se as ações de sete anos atrás eram uma mostra, ele não tinha noção do significado da palavra.

— Mãe? — Travis pousou a mão em seu ombro, fitando-a doce. — Você está bem?

Daisy piscou e devolveu o olhar do filho, que era tão parte dela como se tivesse saído de seu ventre. De repente, entendeu o que tinha a fazer, ainda que significasse humilhar-se e engolir o orgulho. Tinha que ir até Kael e comunicar-lhe que mudara de ideia.

— Posso falar com você?

Kael ergueu o olhar do trabalho que estava realizando na bancada no celeiro. Ficou surpreso ao ver Daisy Hightower na porta, a luz do entardecer lançando sua sombra no chão forrado de palha.

— Claro. — Ele largou a lima e as facas que estivera amolando. — Entre.

Ela hesitou, agarrada à porta como um cachorrinho à corrente. Mesmo com a distância de cinco metros, ele podia sentir seu aroma de mel, rico, espesso, doce. Ela estava de calça *jeans* justa e camiseta cinza grande que deveria esconder-lhe os seios, em vez de salientá-los de modo sedutor.

Kael reteve a respiração e lutou contra as emoções que afloravam. Daisy ficava mais tentadora a cada dia.

Ela mantinha as mãos às costas e evitava seu

olhar.

— Não é fácil para mim…

— O que não é fácil? — Perplexo, ele inclinou a cabeça e estudou-a. As maçãs do rosto estavam rosadas, mas o restante continuava pálido, salientando as sardas.

— Dizer o que tenho a dizer.

Kael ignorou a sensação estranha no estômago e bateu no banco ao lado dele.

— Sente-se.

— Prefiro ficar de pé. Ele encolheu os ombros.

— Como quiser. Ela entrecruzou os dedos e balançou o corpo.

— Eu reconsiderei.

Ele se enrijeceu, sem saber se ouvira direito. Ela limpou a garganta.

— Reconsiderou o quê? — perguntou Kael, sentindo como se adentrasse um campo minado alegremente.

— Você sabe.

— Seja clara, Daisy.

Ela soltou um suspiro, enfiou as mãos no bolso e ficou olhando para a baia vazia no fundo.

— A sua oferta. Eu reconsiderei.

— Qual oferta? Não era do feitio dele, mas não podia deixar de aborrecê-la.

Era como se um bando de pombas voassem dentro de seu peito. O que acontecera para tamanha reviravolta nos acontecimentos? Fosse qual fosse o motivo, sentia-se agradecido.

— Por que tem que ser tão difícil? — irritou-se Daisy.

— Não é sempre que vejo a orgulhosa srta. Daisy Hightower humilhar-se, devo admitir que estou apreciando imensamente. — Kael cruzou os braços e sorriu.

— Oh, esqueça! Eu deveria saber que você se comportaria como um pilantra. — Daisy deu meia-volta para ir embora.

— Ei! — Kael deixou de lado as brincadeiras e segurou-a pelo braço.

Ela se voltou sentindo a pele queimar onde ele a tocava.

Kael engoliu em seco, mas não a soltou.

— Desculpe-me — murmurou, apenas. Daisy relaxou um pouco, mas ainda parecia contrariada. Ele ficou ainda mais excitado, mas se controlou.

— Podemos começar do começo? — sugeriu,

— Está bem.

— Você veio para aceitar o meu pedido de casamento? Ela assentiu, mas não parecia nada feliz com a perspectiva.

— Sim, mas quero deixar claro que se trata de um casamento de conveniência. Só estou concordando com esta situação por causa de Travis e porque estou precisando de dinheiro.

Ele avaliou o rosto dela à procura do menor sinal de emoção. Um tremor na pálpebra, um leve sorriso, qualquer coisa que denunciasse seus verdadeiros sentimentos. Mas Daisy Hightower aprendera a controlar suas emoções ao longo daqueles anos. Não conseguiu identificar nada através da máscara impermeável que ela construíra.

— Acho que posso conviver com isso.

— É melhor. Estou me casando com você por dinheiro e por meu filho. São os únicos motivos.

— Assim diz você. — Kael estreitou o olhar. Não queria que ela descobrisse que a colocação despedaçara-lhe o coração.

— Parece estar aceitando bem demais essa situação.

— Eu quero que sejamos uma família. E só isso o que importa. Daisy torceu o nariz, frustrada.

— Você entende que trata-se de um casamento de fachada apenas, não é?

Ele avançou um passo.

— Aonde quer chegar? Ela recuou.

— Não haverá a consumação dos votos.

— Quer dizer que não vamos fazer amor?

— Isso mesmo.

Ela mantinha a cabeça erguida, os ombros retos e os lábios unidos. Mas, apesar da atitude, Kael sabia que não estava imaginando o rubor que lhe subia pelo pescoço. Daisy estava envergonhada.

Fingiu não perceber. Deixá-la mais zangada não seria vantajoso neste caso, e se suspeitasse de que ele estava se divertindo, ela se retrairia e fugiria. Devia ter-lhe custado muito ir até ele e aceitar a sua proposta. Sabia exatamente quanto lhe custara em termos de orgulho e ficou imaginando o que a teria feito mudar de ideia.

— Bem? — incentivou ela, erguendo-se. — Estamos de acordo?

— Casamento só no papel? — Kael passou a mão pelo queixo. — Está pedindo demais para um macho americano de sangue quente. Espera que eu passe o resto da vida sem sexo?

Ela ruborizou mais ainda.

— Eu… eu… é…

A hesitação informou-o de que ela não dera muita atenção à questão sob o ponto de vista dele. De repente, Kael entendeu, sem sombra de dúvida, que Daisy ainda era virgem. Essa certeza criou uma sensação suave e enternecedora em seu peito. Ela se guardara para ele, após todos aqueles anos.

Sentiu um nó na garganta e quis embalá-la nos braços, enterrar o rosto nos cabelos sedosos e dizer-lhe o quanto a amava. Mas ficou com medo de espantá-la. Arqueou uma sobrancelha.

— E então?

— Você pode ter a sua própria… eh… vida particular — afirmou ela.

— Está me dando permissão para dormir com outras mulheres? — Kael não resistira à tentação de provocá-la.

— Uma vez que não vai ser um casamento no sentido carnal da palavra, você é livre para fazer o que desejar nessa área.

Ele notou que Daisy estava ofegante, as pupilas dilatadas. Queria dizer a ela que nenhuma mulher na face da Terra poderia tentá-lo a quebrar seu voto, mas algo o impediu. Por causa do incidente com Rose, Daisy ainda não confiava nele. Não importava o que dissesse, só poderia desfazer a impressão com o tempo.

— Está bem.

— Você concorda? — admirou-se ela, a voz aguda e desafinada.

— Concordo.

— Então, está bom. — Ela enfiou as mãos nos bolsos e assentiu, mas parecia menos satisfeita.

— Então, nada de cama entre nós.

— Isso mesmo.

— Nunca?

— Nunca — confirmou ela, decidida. —- Se é assim que tem que ser.;.

Kael encolheu os ombros. Concordou com os termos, mas não tinha a intenção de honrá-los. O importante era fazer Daisy se casar com ele, não importava de que modo. Assim que estivessem casados, entretanto, todos os acertos estariam suspensos. Por bem ou por mal, ela seria sua mulher. Em *todos* os sentidos.

— Há uma outra questão — declarou ela.

— Sou todo ouvidos.

— Não contaremos a Travis que você é seu pai biológico.

— Espere um pouco, não posso concordar com isso.

— Por favor, deixe-me acabar. — Daisy franziu o cenho. — Não vamos contar-lhe por enquanto.

Kael balançou a cabeça.

— Não. Não gosto disso. Por que esperar mais?

— Acho que ele precisa de tempo para se acostumar com a ideia de ter um homem na casa.

— Por que esse homem não pode ser o pai dele?

— Você é um estranho.

— Não serei por muito tempo.

— Ele só tem sete anos — argumentou Daisy. — Não vai entender a complexidade de sua concepção. Eu nem contei a ele que Rose era sua mãe biológica.

— Não temos que contar *isso* a ele.

— O que vai lhe dizer quando ele lhe perguntar por que esperou sete anos para voltar?

Kael inclinou a cabeça, pensativo, e considerou a posição dela.

— Quando contaremos, então?

— Quando for a hora certa.

Kael ponderou a questão. Não via razão para esperar, mas Daisy era a mãe do menino. Ela o conhecia melhor. Mesmo assim, era difícil não contar a verdade ao filho.

— Afinal… — começou ela, mas parou.

— O quê?

— Nós não sabemos por quanto tempo você vai manter este casamento. Se se cansar e quiser pegar a estrada, será mais fácil para Travis aceitar a sua partida se não souber que você é seu pai de verdade.

— Acha mesmo que eu iria largar vocês?

— Já fez isso antes.

— Não, Daisy, não é verdade. Desta vez é diferente. Desta vez é para ficar. Não tenho dúvida quanto às minhas intenções. O que quero saber é se você está preparada para assumir o desafio de se tornar esposa.

Capítulo 7

Três dias depois, Daisy e Kael casavam-se diante do juiz de paz do condado de Refugio com Travis e tia Peavy como testemunhas. Os pais de Kael estavam em Nova York a negócios e não puderam comparecer. Melhor assim, decidiu Daisy. Já estava bastante nervosa com aquela situação sem a fanfarra habitual dos casamentos.

Kael trouxera-lhe um buquê de rosas cor-de-rosa e cravos vermelhos e brancos. Embora protestasse, o gesto a comoveu. Ainda que fosse um casamento de conveniência, Kael obviamente estava levando a sério sua intenção.

Pelo menos por enquanto, avaliou ela. Qualquer pessoa podia permanecer num lugar por alguns meses. O que aconteceria quando os meses virassem anos, e os anos, décadas? Kael continuaria a seu lado ou logo se entediaria com Eagleton e a largaria? E se, por algum milagre, ele ficasse mais tempo, o que aconteceria em nove ou dez anos, quando Travis saísse de casa e não houvesse mais motivo para permanecerem juntos?

Daisy engoliu em seco e afastou essas perspectivas. Se pensasse muito nisso, desistiria daquele casamento artificial, com certeza.

Alisou rugas imaginárias do vestido de linho cor creme e endireitou-se para encarar o juiz Crinshaw. Sentindo sua intranquilidade, Kael acariciou-lhe a mão. Ousou olhar para ele e viu seu sorriso terno.

Aquele sorriso quase a desconcertou. Sentiu os joelhos fracos e o pescoço quente.

Anos antes, quando costumava imaginar seu casamento, planejara algo muito diferente. Como qualquer garota, sonhava com um vestido longo

branco de renda com um véu e cauda longa. Imaginara uma cerimônia na igreja e uma recepção em seguida. Vislumbrara os convidados, os presentes, um anel de diamante e uma lua-de-mel no Havaí.

Não teria nada disso. Nem mesmo o mais importante: amor incondicional.

Sentiu o lábio inferior tremer e as lágrimas brotarem. Era tarde demais para aquele sonho. Tinha que se habituar à realidade e apenas esperar que Kael viesse a amá-la tanto quanto ela o amava. Se isso nunca acontecesse, ficaria contente em saber que ao menos dera um pai a seu filho.

— Daisy? — A voz do juiz tirou-a da divagação. Ela piscou.

— Sim?

— Repita depois de mim.

Ela repetiu sem pensar. Kael apertou-lhe a mão, mas ela não ousou encará-lo, com medo de que as lágrimas rompessem, denunciando-a ao mundo.

— Você, Daisy Anne Hightower, aceita Kael Jacob Carmody como seu legítimo esposo?

— Aceito. — As palavras ecoaram alto em seus ouvidos. —- E você, Kael Jacob Carmody, aceita Daisy Anne Hightower como sua legítima esposa?

— Aceito. — A voz dele saiu forte e sincera.

— Pelo poder investido em mim pelo Estado do Texas, eu os declaro marido e mulher.

Pronto. Em sete minutos, estavam casados. Atrelados. Unidos, amarrados, colados como uma unidade. Até que a morte os separasse, ou até que Kael decidisse que estava enjoado do papel de marido e pai.

— Pode beijar a noiva.

Daisy voltou-se, o buquê chacoalhando em suas mãos.

Kael pousou as mãos em seus ombros e olhou-a intensamente.

Ela sentiu-se mergulhando, cada vez mais rápido, como num redemoinho, na aura de Kael Carmody. Segurando a respiração, sentiu o coração irregular quando ele a puxou para si e beijou-a com gentileza.

Tia Peavy aplaudiu, entusiasmada.

O juiz Crinshaw parabenizou-os.

O sorriso de Travis ia de uma orelha a outra.

— Eu consegui um pai — gabou-sé, com o peito inchado.

— Conseguiu, e estou encantado em ter um menino tão bonito como filho — retribuiu Kael.

Os olhos dele brilharam e Daisy podia apostar que o homem estava quase chorando. Olhou para o marido e para o filho e entendeu que tomara a decisão correta. A felicidade de Travis significava muito mais do que a sua própria.

— Agora podemos ir ao piquenique dos escoteiros! — anunciou a criança.

— E isso é só o começo! — Kael acariciou os cabelos macios do menino. — Vamos pescar, nadar e acampar também!

— Uau!

O juiz Crinshaw sorriu e desceu da bancada.

— Desejo o melhor a vocês. Estou vendo que formarão uma grande família. — Cumprimentou-os com um aperto de mão.

Daisy sentiu-se culpada. Inadvertidamente, o

juiz casara-os sob motivo falso. Presumira que os dois estavam apaixonados e planejavam ter uma vida em comum. Sentiu uma dor no estômago, pior do que aquela que sofrerá quando Kael deixara Eagleton.

— Daisy? — Kael ofereceu-lhe o braço.

Hesitante, ela aceitou. O toque dele era quente, forte e re-confortante. Ela mesma surpreendeu-se com o apoio que emanava dele.

Saíram da sala, com Travis e tia Peavy, falando sem parar, acompanhando-os de perto.

Fora, pararam nos degraus do prédio do tribunal e estreitaram o olhar sob o brilho intenso do sol. Daisy sentia-se estranha, como se fosse uma atriz no papel de noiva.

— Nunca pensei que viveria para ver este dia! — exclamou tia Peavy, com um suspiro comedido. — Daisy, finalmente casada!

— Acho que isso significa que a senhora é a minha tia Peavy também — comentou Kael.

— Oh, sim, por favor, pense em mim desse jeito, meu rapaz!

— Venha cá, titia. — Kael parou, soltou a mão de Daisy e abraçou forte a velha senhora.

Ela riu feito uma colegial.

Daisy revirou os olhos. Se ele queria bajular vovozinhas…

— Ouça — começou tia Peavy, afastando-se e pescando na bolsa um punhado de notas de vinte. — Quero fazer algo especial para vocês dois. Que tal se eu pagar a noite de núpcias num hotel de primeira em Corpus Christi?

— Oh, tia Peavy! — comoveu-se Kael. — Que gesto simpático!

— Não! — recusou Daisy, sucinta.

Kael e tia Peavy olharam para ela.

— Mas essa agora, filha! Deixe-me fazer algo bonito para você de vez em quando… — censurou tia Peavy.

Daisy balançou a cabeça.

— Não vai haver nenhuma lua-de-mel!

Tia Peavy ficou visivelmente decepcionada.

— Nada de lua-de-mel? Ah, mas, querida…

Kael ergueu uma sobrancelha.

— Daisy, é rude recusar um presente.

Sim. Era exatamente o que ela queria: uma noite sozinha com Kael Carmody em alguma suíte nupcial. Sabia que motivos escusos o incentivavam. Bem, ela não iria permitir nada disso. Tinham um acordo. Aquele casamento era só no papel.

— Há muito trabalho a ser feito na fazenda. Não tenho tempo para atividades tão frívolas como uma lua-de-mel.

Então, antes que tia Peavy e Kael pudessem protestar, Daisy pegou Travis pela mão e foi andando até onde a caminhonete de Kael estava estacionada.

— Isso mesmo, srta. Toda-toda — resmungou Kael. — Mantenha a guarda alta. Não deixe que ninguém se importe com você.

Ofendida com a acusação, Daisy parou no meio da rua, sem se importar com os carros que pararam por sua causa. Olhou para Kael.

— Eu tentei confiar em alguém certa vez, lembra-se? — Ela olhou para o filho. — Nós dois sabemos o *que* aconteceu.

— Daisy — advertiu Kael, e foi até ela, agarrando-a pelo cotovelo. — Saia do meio da rua.

Um carro passou buzinando e o motorista mostrou-lhes o punho.

— Oh, saiam já daí! — exclamou tia Peavy, ainda à entrada do prédio do tribunal. — Alguém vai acabar se ferindo!

— Mãe! — chamou Travis, o cenho franzido mostrando preocupação. — Você e meu novo pai estão brigando?

— Não, Travis, não estamos brigando — informou Kael. Levou Daisy e Travis para a calçada oposta antes de voltar para pegar tia Peavy.

Daisy sentiu toda a resistência esvair-se. Precisava começar a controlar as reações a Kael Carmody, principalmente na frente de Travis. Não podia permitir que o homem a afetasse daquela forma.

Kael e tia Peavy voltaram batendo papo, o que a dispensou de qualquer conversa. Sentia-se agradecida. Ficou quieta, protegida pelo cinto de segurança, segurando o buquê.

Sentiu-se inexplicavelmente triste. Era o dia de seu casamento. Deveria estar delirando de felicidade. Em vez disso, o futuro assomava tenebroso e incerto. Quanto tempo isso iria durar? Quando ele ficaria cansado do papel de marido e pai e iria embora? E, pior de tudo, quanto tempo levaria para Kael erodir suas defesas e convencê-la a aceitá-lo na cama?

Daisy mordiscou os dedos. Olhou de soslaio para Kael. Ele ouvia com atenção as explicações de Travis sobre o piquenique dos escoteiros.

Pai e filho. Juntos, unidos afinal, após sete anos de separação. Engolindo em seco, Daisy

percebeu que estava um pouco enciumada da proximidade que eles logo estabeleceram. Travis estava tão necessitado de atenção masculina que aceitara Kael imediatamente. E Kael, bem, nunca imaginara que ele tivesse tanto jeito com crianças.

O perfume das rosas e cravos pairava no ar, lembrando-a do evento recente. Um casamento. Gostasse ou não, eram três agora, eram de fato uma família. Precisava encontrar uma forma de lidar com esse fato.

— Daisy?

Ela ergueu a cabeça. Kael tinha a chave da caminhonete na mão. O tom era gentil, terno e encantava-a mais do que queria admitir.

— Sim?

— Chegamos.

Ela olhou ao redor e entendeu que estavam mesmo na fazenda.

— Oh.

Tia Peavy e Travis já tinham descido do carro e estavam entrando na casa.

Daisy sentiu algo como pânico.

Estavam sozinhos. Juntos. Ela e Kael. Sr. e sra. Carmody.

— Vamos dar uma volta — sugeriu ele.

— Eu não quero.

— Precisamos conversar.

Havia uma súplica no olhar dele que ela nunca vira antes. Apesar de sua decisão, sentiu o coração amolecer um pouquinho.

— Está bem — concordou, e deixou que ele a ajudasse a descer da caminhonete. O toque, como sempre, era desorientador.

Ele passou o braço por trás dela e conduziu-a pela trilha até o apiário.

— Você ainda está muito zangada comigo — declarou ele, a brisa fresca agitando seus cabelos à medida que caminhavam. O cheiro da colônia dele misturava-se ao cheiro de mel, provocando o olfato.

— Não sei se estou zangada…

— Você nunca me perdoou pelo que aconteceu.

— Por que deveria? — indagou ela, a dor antiga ressurgindo intensa.

— Porque já faz muito tempo. Porque eu lamento demais o sofrimento que infligi a você sem querer.

Ela o encarou. Ele não tinha mais a atitude convencida e confiante. O homem ali a seu lado era comedido, desculpava-se.

— Está pedindo demais.

— Não pode guardar rancor para o resto da vida, Daisy Hightower Carmody.

Daisy Carmody. Soava bem. Bem demais!

— Oh, não?

— Só você vai acabar machucada, a longo prazo.

— Como assim?

— Vai se tornar uma mulher amarga, cruel. É assim que pretende passar o resto de sua vida?

As palavras atingiram-na em cheio. Aquilo aproximava-se demais da verdade. Baixou a cabeça e ficou olhando para o capim seco.

— Já não paguei o bastante pelos meus erros? Perdi sete anos da vida de meu filho — continuou Kael.

— Eu concordei em me casar com você. É um começo, não é? — observou ela, ansiosa em mostrar-lhe que não era completamente insensível.

Ele parou de caminhar e tomou-lhe as mãos.

— Então, vamos fazer deste casamento algo verdadeiro, Daisy. Vamos fazê-lo funcionar. Pelo nosso filho. Ele precisa de pais formando uma família de verdade. Pode fazer isso?

— O que quer dizer com casamento verdadeiro? — Ela ergueu o queixo e encarou-o corajosa.

— Quero dizer um casamento no sentido amplo da palavra.

— Desculpe-me, Kael, acho que não posso lhe dar o que me pede.

— Por que isso? Porque está com medo de ser amada, tanto emocional quanto fisicamente?

— Eu não estou com medo! — negou Daisy, mas a voz saiu vacilante, contradizendo o significado das palavras.

— Acho que está.

— Desde quando virou especialista nos meus sentimentos?

— Desde a primeira vez que a beijei.

— Ha!

— Desdenhe se quiser, mas você contém as suas emoções de propósito. Você fica zangada na tentativa desesperada de esconder o fato de que está com medo da vida.

— Eu! Medo da vida? Quem foi que ficou aqui e assumiu a responsabilidade pelo nosso filho? Quem fugiu para ser peão de rodeio?

— Pare de bancar a mártir, Daisy. E o seu papel favorito, mas a realidade é que você se

atirou no trabalho para não enfrentar a verdade. Você ficou, mas porque tinha medo de qualquer outra coisa. Medo até de fazer amor comigo. E por isso que não me quer em sua cama. Não porque é louca, mas porque é uma medrosa.

— Isso é bobagem! — negou ela, veemente.

— E? Então explique por que ainda é virgem aos vinte e seis anos, quando a maioria das mulheres já está casada e com filhos. Você deixou bem claro que não é porque estava esperando por mim.

Ela ruborizou. Como ele sabia? Desanimada por ele ter descoberto seu segredo, tentou afastar-se, mas Kael a mantinha presa.

— Não, senhora. Não vai fugir. Vamos esclarecer tudo entre nós de uma vez por todas.

— Solte-me — pediu ela.

— Daisy, não tem problema estar assustada. Só precisa admitir. Não tem que esconder nada de mim, amor.

— Não me chame assim. — Até a voz dela denunciava o pânico, confirmando a avaliação dele.

— Por que não? Você é minha esposa. — Ele acariciou-lhe o braço e ela sentiu um arrepio percorrer a espinha. — O marido deve dizer coisas bonitas para a esposa.

Esposa.

A palavra devia trazer conotações felizes, agradáveis, mas em vez disso parecia um nó. Apertado e pressionando cada vez mais, quanto mais ele a acariciava.

Não! Não estava pronta. Não estava preparada para assumir esse novo papel que ele lhe impunha.

— Por favor — pediu, esgotada. — Não posso.

— Não pode ou não quer?

Ela afastou-se e, desta vez, Kael não a impediu.

Daisy voltou-se e correu o mais rápido possível. A risada de Kael, áspera e sem misericórdia, ecoou, desdenhosa, às suas costas.

— Enfrente a verdade, Daisy Hightower, no fundo, você não passa de uma covarde!

Várias semanas se passaram após o confronto desastroso do dia do casamento. Kael dedicava a maior parte do tempo livre com Travis. Foram ao piquenique dos escoteiros, à matinê no sábado, à missa no domingo. Como uma plantinha precisando de água, Travis absorvia toda a atenção do pai.

O próprio Kael surpreendia-se por não experimentar nenhuma das emoções negativas que sempre associara à paternidade. Cada minuto com o filho parecia um momento brilhante de alegria, ainda que estivessem apenas assistindo à televisão.

Travis fazia milhões de perguntas sobre a vida na estrada seguindo o circuito de rodeios. Embora Kael contasse suas aventuras para a criança, não se sentia inclinado a voltar àquela rotina.

Exceto por seu relacionamento com Daisy, a vida nunca lhe parecera tão plena e enriquecedora.

Daisy Hightower, entretanto, era outra história. Entre eles, tudo permanecia como antes.

Durante o dia, trabalhavam lado a lado na reorganização das colméias, mas ela raramente dirigia-lhe a palavra e aquele silêncio provocava Kael mais do que qualquer coisa. Quando ele falava, ela respondia com monossílabos. Com o passar dos dias, ele acabou desistindo de obter sua atenção e concentrou-se em reforçar a ligação com Travis.

Na verdade, amava-a agora mais do que nunca. Observá-la em ação fez com que entendesse exatamente o que ela sacrificara pelo filho durante todos aqueles anos. Era uma pena Daisy encarar a vida daquela forma tão sisuda. Se pelo menos houvesse um modo de quebrar a barreira que ela construíra ao redor de si mesma e de suas emoções. Pois ele sabia que, por baixo daquela concha dura, residia o mais terno dos corações. Um coração tão vulnerável, tão frágil, que ela se recusava a permitir que alguém o invadisse por medo de se ferir novamente.

E ele era o motivo de tanta dor.

A fim de conquistá-la, Kael passou a preparar-lhe o banho, e ela nunca lhe agradecia. Passou a preparar o café da manhã também, que ela saboreava sem dizer palavra. Passou a lavar os pratos, ela nem notou. Nada parecia funcionar. Finalmente, após três semanas de casamento, decidiu ignorá-la.

— Precisamos recolonizar oito colméias lá perto do lago — anunciou Daisy, certo sábado pela manhã. Kael e Travis estavam no sofá, ainda de pijamas, comendo sucrilhos e assistindo a um desenho na televisão. — Martin do correio ligou avisando que as abelhas-rainhas chegaram. Vou até a cidade pegá-las. — Ficou olhando para eles, um brilho de inveja no olhar.

Ela está com ciúme, concluiu Kael, da *proximidade que eu e Travis conseguimos em tão pouco tempo.*

— Estarei de volta em meia hora e espero que vocês dois estejam vestidos e desatolados do sofá. — Girou a chave da caminhonete no dedo.

— Ah, mãe! — reclamou Travis.

— Não me venha com essa. — Ela franziu o cenho. — Ou desligo a televisão agora mesmo.

— Daisy, não seja tão mal-humorada — apaziguou Kael. — Relaxe, hoje é sábado.

— As abelhas não sabem que dia da semana é. Bem, tenho muito trabalho. Ao contrário de algumas pessoas, não tenho tempo para ver desenho animado.

Sem olhar para trás, pegou a bolsa e saiu da sala.

— Vamos lá, garotão! — incentivou Kael e acariciou os cabelos de Travis. — Vamos deixar mamãe feliz. — Pegou o controle remoto da televisão e desligou-a.

— Está bem. — Travis pulou do sofá. — Talvez dê tempo de empinar a pipa nova antes que ela volte…

Kael olhou pela janela.

— Não sei se tem bastante vento.

— Por favor? —- Travis lançou os olhos cor de amêndoa e

Kael concordou logo.

— Está bem, campeão, vamos tentar. — Kael bateu as mãos.

— Agora, mexendo-se.

No percurso de volta do correio, Daisy castigou-se por sua atitude azeda. Desde seu “casamento” com Kael Carmody, andava uma pilha, esforçando-se contra o nervosismo que a tomava toda vez que ele estava por perto.

Qual é o problema, Daisy, está com ciúme?

— Isso é ridículo — resmungou baixinho para si mesma.

— Não estou com ciúme de Kael Carmody.

Mas tinha que admitir que se aborrecia com o

fato de ele ter conquistado tão facilmente o carinho de Travis. Com certeza, aquilo era fácil para Kael. Bancar o herói.

Espere um pouco, voltou a vozinha interna. *Espere até o rodeio na cidade na próxima semana. Então saberá de uma vez por todas se Kael Carmody resiste à tentação.*

Suspirando, Daisy entrou no pátio junto à casa. Desligou o motor, desceu da caminhonete e viu tia Peavy preparando sopa era lata e uma salada para o almoço.

— Oi — saudou Daisy. — Como foi o ensaio do coral?

— Não foi mal. Mas é claro que o reverendo não pode reclamar de nada, só tem a nós.

Daisy sorriu. Três quartos das senhoras do coral, tia Peavy inclusa, cantavam fora do tom.

— Onde estão Kael e Travis? — indagou. — Não na frente da televisão, espero.

— Não, não. Eles já não estavam aqui quando Jenny Louise me trouxe.

— Ótimo. Bem quando preciso deles, desaparecem.

— Jenny Louise vai voltar às seis. Vamos ensaiar uma peça nova e ela me convidou para ficar por lá esta noite. Está bem para você?

— Claro — respondeu Daisy, e viu um bilhete na porta da geladeira onde se lia "Daisy… já estamos no lago. K. e T."

Humm. Só esperava que os dois não tentassem lidar com as abelhas sozinhos. Saiu de novo pelos fundos.

Algo no céu lhe chamou a atenção e ela ergueu o olhar. Uma pipa vermelha e preta tentava flutuar sobre as correntes de ar. Sentiu alívio. Kael e

Travis não estavam brincando com as abelhas.

Pegou de novo a caminhonete e rumou para o lago.

De longe, viu Travis correndo para dar velocidade à pipa. Kael estava a poucos metros, as mãos nos quadris, um sorriso tonto no rosto enquanto observava o filho.

O filho deles.

— Travis! Olhe para onde vai! — gritou Kael. Daisy viu o perigo e alarmou-se.

Mas a advertência chegou tarde demais. Travis colidiu contra uma colméia.

A caixa cambaleou e caiu, quebrando-se. As abelhas saíram zangadas.

— Oh, não! — Daisy freou o carro, correu para a casinha de ferramentas e pegou o fole com defumador.

Kael estava mais perto e foi mais rápido. Agarrou a criança e, mancando, correu para o lago, ambos perseguidos por uma nuvem escura de abelhas.

— Corra! Corra! — gritou Daisy, correndo de encontro às abelhas e tentando acender o defumador.

Com Travis junto ao peito, Kael aproximava-se velozmente do lago. As abelhas já quase os alcançavam quando ele tropeçou numa raiz de árvore e caiu. Ainda conseguiu lançar o menino à água e protegeu-se como pôde.

As abelhas atacaram.

Daisy gritou. Só havia um alvo: Kael.

Finalmente, o defumador acendeu e Daisy conseguiu afastar as abelhas.

— Oh, Kael! — gritou ela, concentrando a

fumaça espessa.

O enxame afastou-se.

— Você está bem?

A mão com que ele protegia a cabeça estava vermelha e cheia de ferroadas.

Daisy ajoelhou-se e afastou uma mecha de cabelo do rosto dele.

— Consegue andar?

Kael gemeu e tentou se levantar. Daisy sentiu uma dor no coração.

— Meu joelho… — balbuciou, o rosto contraído de dor.

— Venha, apóie-se em mim. — Ela o ajudou a se levantar. Kael olhou-a por entre as pálpebras inchadas.

— Onde está Travis? Ele está bem?

Daisy voltou-se e viu o menino saindo do lago, trêmulo de frio.

— Você está bem, filho? Levou alguma ferroada?

Ele assentiu.

— Nenhuma, graças a papai.

Papai.

Ela nunca ouvira Travis chamar Kael de pai. Será que ele tinha contado a verdade a Travis? Bem, não era hora de perguntar. O menino estava chorando.

— Eu sinto muito ter trombado com a colméia…

— Ei, pode acontecer com qualquer um — declarou Kael.

— Isso mesmo — reforçou Daisy. —

Precisamos levá-lo para casa. Está inchando mais. Pode andar até a caminhonete?

— Sim. Vamos lá.

Capítulo 8

Daisy instalou Kael na cama e aplicou-lhe uma dose de anti-histamínico e analgésicos. Passou compressa fria em seu rosto, pescoço e nuca. Também posicionou um saco de gelo no joelho injuriado.

— Assim está bom — murmurou Kael, antes de se recostar nos travesseiros e fechar os olhos.

Sentada na borda do colchão, Daisy lutava contra fortes emoções. Emoções como perdão, remorso e amor incondicional.

Kael salvara seu filho. Arriscara a própria vida. Aquele ato de desprendimento ganhou sua estima. Talvez o acidente com o touro o houvesse modificado mais do que ela imaginava.

Resistiu à tentação de estender-se e passar a mão pela boca inchada do caubói. Era engraçado, mas a vulnerabilidade de Kael só intensificou sua paixão, ativando em sua alma uma música que permanecera em silêncio por tempo demais.

— Vou deixá-lo dormir — sussurrou, e afastou-se com a mão no peito. — Venho vê-lo mais tarde.

Kael assentiu, o anti-histamínico já fazendo efeito. Ignorando o coração palpitante, Daisy voltou-se e saiu, fechando a porta.

Tia Peavy estava no corredor, de braços cruzados e expressão transtornada.

— Como ele está?

— Inchado, mas vai ficar bom em poucas horas. Ainda bem que não é alérgico ao veneno das abelhas.

Tia Peavy mostrou-se aliviada.

— Ele parecia mal quando você o trouxe.

— Contei cinquenta e duas ferroadas. — Daisy balançou a cabeça, sabendo por experiência própria o quanto era doloroso.

— Isso derruba qualquer um, mesmo um homem tão durão quanto Kael.

— E melhor você ir conversar com Travis. Ele está muito preocupado. Acha que é culpa dele. Até recusou os meus biscoitos de chocolate.

— Vou falar com ele. — Daisy foi encontrar o filho na cozinha, com o rosto apoiado nas mãos, chorando.

— Querido… — Daisy sentou-se a seu lado e gentilmente acariciou-lhe os cabelos, ainda molhados do mergulho no lago.

— Kael vai ficar bom. Travis ergueu a cabeça.

— Eu fiz isso — soluçou ele, as lágrimas nos cílios. — É tudo culpa minha. Kael me disse para ficar longe das colméias, mas eu não prestei atenção.

— Calma. — Ela inclinou-se e aninhou-o junto ao peito. — Está tudo bem. Kael não culpou você. Acidentes acontecem.

Travis enxugou as lágrimas.

— Tem certeza?

— Sim. Agora, me dê um beijo.

O menino engoliu em seco e beijou-a no rosto.

— Esse é o meu garoto. — Ela sorriu. — Agora, tire essa roupa e tome um banho. Vou ver como ficou a colméia.

— Está bem, mãe. — Ele esboçou um sorriso. — E obrigado.

— Por quê?

— Por não ficar brava por nós estarmos empinando a pipa e termos estragado a colméia.

— Querido, por que eu ficaria brava? Travis encolheu os ombros e evitou-a.

— Não sei. Você anda tão rabugenta desde que se casou com Kael…

A avaliação, dolorosa mas precisa, espantou Daisy. O casamento com Kael afetara-a tanto assim? Precisava fazer uma análise de sua alma. Talvez estivesse julgando o marido com muita severidade.

— Desculpe-me se ando meio irritada ultimamente. Acho que só estou preocupada com as abelhas. Você me perdoa?

— Claro. — Ele sorriu, confiante, e nesse instante ficou muito parecido com Kael.

— Vá lá para cima tomar banho. — Ela o abraçou. — Eu vou vê-lo mais tarde.

Daisy observou o filho sair e foi assolada por uma miríade de emoções. Estava claro que tinha que mudar de atitude. Senão, a barreira que construíra ao redor do coração iria aumentar e acabaria excluindo o filho. Não podia permitir que isso acontecesse. Decidida a ser uma pessoa melhor, pegou o equipamento de manutenção das colméias e foi verificar os danos.

Daisy passou o resto da tarde arrumando a colméia que Travis derrubara e implantando rainhas nas outras colônias. Não importava o quanto se concentrasse no trabalho, não conseguia esquecer a acusação de Travis.

Você anda tão rabugenta desde que se casou com Kael…

Aparentemente, até uma criança de sete anos notara o seu comportamento negativo. Precisava mudar de atitude na presença de Kael. Só porque

não acreditava que ele era capaz de manter um compromisso de longa duração, não significava que não podia agir de forma mais agradável.

No final da tarde, quando completou as tarefas, já tinha se decidido. Conversaria com Kael sobre a situação em que se encontravam.

— Arrumou as abelhas? — perguntou tia Peavy, quando ela voltou para casa,

— Arrumei. — Daisy bocejou e esticou o corpo.

— Que bom.

— Onde está Travis?

— A sra. Carmody convidou-o para ir até lá tomar limonada e comer biscoitos.

— Os Carmody estão em Eagleton?

Daisy não via os pais de Kael desde o dia do incêndio no campo de alfafa. Conversara com eles por telefone antes do casamento e só.

— Chegaram de Nova York esta tarde e Neela ligou dizendo que queria ver Travis. Achei que não fazia mal ele ir até lá, considerando que são seus avós…

Daisy enrijeceu-se.

— Eles não estão planejando contar a ele que são os avós, estão?

— Oh, não. Neela e Chet entendem que você e Kael queiram dar a notícia a Travis no momento certo. Por ora, vão manter a história de avós adotivos.

— É tão estranho ter os Carmody como sogros.

— Pense em como eles se sentem — observou tia Peavy. — Morando na vizinhança por tanto tempo sem saber que o único neto estava a poucos metros de distância.

Suspirando fundo, Daisy largou-se em uma cadeira perto de tia Peavy.

— Esse assunto-todo foi um grande fiasco desde o começo. Rose com certeza atrapalhou a vida de todo mundo.

— Sim. Pobre Rose.

— Pobre Rose? — Daisy franziu o cenho. — Por que ela recebe toda a piedade? Foi ela que causou tudo isso.

Tia Peavy lançou-lhe um olhar sério.

— Porque ela está morta.

— Como se eu não soubesse. Ela era minha irmã gêmea. — Uma onda de hostilidade surgiu, ardente e amarga, surpreendendo Daisy pelo caráter doentio. — Desde a morte de papai e mamãe que ouço "pobre Rose, ela não está se contendo", ou "precisa perdoar Rose, ela não aceitou bem a perda dos pais". E eu, titia? Ninguém pensou em mim?

— Querida, você sempre foi a mais forte. Não havia necessidade de nos preocuparmos com você.

— Não havia necessidade? Eu me tornei uma mulher amarga e infeliz, me escondi nesta fazenda de mel, me dediquei completamente ao filho de minha irmã… a criança que ela pariu após roubar o meu namorado!

Pela primeira vez em dez anos, Daisy estava falando o que pensava, mostrando o que de fato sentia.

— Rose tinha muitos problemas, querida.

— Não acha que isso me afetava também? Eu não sou um robô, bolas! Cansei de ser a confiável, de tomar todas as decisões, de ter que desistir do divertimento por ser a responsável. Se tivessem deixado Rose assumir parte do fardo, se ela tivesse

que se responsabilizar por seus atos, acho que ainda estaria viva!

De repente, a dor que guardara desde a morte dos. pais, o sofrimento de perder Kael e, depois, Rose, aflorou.

— Oh, amor, você sempre foi tão forte. — Tia Peavy levantou-se para confortá-la. — Você tem razão. Eu nunca tive filhos, não sabia como criar duas meninas de dezesseis anos.

— Não a estou culpando — soluçou Daisy. — Estou culpando a mim mesma e a Rose. Acho que estou até culpando papai e mamãe por terem morrido.

— Vá em frente e chore, querida, está retendo isso há muito tempo.

E Daisy chorou, abandonando-se às emoções por tanto tempo guardadas.

Permaneceram ali sentadas por algum tempo, tia Peavy embalando-a, acalmando-a, como ela mesma fazia com Travis.

— Tudo está bem agora. Kael está de volta. *Kael está de volta.*

Era verdade, mas seria motivo de comemoração ou preocupação?

— A vocês foi dada uma criança e a oportunidade de acertarem tudo novamente — avaliou tia Peavy. — Não jogue isso fora porque não consegue perdoar sua irmã.

— O que quer dizer?

— Eu vejo como trata Kael. Punindo-o pelo erro que ele cometeu há sete anos. O homem está implorando o seu perdão, Daisy.

— Ha.

— Não seja cética. Ele a ama há anos.

— Ele nunca me disse isso.

— Alguns homens acham difícil dizer essas palavras simples. — Tia Peavy tirou um lenço de papel do bolso e entregou-o a Daisy.

— E alguns homens não dizem porque não sentem.

— A atitude fala mais que palavras.

— É verdade. E quem fugiu há s$_{e}$te anos? — questionou Daisy.

— Um moleque fugiu. Um homem voltou. Um homem que tem tentado mostrar-lhe o quanto mudou, mas você parece cega aos seus esforços. Kael assumiu as responsabilidades assim que soube que Travis era seu filho. Casou-se com você, Daisy. Isso não lhe diz nada?

— Isso não significa que ele me ame. — Daisy enxugou o rosto com o lenço de papel. — E não há prova de que não vai partir novamente quando ficar entediado. Tenho medo de que ele tenha uma recaída no rodeio da semana que vem.

— Não há nenhuma garantia nessa vida. Pensei que já tivesse aprendido essa lição.

Daisy avaliou a afirmação da tia. Verdade, a vida era uma proposta precária. Se ao menos pudesse relaxar e confiar em Kael. Mas a ideia de perder o controle, deixar a vida fluir, aterrorizava-a.

— Está se sentindo melhor? Daisy assentiu.

— Desculpe-me por desabafar assim com você.

— Ora. — Ela agitou a mão. — Para que servem as tias?

— Você é a melhor — sussurrou Daisy, e abraçou-a com carinho.

— Acho melhor ficar aqui esta noite. Você pode precisar de alguém para conversar.

— Ia sair?

— Não se lembra? Eu ia ficar na Jenny Louise.

— Oh, sim. Tinha me esquecido. Por favor, não mude os seus planos por minha causa. Eu estou bem.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Se tem certeza, então, vou arrumar a bolsa. Jenny Louise vem me pegar às seis. — Tia.Peavy levantou-se.

Nesse instante, o telefone tocou.

— Eu atendo, vá se aprontar. — Daisy mandou tia Peavy para cima e atendeu o telefone.

— Alô.

— Daisy?

— Sra. Carmody. — Daisy reconheceu o tom melodioso e elegante da sogra.

— Por favor — corrigiu ela. — Chame-me de Neela.

— Neela — acatou Daisy.

— Não fica melhor? Parece mais familiar.

— Sim — concordou Daisy, sentindo um calor inesperado no coração.

— Ouça, querida, Travis e Chet estão se divertindo muito jogando no computador. Fiquei imaginando se não há problema em Travis passar esta noite aqui… — Notando a hesitação de Daisy, esclareceu: — Sei que você e Kael não tiveram um momento a sós desde o casamento. Por que não deixa Travis ficar aqui esta noite? Nós o levaremos à igreja amanhã cedo e, então, passamos aí para

deixá-lo. Vão poder dormir até tarde no domingo pelo menos uma vez.

Travis nunca dormira fora de casa e Daisy quis deixar isso claro para a sogra.

— Estamos aqui do lado. Se ele ficar doente, nós o levamos

de volta imediatamente — assegurou Neela.

— Eu não sei…

— Por favor, Daisy. Temos que nos atualizar com o nosso neto. — A voz da sogra falhou, emocionada.

— Mas e o pijama…

— Tem muita roupa de Kael por aqui ainda.

— Então, está bem.

— Oh, muito obrigada.

— Imagine…

Daisy despediu-se e desligou o telefone. Tia Peavy já estava de volta com- a bolsa, pronta para pernoitar na casa da amiga Jenny Louise.

— Era a Jenny?

— Não. Era Neela. Travis vai ficar esta noite lá.

— Que bom — comentou tia Peavy, com um brilho no olhar. — Você e Kael terão a casa toda só para vocês.

Ainda bem que ele está debilitado, pensou Daisy.

— O efeito das ferroadas só dura umas poucas horas, você sabe. — Tia Peavy piscou, como se estivesse lendo seus pensamentos. — Kael vai estar novo em folha quando acordar…

Sim, e era isso que preocupava Daisy. Um carro chegou e alguém buzinou.

— Deve ser Jenny Louise — concluiu tia Peavy, correndo para a cozinha. —; Até amanhã, querida.

Instantaneamente, a casa ficou em silêncio. O relógio no corredor batia.ruidoso, como se contasse os segundos que faltavam para um desfecho desconhecido.

Não seja melodramática, censurou-se, mas não conseguia aplacar a sensação de que algo monumental estava para acontecer.

Ficou arrumando almofadas e revistas que já estavam arrumadas só para ocupar-se, até que, finalmente, parou ao pé da escada.

Subiu devagar, cautelosa, até ficar diante da porta do quarto onde Kael estava. O quarto dela.

Vamos, Daisy, só está verificando se ele está bem. Só isso. Não veja nada além disso, incentivava uma voz interior.

Endireitando os ombros, tomou coragem e girou a maçaneta.

Kael estava virado de lado, o rosto para a parede. A coberta escorregara para o chão e o saco de gelo jazia perto do tornozelo.

Kael murmurou alguma coisa e abraçou o travesseiro. Daisy sentou-se na beirada da cama e ficou olhando para o rosto dele.

Uma mecha de cabelo se colava à testa, dando-lhe uma aparência jovial. Os lábios másculos estavam entreabertos. Notou o maxilar quadrado, o nariz reto e orgulhoso.

E o peito nu! Ele tirara a camisa depois que ela o deixara. Seu estômago era como uma tábua reta, sem pêlos.

Não havia dúvida, era o corpo de um atleta. Firme. Forte.

Musculoso.

Daisy cerrou os .dentes. Havia marcas na pele. Marcas ganhas nos rodeios, indicando que ele preferira acompanhar o circuito ao invés de ficar em Eagleton, com ela. Por outro lado, achava as cicatrizes encantadoras. Eram símbolos de um homem corajoso.

Ali estava ele, seu marido. Deitado quase nu em sua cama.

E se fizessem amor e gerassem um filho?

Do ponto de vista biológico, sentia o corpo gritando sim, sim, sim, mas, racionalmente, sabia que não era possível. Nem tinha certeza de que ele continuaria em Eagleton. Já a deixara antes. Era melhor que ele se fosse antes que tivessem um bebê juntos.

Mas e se Kael tivesse mudado realmente?

Começou a acariciar-lhe a pele, saboreando a sensação prazerosa, desafiando o destino.

De repente, ele agarrou-lhe o pulso.

Chocada, Daisy, de queixo caído, encarou-o.

Ele olhava fixo para ela. Intensamente, o prazer e o desejo evidentes.

— Que acha que está fazendo, Daisy?

— Solte-me — ordenou ela, tentando se desvencilhar.

— Tudo bem, Daisy, se quer admirar o meu corpo. Mas quando começar a me tocar, é melhor estar preparada para a reação ao convite. — Ele a puxou para mais perto até estarem a poucos milímetros um do outro.

— Eu… eu…

— Não me provoque — advertiu Kael.— Estou falando sério.

— Por favor — sussurrou ela, trêmula e excitada.

— Por favor o quê? Você quer que eu faça amor com você, Daisy?

Sim! Mas, oh, como queria que Kael dissesse que a amava, porque, embora o desejasse fisicamente, precisava ouvir aquelas palavras.

— E as ferroadas?

— Já estão sarando. Não vão me atrapalhar na hora de

fazer amor, se é essa a sua dúvida.

— Não estava perguntando por isso.

— Então, por que está vermelha?

— Ouça, Kael Carmody…

— Não, ouça você, Daisy Hightower. Você veio até a *minha* , cama, acariciou o *meu* peito. Você começou isso… está preparada para ir até o fim?

Ela baixou os olhos.

— Não sei.

— E um começo — sussurrou ele.

— Estou confusa.

— Eu sei. — Ele acariciou-lhe o braço. Ela estremeceu.

— Kael, eu…

— Não precisa explicar. Como está Travis? Ele foi picado?

— Não, você o salvou. Ele vai passar a noite com seus pais.

— Vai? — Kael animou-se, um brilho no olhar. — E tia Peavy?

— Ela vai pernoitar na casa da amiga, Jenny

Louise.

— Então, estamos sozinhos? Daisy assentiu.

Kael não continha a excitação.

— Só você e eu a noite toda?

— Sim, mas Kael, eu não posso, não…

— Tudo bem, querida. Eu entendo. — Ele afastou as mechas de cabelo de seu rosto.

— Entende?

— Você precisa de mais tempo.

Não, pensou Daisy, *preciso que me diga que me ama.*

— Você precisa estar pronta — continuou ele. — Está experimentando, mas posso ver em seus olhos que ainda está se reprimindo. Ainda acha que vou traí-la novamente.

— Kael…

— Psiu. Deixe-me apenas abraçá-la.

Kael ajeitou-se e ficaram aninhados no meio da cama. Era maravilhoso tê-lo ali daquele jeito, exatamente como imaginara um milhão de vezes ao longo dos anos.

— Não sabe o quanto ansiei por este momento — sussurrou Kael. — Eu e você, juntinhos, como marido e mulher.

Marido e mulher.

Kael agarrou-a com mais força. Ela o amava. Ele era seu marido. Por que não podia usufruir daquele sentimento incrível?

— Muitas vezes, quando estava na estrada, só o sonho de abraçá-la assim me mantinha vivo — comentou ele. — Era uma vida muito solitária.

— Então, por que não voltou para casa?

Kael permaneceu em silêncio por alguns segundos. Então, suspirou.

— Acho que estava tentando provar alguma coisa.

— O quê?

— Talvez procurasse o meu propósito de vida.

— Ser Kael Carmody não era o bastante?

— Você sabe que foi por isso que rompemos, porque você não quis entender esse lado da minha personalidade.

— Eu sei. Nunca entendi a atração que havia em ficar no lombo de um touro por oito segundos.

— E porque você sempre teve um propósito, Daisy. Primeiro, foi administrar a fazenda após a morte de seus pais; depois, cuidar de tia Peavy e de Rose. Agora, está criando Travis. Você assumiu a responsabilidade como uma abelha-rainha. Você sabia o que precisava ser feito.

— Continue. Estou ouvindo.

— Eu não tinha como mostrar que era homem. Cresci num mundo de luxo, meus pais são ricos, nunca precisei trabalhar, Era filho único, não havia competição. Tive tudo em bandeja de ouro, Daisy. Menos você.

— Você poderia ter a mim também.

— Não sob as suas condições, querida. Você queria que eu desistisse da única coisa que poderia me dar identidade distinta da de meu pai.

— Eu não sabia. — Ela acariciou-lhe a mão.

— Eu queria me casar com você, mas sentia que não tinha nada a lhe oferecer até que fizesse meu próprio nome. Foi por isso que decidi partir para os campeonatos de rodeios, não porque não a amava.

— Você me ama?

— Daisy, eu te amo desde que tinha dezesseis anos. Não descobriu isso ainda?

Ela voltou-se e, com a mão trêmula, tocou-lhe o lábio.

— É verdade?

— Nunca houve nada mais verdadeiro.

Daisy sentiu o coração pulando no peito. Precisava acreditar nele, mais do que de oxigênio.

— Oh, Kael, por que esperou tanto para me dizer isso?

— Porque sabia que não estava preparado para me casar com você. Não há sete anos. Mas eu devia ter dito. Acho que poderíamos ter resolvido a situação, entrado em entendimento, se não tivesse acontecido aquilo com Rose.

Ah, lá estava. A velha dor da traição.

Kael encarou-a.

— Desculpe-me pelo que fiz você passar.

— Pensou mesmo que Rose era eu?

— Claro. Nunca teria traído você. Muito menos, com sua irmã gêmea. Sei que precisa perdoar muita coisa e entendo a raiva que ainda tem aí guardada, mas, Daisy, por favor, entenda que eu cortaria meu braço se pudesse mudar o que aconteceu.

Daisy pousou o indicador em seu lábio.

— Não importa o que aconteceu, não podemos lamentar, de outra forma, não teríamos Travis.

— Doçura, não faz ideia do quanto me deixa feliz com isso.

— Eu pensei muito hoje, Kael. Você se esforçou bastante nesses últimos dias para provar

que pode ser um bom pai. Hoje, quando jogou Travis no lago e deixou que as abelhas o atacassem, entendi que falava a sério.

— Daisy, quero muito que sejamos uma família de verdade, em um casamento de verdade. Pode me ajudar?

Era o momento da escolha de Daisy. Iria perdoar ou atrelar-se à tristeza para sempre.

Daisy seguiu seu coração e deixou de combater as sensações que invadiam seu corpo. Com cuidado, ajeitou-se por baixo dos lençóis para ficar o mais próxima possível de Kael antes de beijá-lo na boca.

Queria Kael Carmody. Ali. Naquele momento. Sem demora.

Arqueando o corpo, Daisy apertou-se contra o marido. Ficou trêmula de desejo e um mundo novo começou a surgir.

— Kael, Kael, Kael… — sussurrou ela.

— Minha querida Daisy — murmurou ele, e começou a beijá-la. — Esperamos tanto tempo por isso. Não quero apressá-la. Tem certeza de que está pronta?

Daisy já estava ofegante.

— Faça amor comigo, Kael — implorou. — Consuma o nosso casamento e me tome como sua mulher.

— Finalmente. — Ele suspirou. — Após tanto tempo. — E toda a dor desapareceu enquanto a tomava nos braços.

Capítulo 9

Kael acordou sorrindo. Sentia o braço adormecido por causa do peso da cabeça de Daisy sobre o ombro, mas não se importava. Olhou para os cabelos ruivos espalhados sobre o travesseiro como uma seda e ficou encantado.

Na noite anterior, haviam feito amor pela primeira vez. Suave, devagar, gentilmente. Ela se entregou a ele como uma flor em busca do sol.

Daisy era sua mulher de fato, agora.

De algum modo, ultrapassara as barreiras que ela erguera ao redor do coração. Não tinha certeza de que a convencera sobre seu propósito em ser um bom pai e marido, mas não fazia mal. O resultado era mais importante.

Só mais um obstáculo permanecia. Fazê-la concordar em contar a Travis que ele era seu pai de verdade. Enquanto não resolvessem essa questão, não poderiam ser uma família completa.

Daisy despertou.

— Bom dia — saudou ele, o sorriso largo. Daisy pegou o lençol e cobriu os seios nus.

— Bom dia — respondeu, timidamente.

— Como se sente?

Ela baixou o olhar, mas não pôde deixar de sorrir.

— Muito bem.

— Muito bem? — Ele fingiu indignação. — Só isso?

— Está bem — admitiu ela, franzindo os lábios. — Sinto-me maravilhosa. A noite passada foi fantástica. — Bocejou e espreguiçou-se com

graça felina.

Observá-la reacendeu o desejo em Kael.

— Não está arrependida?

— Não — garantiu ela.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Pois, se ainda está preocupada com alguma coisa, precisamos conversar sobre isso. — Kael mordeu o lábio inferior e aguardou, apreensivo.

Teimosia, orgulho e falha de comunicação tinham formado a raiz de seus problemas sete anos antes. Kael não permitiria que a arrogância e a falta de conversa os separassem novamente. Não quando tinham ido tão longe. Não quando estavam quase enterrando o passado.

Daisy balançou a cabeça.

— Está tudo bem.

— Você está preocupada com algo. Estou vendo nos seus olhos.

— Só estava pensando em Travis.

— Acordei pensando nele também — admitiu Kael. — Estou pronto para contar a ele que sou seu pai.

— Espere um pouco. — Daisy prendeu o lençol por baixo dos braços. — Está indo rápido demais. Precisamos pensar bem. Não vai fazer mal aguardar mais um pouco.

Kael respirou fundo. Supunha que ela tinha razão, mas, raios, estava pronto para assumir seu lugar legítimo na vida do filho.

— Está bem — concedeu. — Quando, então?

— Não posso lhe dar uma data exata.

— Por que não?

— Porque não sei ao certo quando.

— Você quer dizer que ainda não confia em mim.

— Não foi isso que eu quis dizer — negou ela, mas ambos sabiam que estava mentindo.

— Bolas, Daisy, está me dizendo que a noite passada não representou nada?

— Não.

— Pensei que estávamos progredindo, reparando o que perdemos.

— Foi um começo. Mas foi só isso, Kael, um começo. Há sete anos de rancor entre nós, isso não vai evaporar em uma noite de amor.

— Não se continuar cultivando essa mágoa como um dente cariado.

Ele erguera a voz, irritando-a, e irritando-se por ter cercado de expectativas o ato de amor. Aparentemente, não significara que ela o perdoara.

— Baixe a voz, por favor — advertiu ela. Kael remexeu o maxilar para se acalmar.

— Tudo bem. Faremos do seu jeito. Avise-me quando confiar o bastante em mim para que possa contar ao meu filho quem eu sou. Espero que não seja no nosso décimo quinto aniversário de casamento!

Daisy fechou os olhos para aplacar a dor que sentia no peito. Talvez houvesse errado na noite anterior, entregando-se a Kael. Paixão ardente misturada a anos de emoções reprimidas conspiraram para enfraquecer sua resolução. Entregara-se a Kael sem protesto. Pior, na verdade, ela mesma iniciara a dança.

Mas já estava feito, e não lamentava a ternura que partilharam.

Agora, precisava proteger Travis. Não permitiria que Kael contasse a verdade ao filho sem estar cem por cento segura de que era para o bem do menino.

O rodeio na cidade na semana seguinte seria a prova de fogo para Kael. Após levar Travis para assistir, iriam a uma festa na casa de Mickey Standish. Uma festa cheia de fãs de Kael, todos encorajando-o a fazer a cirurgia e voltar para as competições.

Kael resistiria a essa tentação? Poderia mesmo dar as costas àquela vida? Desta vez, escolheria o amor e a família? Se passasse nesse teste, então Daisy contaria a novidade ao filho.

— Daisy?

Kael observava-a, sério. Ela viu amor no brilho dos olhos amendoados.

— Sim?

Ele tocou-lhe o queixo.

— Não se preocupe, amor — tranquilizou-a, a voz rouca. — Não vou deixá-la novamente. Eu juro.

— Andem logo — implorou Travis, vários metros à frente de Kael e Daisy.

Era uma miniatura do pai, do chapéu às botas. Tinham ido a.Corpus Christi especialmente para comprar roupas de caubói, e Kael achava que ele ficara uma graça.

— Todos os bons lugares já vão estar ocupados quando chegarmos lá — reclamou o menino.

— Espere um. pouco, caubói, até sua mãe e eu o alcançarmos!

Travis revirou os olhos.

— Molengas! — resmungou, mas sorriu

animado.

— Ele mudou muito — comentou Daisy, olhando o filho com uma expressão de ternura.

— Ele está mais aberto — concordou Kael. — Não parece tão tímido desde que comecei a levá-lo para a cidade comigo quando vou resolver uns assuntos.

— Eu o mantinha muito preso na fazenda. Sei disso.

— Você fez o melhor possível — suavizou Kael.

— Você faz bem a ele.

— Oh, obrigado — respondeu Kael e passou a mão pela cintura dela, apoiando-se ao máximo sobre a perna boa para não mancar.

Passaram pela entrada e contornaram as barracas. Travis ria de excitação, os olhos muito abertos, absorvendo todas as imagens e sons. Incapaz de deixar de participar da festa em algum nível, Kael ostentava sua fivela de ouro. Várias pessoas o chamaram e cumprimentaram. Ele acenou de volta.

— Uau! — exclamou Travis, impressionado. — Você conhece muita gente!

Kael pousou a mão no ombro do filho.

— Participando de rodeios por sete anos, a gente acaba conhecendo todo mundo.

— Quero ser peão de rodeio quando crescer! — declarou Travis. O anúncio do menino trouxe emoções conflitantes a Kael.

Gostaria de ver seu filho arriscando a vida naquele esporte?

— Pode tirar essa ideia da cabeça, mocinho! — avisou Daisy, olhando brava para Kael, como se o

culpasse pela ideia do menino.

— Ah, mãe… — Travis chutou uma pedrinha. — Você nunca me deixa fazer nada.

Kael aconchegou-a junto a si.

— Não se preocupe. Ele vai esquecer isso. Na semana que vem, vai dizer que quer ser bombeiro.

— Só não o incentive — sussurrou ela. — Sabe como me sinto a respeito de montar touros.

— Calma, mamãe crocodilo. Vamos, estou vendo bons lugares ali em cima.

Subiram pelas pranchas de madeira e Kael instalou-os perto das baias dos touros.

— Muito bem, vamos aos comes e bebes — animou ele. — Estou tomando nota. Quem quer refrigerante?

— Eu quero uma cerveja fraca — informou Daisy, ainda aborrecida.

— Quentão! — avisou Travis. — E algodão doce.

— Volto num minuto.

Assobiando, Kael foi até os quiosques de alimentação. Era ótimo estar de volta à arena, ainda que como espectador. Por mais que amasse a esposa, não podia negar que o rodeio o atraía.

Se não estivesse machucado, acompanhado de Daisy e Travis, iria direto aos bastidores avaliar os touros e trocar impressões com os "companheiros".

— *Deixe estar, Carmody* — disse a si mesmo. Entrou na fila, mas não deixava de olhar para a movimentação de peões, preparando-se para o evento.

De repente, sentiu um aperto no ombro.

— Não vai ver o que temos hoje para montar? Kael voltou-se e viu seu ex-agente, Randy Howard.

— Ei, seu grande trapaceiro! — Kael apertou a mão de Ron, amistosamente. — Como vai?

— Muito bem — garantiu Randy e afastou-se um pouco para ver Kael por inteiro. — O casamento lhe fez bem.

Kael olhou para Daisy na platéia.

— Sim. Casar-me com Daisy foi a melhor coisa que fiz.

— Deve ser difícil se adaptar à vida familiar. Diga a verdade, não sente falta dessa agitação dos rodeios?

— Bem, não foi só a família que me afastou dos rodeios — declarou Kael, e tocou no joelho.

— O joelho não é problema — declarou Randy. — Sabia que Tug Jennings voltou no mês passado após fazer a mesma cirurgia de que você está precisando?

Tug ficara fora do circuito por três anos e saber que ele estava de volta trouxe uma sensação estranha a Kael.

— Quando estiver pronto para aquela cirurgia, avise-me — pediu Randy. — Adoraria preparar a sua volta.

Kael sorriu.

— Isso não vai acontecer.

— Então, o que o mantém ocupado hoje em dia?

— Um grande apiário.

— Api… o quê?

— Estou ajudando Daisy a cuidar da fazenda

de mel.

— Ora, eu nunca conseguiria fazer algo tão “pé no chão”! Ouça, preciso ir. Tenho dois peões montando hoje, mas nenhum é tão bom quanto você! *Como você!.*

— Boa sorte com o negócio de abelhas. Mande-me um pote de mel no Natal. — Randy voltou-se e perdeu-se na multidão.

Kael baixou a aba do chapéu para controlar o rancor pelo ex-agente. *Pense em Daisy,* incentivou. *E em Travis. Eles valem qualquer sacrifício.* Randy era um infeliz com três ex-esposas para sustentar e dois filhos que mal falavam com ele.

Kael comprou os lanches e voltou para a arquibancada, ainda inquieto pelo encontro com o ex-agente.

Após o rodeio, carregados de lembranças, foram para a festa de Mickey Standish. Enquanto Kael dirigia, Travis não parava de falar, na traseira da cabine dupla. Daisy olhou para o marido, muito quieto desde que voltara dos quiosques de alimentação.

— Algo errado? — indagou ela.

— Hein? — Kael voltou a cabeça. — O quê?

Daisy sentiu o lábio tremer. Era o que suspeitava. Ele estava sob influência do rodeio, como que encantado. Precisava saber a verdade. Kael conseguiria desistir de tudo por ela?

— Eu vi como olhava para os competidores. Você queria estar lá, não é?

— Por favor, Daisy, não vamos falar disso agora. — Ele suspirou. — Estamos quase chegando à casa de Mickey.

Ela contraiu os lábios e cruzou os braços. As lágrimas ameaçavam transbordar, mas não

permitiria que Kael soubesse como estava se sentindo.

Ele acariciou-lhe o joelho.

Não vou chorar, não vou chorar, reforçou Daisy, mentalmente.

Kael estacionou junto a outros veículos e desligou o motor. Súbito, os convidados saíram, liderados por Mickey.

— O que está acontecendo? — perguntou Kael, saltando.

— Surpresa! — gritaram todos.

— E a sua festa de aposentadoria, cara. — Mickey pousou um braço amigo sobre o ombro dele. — Estamos contentes por estar de volta!

Kael deu uma olhada em Daisy, rígida rio banco da caminhonete. Ergueu a mão.

— Esperem um pouco.

De volta ao carro, abriu a porta do passageiro.

— Vamos? Meus amigos estão dando uma festa para mim. Do tipo “você não vai montar mais, Kael”. Entende? Ficarei honrado se partilhar desse momento comigo, Daisy Hightower Carmody.

Ele estendeu a mão e Daisy cedeu. Como negar-se a partilhar esse momento? Suprimindo todas as dúvidas e temores, permitiu que ele a conduzisse. Travis pulava atrás deles.

— Vamos até a sala de vídeo — convidou Mickey, conduzindo Kael, Daisy e Travis em meio aos convidados. — Preparamos um especial com os melhores momentos da sua carreira.

— O quê? — Kael parecia atônito e embevecido.

— Sentem-se — ordenou Mickey, alojando

Kael no sofá de couro. — E aproveitem.

Trinta minutos depois, ao término da colagem, as pessoas cercaram Kael entusiasmadas. Travis parecia muito orgulhoso do pai tão famoso.

Daisy levou a mão à testa. Sentia-se quente e com falta de ar.

— Mãe?

Ela baixou o olhar e viu o filho a sua frente.

— Sim?

— Posso ir lá fora ver bezerrinhos com os outros meninos?

Daisy queria dizer não, mas lembrou-se de que Travis precisava da companhia de outras crianças. Não poderia mantê-lo sob a barra da saia para sempre.

— Vá em frente, querido.

Consternada, viu-o deslizar entre os adultos e sair pela porta dos fundos.

Todos me deixaram, pensou ela. Mamãe, papai, Rose, Kael e, um dia, Travis e tia Peavy também partirão.

Foi abatida por um grande vazio, tristeza e solidão.

— Aí está você.

De seu lugar no canto da cozinha, Daisy viu Kael sorrindo-lhe.

— Fiquei imaginando onde estaria.

— Não se preocupe comigo — avisou ela. — Vá e divirta-se com seus amigos.

— Daisy, nada tem graça sem você a meu lado.

— Verdade, Kael?

— Quero estar mortinho da silva se for

mentira. Vamos. Como uma criança precisando de mimo, ela acompanhou

Kael. Mickey estava chamando para um brinde.

— Aqui está o nosso convidado de honra — anunciou o anfitrião. — Um peão de rodeio dos bons! Boa sorte em sua nova vida, Kael Carmody!

Todos brindaram e alguém pediu um discurso. Outros incentivaram.

Kael tomou o lugar de Mickey junto à lareira e começou a agradecer formalmente aos amigos. Daisy não conseguiu prestar atenção, sentia-se insegura demais quanto ao destino deles. Apenas no final as palavras começaram a fazer sentido.

— E quero que vocês saibam que esse capítulo de minha vida está encerrado e que um livro totalmente novo está para ser escrito com minha mulher, Daisy, e meu filho, Travis.

Kael voltou-se para ela, o amor transparecendo no brilho do olhar.,

Nesse instante, alguém gritou do lado de fora.

— E uma das crianças! — Pam, esposa de Mickey, avisou os convidados presentes.

Em segundos, os adultos saíram e correram para o curral.

— O que está acontecendo? — perguntou Daisy, puxada por Kael pela mão. — Onde está Travis?

Pam agarrou a filha e tentou descobrir o que tinha acontecido.

— O que foi?

— Aquele menininho ruivo — soluçou a menina. — Ele tentou montar em Ferdinando. Disse que ia ser peão de rodeio como o pai.

Daisy sentiu o coração parar. Um barulho ensurdecedor cresceu em seus ouvidos. Não. Não podia ser verdade. Não o seu filho. Travis, seu menino tímido e tranquilo. Ele não iria montar num touro!

Kael largou sua mão e correu. Daisy quis acompanhar, mas as pernas não obedeciam.

Minutos depois, Kael reapareceu com Travis desacordado nos braços. Pam ofereceu apoio a Daisy.

— O que aconteceu? — indagou Daisy, aérea. Era como se estivesse fora do corpo.

— Os meninos me disseram que ele montou no touro. — A voz de Kael saiu trêmula. — Estava fingindo ser eu. Ferdinando livrou-se dele como se fosse uma pulga. Ele bateu a cabeça. Há um hematoma grande.

— Já chamei a ambulância — avisou Mickey. Kael estava inconsolável.

— Eu causei isto. Eu sou responsável…

— Aqui está o chapéu dele, senhora — disse Scott, filho de Mickey, um menino loiro um pouco mais velho do que Travis.

— Obrigada — murmurou Daisy.

— Papai ama você, Travis — sussurrou Kael junto ao ouvido do filho. Estava muita sozinho em sua dor. — Eu lamento tanto, tanto…

Com calma, ignorando a tristeza de Kael, Daisy agachou-se e passou a mão nos cabelos do filho.

— Querido — sussurrou. — É a mamãe, acorde, sim?

— Se não o tivesse levado ao rodeio — lamentava Kael. — Se não lhe tivesse mostrado vídeos. Se não tivesse incentivado…

— Travis. Pare de brincar. Abra os olhos — continuava ela.

— Daisy. — Kael encarou-a. — Travis está inconsciente.

— Não — ela recusou-se a acreditar. — Não está. Ele só está brincando. Travis, pare já com isso, está me ouvindo?

— Daisy, não, por favor — implorou Kael.

Em coma, não. Por favor, não. Ele é só um menino. Não suportaria perder outro ente amado. Ainda mais Travis. Não essa criança. Não desse jeito.

— Daisy — suplicou Kael. — Diga alguma coisa.

— Kael Carmody! — gritou ela, emocionada. — O que você fez ao nosso filho?

Capítulo 10

O corredor branco, asséptico, do hospital estendia-se quase sem fim entre a sala de espera e a de emergência, para onde os paramédicos haviam levado Travis. As luzes fluorescentes no teto brilhavam, piscando imperceptivelmente ao olho humano em sua frequência característica. Às vezes, alguém da equipe médica era chamado pelo sistema de alto-falante.

Kael notou vagamente todos esses detalhes. O cheiro ativou sua memória e ele lembrou-se da noite, não muito tempo antes, em que entrara num local assim, ferido e sozinho.

Sem perceber, levou a mão ao joelho. Sabia que Travis estava em algum lugar lá dentro e sentiu empatia.

O filho estava machucado e era tudo culpa sua. Kael ergueu o chapéu e enterrou o rosto nas mãos. Alimentara o interesse do filho por rodeios. Secretamente, ansiara para ver a influência de seus genes no garoto. Ancorado no orgulho machista, vangloriava-se das mudanças que processara na criança. Sob sua influência, Travis passara de hesitante e introvertido, como Daisy, a entusiasmado e aventureiro, como ele mesmo. Só que a mudança resultará em problemas. Problemas que jamais previra.

Ter um filho era mais assustador do que imaginara. Ao saber que tinha um filho, concentrara-se no divertimento que teriam juntos. Nunca pensara a sério na enorme responsabilidade da paternidade.

Como tudo em sua vida, Kael entrara com os dois pés na empreitada, sem saber se o terreno era seguro.

Daisy tinha razão. Ele *era* irresponsável e aquilo poderia custar a vida de seu filho.

Sentiu um arrepio. Devia ter ficado longe de Eagleton. Daisy e Travis estariam melhor. Agora, arruinara a vida de todos, coagindo Daisy a se casar com ele.

Daisy.

Ao pensar na esposa, sentiu um aperto no peito. Doía saber o que fizera a ela.

Naquele instante, ela estava com Travis. O médico permitira um progenitor de cada vez no quarto. Daisy insistira em ir primeiro e ele concordara.

— Sr. Carmody?

Kael ergueu o olhar e viu uma jovem enfermeira.

— Sim?

— Seu filho acaba de acordar. Parece estar bem, mas, para ter certeza, o médico quer que ele fique em observação esta noite. Nós o levaremos para o quarto daqui a pouco e poderá vê-lo.

Kael aliviou-se.

— Obrigado. Obrigado por tudo.

— De nada.

Sozinho, Kael hesitou por um instante. Deveria ficar? Ou ir embora? O que seria melhor para Daisy e Travis?

Amava os dois como a ninguém mais. A ilusão dos rodeios nunca se comparara à sensação de estar em casa, em Eagleton.

Mesmo assim, amava-os tanto que devia fazer o que era melhor para eles e não para si mesmo. Nada importava senão o bem-estar de Travis e Daisy. A família vinha em primeiro lugar. Agora e

sempre.

Ambos viveriam melhor sem ele.

Kael acreditava que chegara a essa conclusão horas antes, sentado ali na sala de espera. Era uma má influência para o filho. Colocara-o em perigo. Não havia desculpa para suas ações. Nenhuma. Não podia pedir o perdão de Daisy. Simplesmente não merecia perdão.

Deixaria a cidade no dia seguinte, após transferir dinheiro para a conta de Daisy. Então, procuraria um advogado para tratar do divórcio e devolver a liberdade a ela. Depois disso, telefonaria a Randy Howard e lhe diria que estava pronto para fazer a cirurgia experimental. Que importava se acabasse manco em definitivo? Sem Daisy, a vida não valia nada mesmo. Já se a cirurgia fosse um sucesso, ao menos poderia enterrar a tristeza no único consolo que conhecia: montar em touros.

Voltando-se, Kael ficou em frente à porta pneumática, que se abriu, e mostrou-lhe a noite sem estrelas. Estava contente por Daisy não ter permitido que contasse a verdade a Travis. A separação seria menos traumática assim. Daisy fora mais sábia. Ou o conhecia melhor do que ele mesmo.

— É para o bem de todos, Carmody — incentivou-se. — Sua irresponsabilidade é notória. Você nunca será um bom pai.

— Você viu o meu marido? — perguntou Daisy à enfermeira Susan Karns.

A moça balançou a cabeça;

— Não desde que fui contar-lhe que íamos transferir Travis para o quarto, sra. Carmody. Isso foi há… quarenta minutos.

Sra. Carmody. Gostava do som.

— Se importaria de verificar na sala de espera para mim? Eu sei que ele gostaria de nos acompanhar.

— Claro. Volto já.

Daisy afagou a testa do filho.

— Como está se sentindo, caubói?

— Minha cabeça dói…

— Agora você vai ficar longe dos touros, não é?

— É mais difícil do que parece — comentou Travis. — Acho que foi por isso que papai me disse para não tentar até ter doze anos e só com a supervisão dele.

— Kael lhe disse isso? — perguntou Daisy, surpresa.

— Disse…

— Por que o desobedeceu? — indagou, severa.

— Os outros garotos me desafiaram.

— Travis Hightower, você sabia que não devia.

Ele deu um sorriso com dente quebrado e Daisy ficou feliz por tê-lo acordado, com saúde. Abraçou-o com força. A enfermeira voltou.

— Seu marido não estava na sala de espera. Talvez tenha ido à lanchonete tomar um café ou um lanche…

— É. Obrigada por verificar.

— De nada. Vou assinar o prontuário de Travis e podemos levá-lo para o quarto normal.

Daisy mordeu o lábio. Onde Kael estaria? Precisava conversar com ele e dizer-lhe que fizera uma revisão em sua alma. Aquelas horas de nervosismo passadas na sala de emergência, segurando a mão do filho inconsciente, tinham

atuado com força sobre sua realidade.

Se continuasse com a atitude teimosa, perderia Kael para sempre. O incidente entre ele e Rose pertencia ao passado. Não podia continuar punindo-o indefinidamente e, além disso, havia mudanças positivas nele. A influência em Travis e nela mesma. De algum modo, Kael substituíra o rancor em seu coração por amor.

Crianças se machucavam todos os dias. Se havia um culpado, era ela. Devia ter orientado melhor o filho.

Tinha que admitir que saber que ele estava lá, esperando por eles, que não teria que passar por aquilo sozinha, já aquecia seu coração. Era bom ter em quem se apoiar. Um marido que se importava.

Mas onde estava ele? Tinha tanto a dizer, precisava dizer-lhe que a hora de contar a verdade a Travis chegara.

A enfermeira Susan Karns apareceu à porta.

— Tudo pronto? Daisy assentiu.

— Se vir o meu marido, por favor, diga-lhe em que quarto

estamos.

— Com certeza. Vamos dar uma voltinha, rapazinho?

— Voltinha, mas não em touro! — exclamou o menino.

Minutos depois, estavam no quarto e Travis já pegara no sono. Daisy contatou a telefonista e, apesar da hora, fez com que o chamassem pelo alto-falante três vezes. Passaram-se dez minutos. Quinze. Vinte. Se Kael estivesse no hospital, já teria atendido, a essa altura.

Talvez ele estivesse cansado. Talvez houvesse

voltado para casa.

Então, balançou a cabeça. *Mas sem me avisar? Sem ver Travis primeiro?* Pegou o telefone e levou-o para o banheiro para não acordar o menino. Ligou para casa.

Tia Peavy atendeu ao primeiro toque.

— Titia, sou eu, Daisy.

— Onde você está, querida?

— Estou no hospital. Soube do acidente de Travis?

— Sim, Kael me contou. Como ele está?

— Está bem. Acaba de dormir. Fizeram vários exames. O médico quer que ele fique em observação esta noite, só para garantir.

— Isso é bom.

A tia parecia preocupada, reservada. Daisy sentiu um frio na espinha.

— Titia? Kael ainda está aí?

Tia Peavy hesitou.

— O que foi? — indagou Daisy.

— Querida, lamento ter más notícias.

Daisy sentou-se na borda da banheira, o coração disparado.

— O que foi?

— Kael foi embora.

— Como?

— Kael veio aqui, contou-me o que aconteceu, disse que o acidente de Travis tinha sido culpa dele e que vocês ficariam melhor sem ele.

Daisy sentiu-se tonta.

— O que quer dizer?

— Ele pegou as roupas e pertences e se foi, Daisy. Disse que vai lhe dar o divórcio, submeter-se à cirurgia e voltar a montar.

Atônita, Daisy desligou o telefone sem se despedir.

Bem, ótimo. Se ele quer ir embora, então, boa sorte.

Ela sempre soubera que era tolice achar que Kael se contentaria no papel de marido para sempre.

Vai ficar tudo bem, incentivou-se. *Você e Travis passaram bem sem ele por sete anos. Podem passar sem ele por mais setenta. Aliás, quem precisa de tipos como Kael Carmody?*

Eu.

Daisy sentiu uma tristeza imensa. Lágrimas brotaram e ela recostou a cabeça contra a porcelana fria. Sentia-se mal, fraca e solitária.

— Kael… — soluçou. — Por quê?

Kael dirigiu sem parar a noite toda. A aurora já despontava no horizonte quando chegou a Oklahoma City. Randy Howard lhe dera o nome do especialista que operara Tug Jennings em Kansas City e tomará essa direção sem nenhum outro plano na cabeça.

Durante as dezessete horas em que estivera na estrada, não pensara em nada além de Daisy. A bela, teimosa, obstinada Daisy. Sua esposa.

Não a merecia. Por isso, era melhor esquecê-la. Era melhor deixar que ela continuasse sua vida sem ele.

Ah, Daisy.

A dor que sentiu quase lhe trouxe lágrimas aos olhos.

Queria mesmo fazer a cirurgia, reabilitar-se e voltar a montar touros? E se se machucasse mais seriamente da próxima vez? E se a cirurgia não fosse um sucesso? O que provaria conquistando outro campeonato? Sua masculinidade?

Kael considerou que Daisy tinha razão. Ele não era um homem, era apenas um garoto irresponsável brincando de caubói.

Ergueu a cabeça e olhou-se no retrovisor. O que viu não foi agradável.

— Esta é a sua vida, Kael Carmody. Como vai ser? Vai continuar fugindo e se escondendo dos problemas, ou enfrentá-los?

Viu olhos amendoados, parecidos com os do filho. Naquele instante, entendeu o que tinha a fazer. Só havia uma resposta.

Respirando fundo, ligou o motor e tomou o rumo de seu destino.

— Olhe, mamãe! — O pequeno Travis apontou para a estrada. — Um carro!

O médico dera alta ao menino no dia anterior. Ele perguntara de Kael uma dúzia de vezes e Daisy não tivera coragem para contar-lhe a verdade. Adiantara apenas que o pai seria operado do joelho.

— E papai! — exclamou Travis, os olhos brilhando.

— Não pode ser… — Daisy balançou a cabeça.

— É! É!

— Querido, Kael está em Kansas City para fazer a cirurgia no joelho.

— Não, não está — insistiu o filho. — Ele está chegando pela nossa estrada! — Pulou da cerca e saiu correndo.

Daisy permaneceu onde estava. *Não pode ser.* Mas era.

A porta da caminhonete se abriu e Kael desceu. Abraçou o filho e girou-o no ar. Pai e filho, felizes.

Curiosamente, Daisy sentiu a pulsação baixar.

Kael colocou o menino nos ombros e caminhou na direção dela.

— Daisy? — Kael…

Ficaram se olhando, ambos desejosos de um abraço, mas com medo de fazer o primeiro movimento.

Kael tirou Travis dos ombros e agachou-se a seu lado.

— Eu tenho uma coisa para lhe contar. O menino olhou-o curioso.

— Decidi que não vou mais montar em touros anunciou Kael. — Não é engraçado se machucar.

— Não é mesmo! — Travis arregalou os olhos e mostrou a cabeça. — Minha cabeça ainda dói.

— Da próxima vez, espero que pense antes de fazer algo assim — censurou Kael.

— Sim, senhor.

— Bom garoto. Agora, preste atenção. — Kael limpou a garganta. — Eu sou seu pai de verdade, Travis.

— Eu sei — afirmou o filho.

— Como sabe? —Kael franziu o cenho e olhou para Daisy. Ela encolheu os ombros, confusa.

— Sabendo — repetiu o filho sem hesitar.

— Desculpe-me por não estar aqui quando você era pequeno. E que eu não sabia que tinha um filho até voltar a Eagleton.

— Tudo bem. — Travis lhe deu um sorriso. —

Você agora está em casa…

— Em casa para ficar? — questionou Daisy. Kael levantou-se.

— Sim, querida.

— Travis, por que não vai se lavar para o jantar? — sugeriu Daisy. — Seu pai e eu vamos em seguida.

O menino disparou para a casa como um raio. Daisy fitou Kael seriamente.

— Por que foi embora? Por que me colocou nessa agonia de novo?

— Desculpe-me. Não queria magoá-la uma segunda vez. Só achei que você e Travis estariam melhor sem mim.

— De onde tirou essa ideia, Kael Carmody?

— Se não fosse por mim, Travis nunca teria ousado montar no touro. A minha imagem é que o incentivou.

— Um pouco egocêntrico, não?

— E verdade. Sob a minha influência, seu filho quieto tornou-se um jovem desregrado.

— Sob a sua influência, Kael Carmody, o *nosso* filho saiu da concha. Ele conversa, faz amigos. Está feliz agora como nunca esteve.

— O que está dizendo, Daisy?

— Estou dizendo que você faz bem a ele, ou não tinha notado? Kael ficou exultante. Estaria ouvindo bem? Ela o estava perdoando?

— Eu agi de forma irresponsável. Por minha causa, nosso filho podia até ter morrido.

— Mas não morreu. É assim que reage quando os problemas aparecem? Fugindo?

— Essa foi a minha reação inicial — admitiu

Kael. — Fiquei assustado com a possibilidade de causar ainda mais mal a vocês. Mas, quando cheguei a Oklahoma City, percebi que não poderia continuar. Eu amo você e Travis com todo o meu coração.

— Ama-nos o bastante para ficar conosco nos bons e maus momentos? Ou vai dar o fora quando a vida ficar maçante? Pode mesmo desistir dos rodeios e se estabelecer de uma vez por todas?

Ele aproximou-se e tomou-lhe as mãos.

— Sim, Daisy, posso. Durante as semanas que se seguiram ao nosso casamento, aprendi que não há maior desafio do que estar casado e educar um filho.

Ela se afastou.

— Por que deveria confiar em você?

— Eu comprei a fazenda de meu pai — informou Kael. — Vou tomar conta dos negócios. Cancelei a cirurgia no joelho. E comprei isto para você.

Ele procurou no bolso e tirou uma caixinha preta. Trêmula, Daisy a abriu.

Um solitário de diamante enorme brilhou intensamente. Kael tomou-lhe a mão e colocou o anel em seu dedo.

— Quer se casar comigo novamente, Daisy Hightower? Desta vez, de verdade. Não porque precisa de dinheiro ou porque Travis precisa de um pai. Mas porque eu te amo e quero manter um compromisso com você.

Daisy sorriu comovida.

— Quero.

Kael abraçou-a e beijou-a. Com ternura e esperança.

— De agora em diante, vamos conversar sobre tudo. Nada de fugir, e nada de se esconder por trás do orgulho.

— Combinado — concordou ela.

— Eu a amo desde o nosso primeiro beijo, na casinha de ferramentas. Lembra-se?

— Como poderia esquecer?

— E você tem o mesmo gosto de antes. Doce, muito doce. Sabe em que estou pensando?

— Em quê?

— Poderíamos recriar a cena, mas desta vez ir um pouco adiante. Kael Carmody! Afinal, somos casados.

Antes que ela protestasse, ele a tomou nos braços e levou-a para o lugar especial.

— Daisy, você precisa se descontrair mais! Agora que tem com quem dividir o peso do fardo, relaxe!

Ela sentiu o rosto afogueado.

— Ah, é?

— É.

Foi então que Daisy Hightower Carmody entendeu que conseguira um marido doce como mel.